

2.º CICLO
SOCIOLOGIA

Vidas entrelaçadas em Darque:
uma abordagem aos processos de
(re)construção identitária de
habitantes de bairros sociais
Marta Rodrigues

M

2017



Marta Rodrigues

***Vidas entrelaçadas* em Darque: uma abordagem aos processos
de (re)construção identitária de habitantes de bairros sociais**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia,
orientada pela Professora Doutora Paula Guerra

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2017

Vidas *entrelaçadas* em Darque: uma abordagem aos processos de (re)construção identitárias de habitantes de bairros sociais

Marta Rodrigues

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientada pela Professora Doutora Paula Guerra.

Membros do Júri

Professor Doutor Carlos Gonçalves
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Elenise Andrade
Departamento de Educação - Universidade Estadual de Feira de Santana
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Paula Guerra
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 18 valores

*A todos aqueles que vivenciam
diferentes modalidades e processos de exclusão.*

Sumário

Agradecimentos	9
Resumo.....	10
Abstract	11
Índice de Figuras e Tabelas	12
Lista de abreviaturas e siglas	13
Um ponto de partida: introdução	14
Capítulo 1. Comunidades, territórios e identidades e objetivos de investigação	17
1.1. Fundamentos	17
1.2. Territorialização das problemáticas.....	18
1.2.1. O mapa, o território e as identidades	18
1.2.2. Os espaços de habitação social.....	22
1.3. Questões a resolver, territórios a desbravar	23
Capítulo 2. Espaços vividos, exclusões e fragmentos: um trilha teórico	25
2.1. (Re)configurações e dinâmicas do tecido social urbano: um complexo de relações	25
2.2. Exclusão social: genealogia e operacionalização do conceito	29
2.3. Os processos de (re)construção social das identidades.....	34
2.3.1. Identidades sociais em construção.....	34
2.3.2. Etnicidade	39
2.3.2. O exercício da cidadania no contexto da exclusão social	41
Capítulo 3. Olhares e lentes: um caminho metodológico.....	44
3.1. Estratégia metodológica e técnicas.....	44
3.2. Constrangimentos operacionais	48
3.3. Um complexo feixe de hipóteses	49
Capítulo 4. Narrativas de vidas em Darque: um mosaico pluri-identitário na margem do Lima 52	
4.1. Trajetórias familiares.....	53
4.2. Trajetórias escolares	55
4.3. Trajetórias profissionais.....	60
4.4. Trajetórias e vivências residenciais	62
Capítulo 5. Processos e histórias: uma jornada pelas vivências de exclusão	66
5.1. Situações de desfavorecimento plurais	66
5.2. Posicionamentos e pertencas periféricas.....	67
5.3. Os espaços habitacionais: a comunidade e o espaço em relação.....	69
5.4. Território de residência como fator de exclusão	72
5.5. Relações sociais: entre o consenso e o conflito.....	74
5.6. Vivências de discriminação étnica	82

5.7. A comunidade, as suas vivências, práticas e convivialidades	84
Capítulo 6. Participações, vinculações e fidelidades: um enunciado de dinâmicas de participação social e cívica	90
6.1. Participações associativas e cívicas.....	90
6.2. Iniciativas para a comunidade.....	93
6.3. Comunidade e campo político em relação	95
6.4. Futuros (in)certos: (in)satisfação com a situação de vida atual e visões prospetivas	98
Um ponto de chegada: considerações finais	101
Referências bibliográficas	106
Anexos	112
Anexo 1 – Localização das Comunidades Desfavorecidas de Viana do Castelo.....	112
Anexo 2 – Localização da Comunidade Desfavorecida Darque.....	113
Anexo 3 – Caracterização sociodemográfica da Comunidade Desfavorecida de Darque, 2011	114
Anexo 4 – Ensaio fotográfico	115
Anexo 5 – Grelha de observação	124
Anexo 6 – Guião das histórias de vida	125
Anexo 7 – Guiões das entrevistas semi-diretivas.....	130
Anexo 7.1. – Atores políticos autárquicos – O poder local e a comunidade	130
Anexo 7.2. – Atores institucionais e técnicos locais (técnicos sociais, educativos* e outros com relação direta com a Comunidade Desfavorecida de Darque) – Os atores interventivos locais e a comunidade.....	134
Anexo 8 – B.I. dos atores socioinstitucionais entrevistados	139

Agradecimentos

As palavras que redijo nesta página de reflexão são insuficientes para agradecer a todas as pessoas envolvidas neste projeto. Dirijo um agradecimento especial à Professora Doutora Paula Guerra, pela orientação, pelas palavras de motivação e pelo reconhecimento do trabalho e do esforço consignados a este projeto. Agradeço aos atores autárquicos e técnicos sociais e educativos da Câmara Municipal de Viana do Castelo e da Junta de Freguesia de Darque e do Agrupamento de Escolas Monte da Ola que prestaram o seu tempo com contribuições fulcrais. Agradeço ao Observatório das Comunidades Ciganas que esclareceu algumas inquietações no âmago das questões socioculturais respeitantes à etnia cigana. Teço ainda um especial agradecimento às entrevistadas, que abriram as portas de suas casas e partilharam um pouco de si, enriquecendo este trabalho com as suas histórias de vida. À Alexandra, companheira de caminhada durante o percurso da Sociologia, sem a qual estes 5 anos teriam tido um rumo completamente diferente, e à Patrícia, uma agradável surpresa que muito marcou o trajeto do mestrado: ambas colegas de curso, mas acima de tudo, grandes amigas que a Sociologia me trouxe e com quem partilhei alguns anseios, mas acima de tudo, muitas gargalhadas. Agradeço a todos os meus amigos e familiares, as palavras de apoio e de encorajamento. Não posso deixar de agradecer em especial à Teresa, amiga de todas as horas, pelo apoio e motivação, pelos momentos de descontração e pela presença assídua tanto neste trabalho como na minha vida; à Célia pelas palavras, pela amizade e pelas tardes de estudo; e ao Carlos, por todo o apoio e interesse demonstrado por este trabalho. Ao meu namorado, pelas palavras, pelos momentos e por todo o envolvimento neste trabalho, um enorme obrigada. O maior agradecimento é dirigido à minha mãe, ao meu pai e ao meu irmão pelo apoio incondicional, por apoiarem a concretização dos meus objetivos, por viverem este trajeto comigo e por me motivarem todos os dias, acreditando sempre em mim. Este ano de trabalho foi repleto de aprendizagens, e daqui resulta um nítido desenvolvimento pessoal fruto de uma experiência tão enriquecedora como esta. *O caminho faz-se caminhando* e tenho a agradecer a todos os que comigo caminham, tanto na Sociologia como na minha vida!

Resumo

A matriz sociológica aponta-nos que o tecido social urbano se configura tendo por base as construções sociais que lhe subjazem. A organização do espaço urbano e a vivência em zonas periféricas, alvo de segregação tanto a nível espacial, como social e cultural, condicionam (e são condicionadas) os modos de vida e as representações dos seus habitantes com consequências ao nível dos seus recursos materiais, sociais e simbólicos. Assim, território é sinónimo de apropriação: condensa o conjunto dos projetos e das representações nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. Os bairros – particularmente os que se localizam em zonas periféricas das cidades – são espaços físicos e sociais, por excelência, pautados por fenómenos de pobreza e exclusão social, espaços onde se desenvolvem modos de vida com configurações específicas. Denotam-se, nestes espaços sociais relacionais, incidências particulares de processos de vivência de (auto e hétero) exclusão social. Desta feita, esta Dissertação centra-se na abordagem da exclusão social como processo um dinâmico e multidimensional que se constitui *relacionalmente* como recurso e fonte de tensão identitária no espaço, no território. Na *Comunidade Desfavorecida de Darque* – localizada na margem sul do rio Lima no concelho de Viana do Castelo – confluem conflitos interétnicos a somar às forças exógenas/endógenas de exclusão social de que falamos. Importa, neste contexto, perceber como se estabelece a relação entre identidades e exclusão: continuidades e ruturas enformadas numa malha sociocultural específica. Partindo de uma abordagem metodológica iminentemente qualitativa, esta investigação propõe-se a analisar diacrónica e sincronicamente os processos de reconstrução identitária presentes neste mosaico de diversidades étnico-culturais que caracteriza uma comunidade representada reiteradamente como espaço de exclusão social multifacetada. Tendo em conta que ser-se excluído é estar-se privado do exercício pleno da cidadania, a exclusão social constitui um problema não só social como democrático – de resolução crucial, e dimensão decisiva das políticas de coesão social.

Palavras-chave: espaço social relacional, exclusão social, identidades, etnicidade, cidadania.

Abstract

Within a sociological insight, the urban social fabric designs itself by having its roots in inner social constructions. Urban space organization and life in the outskirts, is a consequence of segregation not only on a spacial level, but also, on a social and cultural level. Actually it impacts (and also is impacted by) the way of living and the representation of their inhabitants with consequences as far as their material, social and symbolical resources are concerned. This way, territory is synonymous of appropriation: it aggregates the gathering of projects and representations of the area and also the social, the aesthetic and the cognitive spaces. Social neighbourhoods, particularly the ones that are located in the outskirts of cities – are physical and social spaces that are mostly branded for poverty and social exclusion phenomenon's, spaces where specific configurations in the way of life are developed. There are signs that, in these related social spaces, there are unique incidences of lifestyle processes of social exclusion (not only from outer citizens but also within themselves). This way, this essay centres itself on an approach to social exclusion as a dynamic and a multidimensional procedure that relationally consists as a resource and an identity tension source in the territory. In the underprivileged Darque community – located in the south shore of the Lima river inside the Viana do Castelo – there are interethnic conflicts adding to the exogenous/endogenous forces of the social exclusion that we are talking about. In this context, what matters is to understand how we establish a connection between identities and exclusion: communities and ruptures to shape a specific sociocultural mesh. Having an imminently qualitative methodological approach, this investigation intents to analyse diachronic and synchronously the reconstruction processes relating to identity that are present in this ethnic-cultural diversity mosaic that distinguish a community repeatedly represented as a multifaceted social exclusion space. Bearing the notion that being excluded is being deprived of the right to be a citizen, social exclusion constitutes a problem that is not only social but also democratic – of crucial resolution, and of major importance in social inclusion policies.

Keywords: relational social space, social exclusion, identities, ethnicity, citizenship.

Índice de Figuras e Tabelas

Figura 1. Equipamentos e habitação de cariz social na Comunidade Desfavorecida Darque	20
Figura 2. Fotografia do parque habitacional – Bairro do Fomento	22
Figura 3. Fotografia do parque habitacional – Bairro do Fomento	22
Figura 4. Fotografia do parque habitacional – Bairro 3 de julho	23
Figura 5. Fotografia do parque habitacional – Bairro 3 de julho	23
Figura 6. Processo metodológico de pesquisa	46
Tabela 1. Bilhete de Identidade das entrevistadas da Comunidade Desfavorecida de Darque ...	52
Figura 7. Word cloud: Trajetórias profissionais dos familiares	53
Figura 8. Acumulação de lixo no Bairro do Fomento	72
Figura 9. Acumulação de lixo no Bairro 3 de julho	80

Lista de abreviaturas e siglas

ADD – Associação Desportiva Darquense

CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

CPSD – Centro Paroquial e Social de Darque

IHRU – Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana

PAICD – Plano de Ação Integrado para as Comunidades Desfavorecidas

PEDU – Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano

PIEF – Programa Integrado de Educação e Formação

RMG – Rendimento Mínimo Garantido

RSI – Rendimento Social de Inserção

SIRD – Sociedade de Instrução e Recreio Darquense

TEIP – Territórios Educativos de Intervenção Prioritária

Um ponto de partida: introdução

Todos os sociólogos sonharam num dia ou noutro que os seus trabalhos poderiam ter um efeito social. Todo o sociólogo teve o desejo de ver as suas pesquisas modificarem a sociedade. Por detrás de qualquer sociólogo dormita a ideia de mudança social. Hess, 1983.

O *Plano de Ação de Integrado para as Comunidades Desfavorecidas de Viana do Castelo* (PAICD) integrado no *Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano* (PEDU) de Viana do Castelo datado de 2016 reúne um conjunto de análises sociais com o intuito de apurar algumas das problemáticas sociais de Viana do Castelo que, por sua vez, são agravados pela conjuntura socioeconómica que assola o país e a região em particular, com consequências diretas ao nível de diversas fragmentações sociais e territoriais. O agravamento dos fenómenos fragmentários e de fragilização social e territorial, como são os efeitos do incremento do desemprego e a perpetuação da existência de baixos níveis de qualificação da população tendo em conta os referenciais desejáveis, contribuem para a perpetuação da imagem depreciativa relativamente às diversas zonas do concelho (tanto centrais como periféricas), para as quais se esboçam um conjunto de medidas inclusivas que incidem sobre as principais problemáticas. Desta feita, o PAICD de Viana do Castelo delimita quatro *Comunidades Desfavorecidas* dispostas por vários pontos da cidade. O PAICD de Viana do Castelo, ao delimitar a *Comunidade Desfavorecida de Darque* e suas especificidades, traça um desenho sócio espacial tendo em conta as problemáticas sociais que confluem nesta *comunidade*. Este constitui o ponto de partida da presente Dissertação. Daqui partimos, então, para a análise sociológica de uma *comunidade* com diversas vulnerabilidades e à apreensão e exploração das identidades sociais implicadas em discursos e práticas e imbricadas numa teia fatores de exclusão social. À margem sul do rio Lima, com uma localização periférica e demarcada pela separação por um rio e uma ponte em relação a Viana do Castelo, surge a freguesia de Darque – espaço social de incidências multiculturais e de problemáticas sociais. Importou-nos perceber como se (re)configuram as identidades sociais de pessoas que são alvo de exclusões sociais e habitam Darque.

A vivência em habitações de cariz social e em acampamentos constituem os fatores de exclusão sócioespacial destes indivíduos devido à carga simbólica desses espaços, assim

como à sua degradação física, reforçados pela localização periférica dos mesmos na cidade. Outros tantos fatores como o desemprego ou o exercício de profissões precárias e pouco qualificadas, as situações de pobreza, a dependência de apoios sociais, as situações de abandono e insucesso escolar, assim como baixas qualificações e analfabetismo e as divergências interétnicas são fatores e condições de estigma, preconceito, exclusão e marginalização sociais.

A análise sociológica aqui presente serve-se de uma metodologia fundamentalmente qualitativa adequada à exploração de problemáticas sociais que envolvem a exclusão social e as identidades. Em termos de técnicas, a observação direta etnográfica dos espaços habitacionais e das práticas sociais e relacionais que nesses se desenvolvem e a entrevista semiestruturada a atores socioinstitucionais e biográficas a membros da *Comunidade Desfavorecida de Darque* foram os principais recursos de abordagem.

Este trabalho pretende perceber *de que modo se (re)constroem as identidades e as práticas socioculturais dos membros da Comunidade Desfavorecida de Darque perante os processos de auto e hétero exclusão social* e, para tal, persegue objetivos que passam pela abordagem sincrónica e diacrónica dos processos de exclusão social vivenciados pela *comunidade* a forma como esses concorrem para a construção identitária destas pessoas e como se transpõem nas suas práticas sociais.

O presente trabalho assentará no desenvolvimento dos seguintes eixos de abordagem, possuindo a seguinte estruturação:

- *Capítulo 1. Comunidades, territórios e identidades e objetivos de investigação* destina-se ao enquadramento e caracterização do objeto de estudo e aos fundamentos da pesquisa e o espaço onde se elencam os propósitos de pesquisa sociológica;

- *Capítulo 2. Espaços vividos, exclusões e fragmentos: um trilha teórico* é o momento de enquadramento teórico onde se abordam os eixos e concetualizações centrais desta investigação, designadamente as dinâmicas que ocorrem no tecido social urbano e o reconfigura, a multidimensionalidade dos processos de exclusão social, a questão das identidades sociais e sua constante reconstrução, assim como o conceito de etnicidade e o exercício da cidadania em contextos de exclusão;

- *Capítulo 3. Olhares e lentes: um caminho metodológico* é o capítulo que desenvolve

considerações acerca das opções teórico-metodológicas, abordando igualmente um balanço dos constrangimentos sentidos do decorrer do processo de investigação e a construção do conjunto de hipóteses teóricas;

▪ *Capítulo 4. Narrativas de vidas em Darque: um mosaico pluri-identitário na margem do Lima* inicia a análise dos resultados empíricos, focalizados nas trajetórias biográficas e influência diacrónica desses processos para a *comunidade* e os efeitos no plano identitário;

▪ *Capítulo 5. Processos e histórias: uma jornada pelas vivências de exclusão* desdobra-se na exploração das vivências residenciais periféricas da *comunidade desfavorecida de Darque*, assim como as relações sociais que se desenrolam nesses espaços sociais relacionais e as experiências de exclusão e o modo como as mesmas se relacionam com as reconstruções identitárias;

▪ *Capítulo 6. Participações, vinculações e fidelidades: um enunciado de dinâmicas de participação social e cívica* é o capítulo que desenvolve considerações acerca dos resultados obtidos relativamente às pertenças e participações associativas, sociais e cívicas da *comunidade*, assim como as visões e posicionamentos acerca das intervenções políticas de que são alvo, assim como as suas perspetivas de vida futuras.

Com este trabalho pretende-se contribuir para o estudo dos processos de construção identitária de pessoas que vivenciam diversas modalidades de exclusão social, nomeadamente no contexto sócioespacial de Darque, Viana do Castelo. No decorrer do trabalho, assiste-se a um processo reflexivo de pesquisa sociológica, fruto de um constante fundamento das opções conceptuais, empíricas e metodológicas.

Capítulo 1. Comunidades, territórios e identidades e objetivos de investigação

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra-territorium quanto de “terreo-terror” (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no “territorium” são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efectiva “apropriação”. Haesbaert, 2004.

1.1. Fundamentos

A exclusão social é produzida e reproduzida “de forma natural e constante” pelas “sociedades humanas”, exemplo disso é a construção de “espaços de exclusão, no heterogéneo tecido social das «cidades»” (Fernandes, 1995: 8). Em Portugal os indivíduos excluídos e marginalizados socialmente “vivem tendencialmente em áreas degradadas e periféricas dos centros urbanos, [...], com habitações sub-alugadas e superpovoadas, privadas de salubridade e de conforto mínimo”, conjuntura com efeitos diretos na “falta de participação nos processos económico, social, cultural e político”, e ainda à “ausência dos direitos fundamentais de cidadania” (Fernandes, 1991: 35, 40). Ocorre um múltiplo processo de auto e hétero exclusão com efeitos diretos e pluriformes nas identidades sociais que medeiam a relação entre “a estrutura social e a acção dos sujeitos” sendo que, para o processo dinâmico de (re)construção identitária, concorrem as “mudanças sociais” e as “novidades culturais” (Kellner, 1992 in Fortuna, 1999: 24). Importante sublinhar que a “sociologia da exclusão social é essencialmente uma sociologia da dependência e da privação dos diversos níveis de poder” (Fernandes, 1991: 9) e é com base em dependências e privações que pretendemos perspetivar a (re)construção identitária.

A presente investigação tem os seus alicerces teórico-conceptuais nas temáticas da exclusão social e das identidades sociais, tendo por base a existência de uma intrínseca relação entre as mesmas, assim como de uma dialética entre as interações e as estruturas sociais. O aprofundamento das referidas problemáticas sociais constitui o estudo de realidades prementes nas sociedades atuais.

1.2. Territorialização das problemáticas

1.2.1. O mapa, o território e as identidades

A cidade de Viana do Castelo confronta-se com situações territoriais de vulnerabilidade cultural, social e económica como descobrem diversos diagnósticos realizados através da inventariação das necessidades – efetuados pelo Município de Viana do Castelo e pelos demais parceiros locais – destacando-se quatro *Comunidades Desfavorecidas* [**anexo 1**], a abranger no PAICD, correspondendo a *Comunidade Desfavorecida de Darque*, localizada na freguesia de Darque [**anexo 2**], ao objeto de estudo desta investigação. A *Comunidade Desfavorecida de Darque*, habita subterritórios onde se localizam bairros sociais e *núcleos de construção precária*¹, albergando problemáticas sociais complexas, designadamente: o Bairro do IHRU (**Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana**) – *Bairro do Fomento* e o Bairro Municipal do Lugar da Areia – *Bairro 3 de julho* e o campamento localizado na parte ocidental de Darque, ocupado pela comunidade cigana – *Acampamento das Alminhas*.

A vila de seu nome Darque significa “Terra do Carvalho ou Carvalhal”, cuja génese do vocábulo remete para o “nome celta de uma árvore – o carvalho” (Gonçalves, 2013: 30) trata-se de uma espécie de área de transição, espaço primordial de chegada à cidade tanto população autóctone como recém-chegada a Viana do Castelo – particularmente populações com menores incidências de capital económico e social – se tem alojado. Estamos aqui, bem próximos das perspetivas da Escola de Chicago na sua abordagem pioneira à localização social na cidade no dealbar do século XX nos Estados Unidos (Coulon, 1995). Em Giddens podemos encontrar uma definição de cidade segundo Park, quando este afirma que “uma cidade é (...) ao que parece, um grande mecanismo de seleção que [...] escolhe infalivelmente de entre toda a população os indivíduos melhor preparados para viverem numa determinada região ou meios” (Giddens, 2013: 224). Por sua vez, faz parte do processo de exclusão social o deslocamento para fora ou para a periferia da sociedade categorias diferentes da população” que acabam por não participar “dos valores e das representações

¹ Com base numa componente da candidatura do Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano (PEDU) de Viana do Castelo – *Plano de Ação Integrado para as Comunidades Desfavorecidas*. Viana do Castelo, Setembro de 2015.

sociais dominantes, com envolvimento, para além das riquezas materiais, do mundo dos valores e do domínio do espírito, isto é, do universo simbólico” (Fernandes, 1995: 16).

O desenho do perfil sociográfico desta *comunidade desfavorecida* (tendo por referência dados do INE de 2011) [**anexo 3**], pauta-se por indicadores reveladores de desfavorecimento económico, cultural e social, a saber:

- Elevado desemprego (15,7%), especialmente de longa duração, corresponde ao pior cenário de procura de novo emprego do concelho, e 85,8% dos indivíduos desempregados em busca de primeiro emprego;

- Situações de pobreza: 16,8% das famílias clássicas com pelo menos um desempregado no seu agregado;

- Considerável abandono e insucesso escolares, e inserção do agrupamento escolar local no Programa TEIP devido ao registo, neste território, de *um número de crianças com um grau de absentismo escolar superior ao dos restantes agrupamentos* (Ator autárquico);

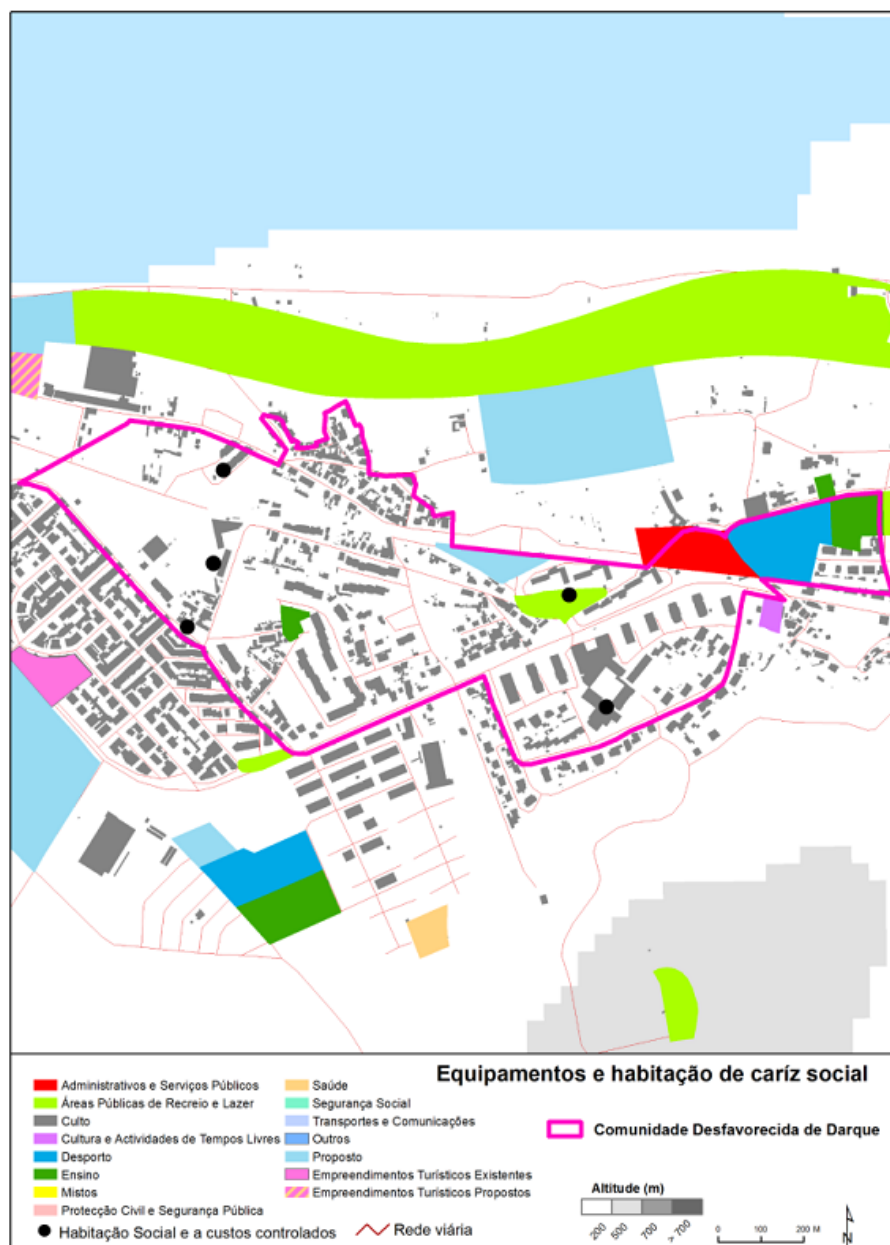
- Níveis baixos de qualificação escolar: taxa de analfabetismo de cerca de 5,7% e apenas cerca de 39,7% da população residente tem qualificações iguais ou superiores ao 3.º ciclo do ensino básico, destacando-se no concelho como tendo os mais baixos níveis de escolaridade;

- Conflitos interétnicos devido à presença significativa de indivíduos de etnia cigana, cuja integração constitui uma das mais recentes problemáticas sociais do concelho de Viana do Castelo. No quadro de uma entrevista exploratória realizada por nós, um agente autárquico referiu que *a questão da etnia é muito evidente e cria uma série de conflitos em termos sociais (...) marcados quer entre os próprios grupos de etnia, entre etnia e os restantes residentes* (Ator autárquico);

- Degradação das residências: 160 edifícios revelam sinais de danificação e desgaste e apontam para casos de precariedade habitacional e processos de desqualificação social e física do espaço público².

² Com base numa componente da candidatura do Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano (PEDU) de Viana do Castelo – *Plano de Ação Integrado para as Comunidades Desfavorecidas*. Viana do Castelo, Setembro de 2015.

Figura 1. Equipamentos e habitação de cariz social na *Comunidade Desfavorecida Darque*



Fonte: CM Viana do Castelo; CEGOT.UP.

Não obstante o cenário negativo apresentado, verifica-se a existência de um conjunto significativo de equipamentos e serviços sociais, escolares e comerciais de proximidade [figura 1], tal como uma densa malha institucional de cariz público e privado, desde instituições sociais a associações desportivas, culturais e recreativas, responsáveis pela

dinamização de alguns projetos de intervenção social³. No âmbito associativo, destacam-se a Sociedade de Instrução e Recreio Darquense (SIRD) que conta com o desenvolvimento de “múltiplas atividades no âmbito da cultura, do recreio, do desporto e da intervenção social”, dança e karaté (Gonçalves, 2013: 107) e a Associação Desportiva Darquense (ADD) desenvolvem-se desportos como o atletismo e futebol (Gonçalves, 2013: 109). A vila de Darque dispõe do Centro Paroquial e Social de Darque (CPSD) que se apresenta como “centro de cuidados continuados, creche, centro de dia e lar de 3ª idade” e envolve a população através da promoção de atividades tendo o apoio financeiro da Junta de Freguesia (Gonçalves, 2013: 97). Neste contexto, o Município de Viana do Castelo intervém tanto no âmbito socioeducativo, através de projetos vários nas áreas do ensino e atividades desportivas e extracurriculares, como pela aplicação do Programa Escolhas e intervenção por via dos protocolos de RSI, assim como a disposição de diversos equipamentos de cariz social⁴.

Se em causa estiver o património material e histórico da freguesia de Darque, destaca-se a zona do Cabedelo, banhada pela praia com a mesma designação, chamariz de turistas tanto portugueses como internacionais pelo facto de ser constituída por um dos considerados melhores mares a nível mundial para a prática de desportos como o “surf, o kite-surf e o wind-surf” (Gonçalves, 2013: 46). Trata-se igualmente de uma área fundamentalmente direccionada para o turismo em hotéis e apartamentos turísticos assim como de campismo (Gonçalves, 2013). O Cabedelo é uma área de fortes contrastes sócioespaciais relativamente à área demarcada e alojada pela *Comunidade Desfavorecida de Darque*.

Conclui-se que a freguesia de Darque está bem apetrechada no que diz respeito a equipamentos sociais e associativos de integração da população nomeadamente mais desfavorecida, no entanto, os núcleos de habitação social revelam uma marca significativa e negativa no e para o território, dadas as problemáticas que lhe subjazem.

³ Com base numa componente da candidatura do Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano (PEDU) de Viana do Castelo – *Plano de Ação Integrado para as Comunidades Desfavorecidas*. Viana do Castelo, Setembro de 2015.

⁴ Cfr. Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano (PEDU) de Viana do Castelo – *Plano de Ação Integrado para as Comunidades Desfavorecidas*. Viana do Castelo, Setembro de 2015.

1.2.2. Os espaços de habitação social

Nas traseiras da Junta de Freguesia de Darque insere-se o *Bairro do Fomento* (IHRU) [figura 2 e 3], sendo o parque habitacional constituído por vários blocos. Nas traseiras do bairro observa-se a linha de comboio e a estação ferroviária de Areia-Darque que se situa nas proximidades.

Figura 2. Fotografia do parque habitacional – Bairro do Fomento



Fonte: Fotografada pela autora.

Figura 3. Fotografia do parque habitacional – Bairro do Fomento



Fonte: Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano (PEDU) de Viana do Castelo – Plano de Ação Integrado para as Comunidades Desfavorecidas. Viana do Castelo, Setembro de 2015.

O Cemitério de Darque situa-se também bastante próximo do bairro assim como a ADD e a SIRD. As paredes dos blocos do bairro encontram-se com uma pintura bastante desgastada e em tons de cinzento, contrariando o seu tom original – branco – denunciando, assim, evidentes sinais de degradação. O espaço público e de lazer do bairro apresenta-se algo degradado e com alguma sujidade acumulada, nomeadamente pela existência constante de um considerável volume de embalagens e de resíduos como papéis e plásticos espalhadas pelo chão. As traseiras do bairro, aquela que é avistada por quem passa na linha ferroviária, é um dos locais onde se observa a mais significativa acumulação de lixo no bairro. A fachada da Junta de Freguesia, voltada para a Estrada Nacional 13, apresenta uma pintura mais atual e revela menos sinais de desgaste da pintura. Do lado da estrada encontram-se alguns serviços como Bancos e algumas lojas de pequeno comércio local [anexo 4].

Figura 4. Fotografia do parque habitacional – Bairro 3 de julho



Fonte: Fotografada pela autora.

Figura 5. Fotografia do parque habitacional – Bairro 3 de julho



Fonte: Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano (PEDU) de Viana do Castelo – Plano de Ação Integrado para as Comunidades Desfavorecidas. Viana do Castelo, Setembro de 2015.

O Bairro Municipal do Lugar da Areia, *Bairro 3 de julho* [figura 4 e 5] como é mais conhecido, localiza-se perto do Centro Paroquial de Promoção Social e Cultural de Darque e também tem nas proximidades estabelecimentos comerciais, sendo que ao lado do bairro se observa a linha de comboio. As pinturas do bairro são em tons de branco e estão em bom estado de conservação, uma vez que foram intervencionadas recentemente. O espaço público e de lazer do bairro apresenta acumulação de lixo e presença de alguns cães presos no exterior do bairro ao lado de triciclos de crianças [anexo 4].

No contexto dos bairros sociais desenvolvem-se dinâmicas sociais próprias que envolvem sociabilidades plurais, sendo que a estigmatização com base no território é muito significativa, exerce influência sobre as práticas sociais dos habitantes de bairros sociais (Pereira & Queirós, 2012; Pereira & Queirós, 2014; Pereira, 2016).

1.3. Questões a resolver, territórios a desbravar

Assim, a nossa investigação tem como eixo principal a temática da exclusão social relacionada com a questão identitária, particularmente social, étnica e cultural da comunidade pois estas configurações sociais e culturais estão *na base de tudo o resto e condicionam muitas vezes a intervenção, as ações e as atitudes* (Ator autárquico). A *Comunidade Desfavorecida de Darque* tem problemas relacionados, sobretudo, com o facto de ser uma

comunidade densa, de existir em grande número, da dificuldade de integração e inclusão social (Ator autárquico) e, neste sentido, questiona-se se deverá ser a comunidade encarada como um todo, pelo que importa perceber, neste âmbito, a heterogeneidade sociocultural imbricada num mosaico de trajetórias e de vivências sociais. Como refere um ator autárquico alvo de entrevista: *toda a gente fala de Darque, o território já está conotado, “as pessoas de Darque...” e nem toda a gente de Darque tem aquelas fragilidades, aqueles desafios digamos assim, o que é certo é que são em grande número e as pessoas acabam por associar* (Ator autárquico). Perante as especificidades levantadas acerca do objeto de estudo exposto, a presente investigação assenta na seguinte pergunta de partida: *De que modo se (re)constroem as identidades e as práticas socioculturais dos membros da Comunidade Desfavorecida de Darque perante os processos de auto e hétero exclusão social?*

A referida questão assenta na concretização dos seguintes objetivos:

1. Aprofundar as principais problemáticas sociais que assolam a área sociogeográfica de Darque e a categorizam como *comunidade desfavorecida* através da contextualização, compreensão e explicação dos processos diacrónico e sincrónico de exclusão social, cultural e simbólica aí presentes: como se configuram os processos de exclusão e quais as atitudes e representações sociais acerca desses processos;

2. Compreender a relação entre os processos de exclusão da *Comunidade Desfavorecida de Darque* e as identidades sociais, étnicas e culturais, assim como os processos de (re)construção identitária dos membros que integram a comunidade;

3. Conhecer o quadro relacional e as dinâmicas subjacentes aos valores culturais, às sociabilidades, inclusive interétnico, às práticas socioculturais e aos modos de apropriação do espaço habitacional público da e pela *Comunidade Desfavorecida de Darque*;

4. Conhecer as representações dos membros da *Comunidade Desfavorecida de Darque* acerca dos agentes políticos e técnicos sociais através das perspetivas dos mesmos relativamente ao apoio político e local relativamente às ações implementadas em prol da sua integração, inclusão e coesão comunitária, étnica e social, assim como os modos de participação política e associativa.

É na prossecução destes objetivos e questão de partida que este trabalho de investigação se guiará.

Capítulo 2. Espaços vividos, exclusões e fragmentos: um trilha teórico

A experiência vivida de desqualificação social é determinada pela desvalorização da zona residencial, na mentalidade geral, e pela crescente precariedade da existência. A identidade negativa resulta destes dados objectivos, da tendência discriminatória da sociedade e da acção estigmatizante das instituições sociais, interação, assim, a cultura da pobreza, as representações colectivas da sociedade global e as instituições sociais. Fernandes, 1991.

2.1. (Re)configurações e dinâmicas do tecido social urbano: um complexo de relações

As dinâmicas sociais que operam no espaço provocam a (re)composição do tecido social urbano (Guerra, 2002) – é sobre este que vão assentar os desenvolvimentos subsequentes. O cenário urbano atual reflete problemas como a “exclusão e a desqualificação sociais, a rejeição, a segregação, a insegurança e a violência urbanas, associadas às zonas e populações que habitam espaços e zonas periféricas e desvalorizadas” (Guerra, 2002: 3-4). As ruturas e as descontinuidades no espaço urbano são territoriais, mas, sobretudo, simbólicas e as zonas periféricas ocupam uma “posição marginal e relegada” na cidade, não se arrogando como “espaços-cidade ainda que sejam parte integrante do (...) urbano” pelo facto de no “imaginário colectivo” serem percebidos como excluídos dos “limites físicos e sociais da cidade” (Guerra, 2002: 4). A ocupação dos espaços sociais desfavorecidos por grupos sociais igualmente desfavorecidos e a distância destes face ao *centro* e aos modos de vida dominantes, é traduzida pela ideia de Teixeira Fernandes de que “excluir do urbano é (...) discriminar e segregar” (Fernandes, 1992: 70-71). Ao longo dos anos fomos assistindo à reprodução das formas de habitação social precária (Queirós, 2015) localizados nas periferias citadinas, sendo que, como Álvaro Domingues aponta que “a distância ao centro, é [...] uma distância sociológica a um centro, sendo este definido pela diversidade e pela densidade das relações sociais, pela intensidade da vida física, pelo acesso à informação, pela aglomeração de recursos culturais, políticos, económicos, etc” (Domingues, 1994: 3). Neste contexto, a cidade tem em mãos o desafio de contrariar as tendências segregadoras de âmbito sócio espacial (Guerra, 2012a).

A segregação social e física dos espaços de habitação social impulsiona a formação de fronteiras evidentes entre as zonas residenciais, com espaços habitacionais e públicos que revelam necessidades infraestruturais (Guerra, 2012b). A segregação sócioespacial prende-se com as diferentes localizações de grupos sociais definidos em função da sua posição social, da sua origem geográfica, da sua religião, etc. Este eixo remete-nos para a instauração de distâncias sociais e físicas e para a protuberância simbólica das diferenças entre o “nós” e os “outros”. Mas não nos iludamos: este processo prende-se não tanto com as distâncias sócio espaciais estabelecidas entre os diferentes grupos no quadro de interação espacial, mas sobretudo, com as desigualdades de acesso aos recursos materiais, lúdicos e simbólicos da cidade (Preteceille, 1992; Paugam, 2005; Pinçon; Pinçon-Charlot, 1989); por outras palavras, a distância face à centralidade da cidade corporizadora de equipamentos e de serviços destinada à propiciação do bem-estar social e humano. O processo de segregação e consequente sobreposição complexa dos territórios sociais enfatiza as diferenças sociais e a título exemplificativo, a emergência de bairros sociais no contexto europeu do pós-guerra, direcionados para as classes sociais mais desfavorecidas são conotados “exteriormente como espaços de «medo», de «miséria», de «desorganização», de «perigo» e de pobreza, e representados interiormente, como espaços de estigmatização, de marginalização e de «destruição», ou mesmo, de «desafiliação»” (Guerra, 2002: 12). O modelo assistencialista, com alguma proeminência em Portugal, conduziu ao agrupamento de grupos sociais considerados *perigosos* e responsáveis pelo desequilíbrio da ordem sociais em bairros (Rodrigues, 2010) sendo que a localização periférica dos bairros reforça o carácter estigmatizante desses espaços sociais e, somando a isto, observa-se uma conceção economicista de habitação que segue à risca a lógica de minimização de custos (Guerra, 2002), contudo com repercussões sociais vincadas em termos individuais e sociais. Independentemente de os espaços sociais relacionais que correspondem aos bairros sociais sejam habitados por pessoas desfavorecidas ou haja uma degeneração do aspeto físico desses espaços, o que prevalece é a crença, o estigma em relação às pessoas que os habitam (Wacquant, 2006). O que se pode concluir a partir daqui é que a simbologia do lugar tem uma carga significativa nas representações acerca dos indivíduos que residem em bairros sociais a somar ao facto de os mesmos serem alvo de demais processos de exclusão. Uma

estrutura urbana fragmentada origina o surgimento de espaços marginais regidos por debilidades no que concerne a equipamentos sociais, condições habitacionais precárias, redes de transporte deficitárias, redes sanitárias com cobertura insuficiente, má qualidade física e ambiental e concentração espacial de comunidades com baixos recursos económicos e sociais (Guerra, 2002).

O processo de marginalização tem uma índole reprodutiva no espaço e no tempo o que nos leva a considerar que “os bairros pobres são os bairros onde os pobres habitam”, e são estes “que os tornam pobres ou tecem as redes que os impedem de romper com as suas condições de vida” (Capucha, 2000: 12). Este cenário revela a lógica reprodutiva de descontinuidades sociais pois as descontinuidades espaciais impulsionam fragmentos sociais e culturais nas práticas e representações dos habitantes destes espaços sociais (Jacquier, 1993). A estrutura urbana deve ser compreendida como condicionante e condicionada assim como inibidora ou impulsionadora da ação social, assentando na dualidade da estrutura proclamada por Giddens (Guerra, 2012a). Segundo Simmel “o espaço é uma forma que em si mesma não produz nenhum efeito” pois a importância social reside nas “conexões das partes no espaço, produzidas por factores espirituais”, isto é, o tecido urbano ganha consistência através das relações sociais desenvolvidas, sendo que o espaço só tem sentido mediante “processos complexos de produções e de apropriações sociais” (Simmel, 1986: 646).

Tomando por base uma abordagem de cariz relacional enformada no que Loïc Wacquant defende: “contra todas as formas de monismo metodológico que pretendem afirmar a prioridade ontológica da estrutura ou do agente, do sistema ou do actor, do colectivo ou do individual, Bourdieu proclama o primado das relações” localizadas segundo as coordenadas tempo e espaço (Cit. por Guerra, 2002: 66). Pierre Bourdieu apresenta um quadro teórico-conceptual operativo pela forma como perspetivou o espaço social e a centralidade do mesmo como mecanismo dos processos de recomposição sócio espacial. A análise bourdeusiana resulta na “relação entre espaço físico e as produções sociais de sentido nele emergentes” (Guerra, 2002: 21), sendo que Bourdieu em *O Poder Simbólico*, afirma que a posição do agente social no espaço social pode ser definida tendo por base a posição ocupada nos campos sociais, e a última relaciona-se com a posse e capacidade de mobilização

de capitais nas suas diversas modalidades (económico, cultural e social), sendo o capital simbólico transversal às diversas modalidades de capital e crucial na medida em que opera na lógica da legitimação dos capitais que, por sua vez, permite a sua perceção e reconhecimento (Guerra, 2012b). Bourdieu concetualiza o espaço social como “relacional” (Bourdieu, 1996: 3) onde as posições ocupadas pelos agentes sociais emergem no contexto de interação e por comparação (Guerra, 2012a). O *habitus* de que nos fala Bourdieu constitui um conjunto de (re)estruturações “por que passam as diversas modalidades de experiências diacronicamente determinadas dos agentes” (Miceli, in Bourdieu, 1987: XLVII) sendo que estas têm o seu *locus* no mencionado espaço social relacional.

Encarando o espaço social como relacional torna-se importante abordar, os quadros de interação como um “conjunto estruturado de práticas, de lógicas, de racionalidades, códigos, rituais dos actores no espaço ocasionadoras de uma forma espacial específica estruturada e estruturante” preconizados por Firmino da Costa (Guerra, 2002: 20). Os quadros de interação existem por relação entre as ações e os sentidos atribuídos pelos agentes no espaço social, sendo a recomposição sócioespacial o produto de contextos sócioespaciais em constante mutação e por isso evidenciando “o que nas relações sociais resulta especificamente do facto destas ocorrerem no espaço” (Santos, 1988: 140). Os “«quadros de interacção»” de que nos fala Firmino da Costa, configuram-se como “conjunto estruturado e estruturante de normas, de percursos, de práticas, de rituais, que fazem confluir e acionar o encontro no espaço social de uma estrutura e de um sistema de disposições mantendo interdependências recíprocas” (Guerra, 2002: 23), distribuindo espacialmente as disposições dos agentes sociais. A cidade trata-se de um “espaço descontínuo” cuja representação é o produto de uma “apreensão sensorial e imagética da realidade” (Fernandes, 1992: 69), na lógica de António Teixeira Fernandes.

Defende-se, assim, a conceção de cidade como universo que comporta dimensões simbólicas e relacionais que se estabelecem entre sociedade e espaço e não a mera soma de funções daí que se sublinha a importância do espaço urbano como palco de relações, como *espaço social e relacional*. Associada à fragmentação urbana verifica-se um “aumento quantitativo e qualitativo dos excluídos *da e na* cidade urbanizada” (Guerra, 2002: 12-13), processo que abarca um maior número situações de “particular vulnerabilidade a situações

de carência – não só económica” (Guerra, 2002: 13) de necessária reflexão acerca dos fenómenos no espaço urbano e suas implicações. As considerações tecidas até ao momento sobre as principais (re)configurações do tecido social urbano, lançam o mote para a abordagem da problemática da exclusão social.

Em última instância, estamos a falar de direito à cidade. Baseando-nos em Harvey, podemos adiantar desde já que o direito à cidade é “muito mais do que uma liberdade individual de aceder aos recursos urbanos: é um direito de nos mudarmos, mudando a cidade” (Harvey, 2008: 23). Lefebvre enfatizou precisamente o modo como a cidade é mais do que o seu tamanho, a sua densidade populacional ou a sua concentração urbana, e tão pouco pode ser reduzida a um espaço de expressão económica ou cultural — em primeiro lugar, trata-se de um local de interação humana e construção sociopolítica. O direito à cidade é, de maneira mais específica, o direito não só a um espaço na cidade, a uma participação económica, ou a uma expressão cultural (apesar de podermos ver que todos estes são cruciais) — é primordialmente um direito a ter uma voz na cidade (Lefebvre, 1972). A questão da mobilidade no espaço urbano também é importante neste contexto de vivência e participação na cidade pois, como referem Jean Rémy e Lilianne Voyé, é condicionada pelo processo de urbanização, na medida em que a descentralização das atividades impõe deslocalizações diferentes para os indivíduos, originando diferenças sociais (Rémy & Voyé, 1994:70). Como tal, infere-se daqui a existência de um potencial para a vida urbana em todos os indivíduos, e que a inclusão na cidade seja parte estruturante da possibilidade de viver a cidade.

2.2. Exclusão social: genealogia e operacionalização do conceito

A primeira abordagem ao capital social foi feita através da indagação acerca da exclusão e, tal como Max Weber referira por via da enunciação das “estratégias de fechamento”, as classes sociais munidas de mais recursos pretendiam conservar “o monopólio de acesso a esses mesmos recursos” (Capucha in Guerra, 2012: 92a). Como aponta Clavel, o conceito de exclusão social foi originalmente empregue na descrição de “processos de desintegração social”, o que Paugam e Castel apontam como as “variadas fragmentações e erosões dos laços entre o indivíduo, a sociedade e o Estado” (Guerra, 2012a: 92).

É crucial a compreensão teórica dos conceitos de pobreza e exclusão social tal como a

evolução dos mesmos ao longo do tempo. Em 1999, o conceito de exclusão social era recente e sofria interferências discursivas tanto de índole política como intelectual, sendo a utilização generalizada do termo acompanhada de equívocos “enquanto conceito científico” (Rodrigues *et al.*, 1999: 64). Dados os problemas que daqui decorriam, surgiu a necessidade de elaborar uma abordagem que permitisse uma “definição mais completa e operacionalizável” (Rodrigues *et al.*, 1999: 64) do conceito. Deste modo, e tendo em conta que a desigualdade se trata de um problema social “inerente a qualquer forma de estruturação social” (Rodrigues *et al.*, 1999: 64), entende-se que a apropriação de recursos pelos indivíduos seja diferenciada e regida por diferentes mecanismos produtores de desigualdades. O conceito de exclusão decorre da “agudização das desigualdades” e resulta numa “dialética de oposição entre aqueles que (...) mobilizam os seus recursos no sentido de uma participação social plena e aqueles que, por falta desses mesmos recursos (...), se encontram incapacitados para o fazer” (Rodrigues *et al.*, 1999: 64).

Os usos generalizados do termo exclusão social nos anos 90 do século XX, fomentaram a alteração das tradicionais representações da pobreza, o que não implica que as desigualdades tenham desaparecido, mas complexificaram-se assumindo progressivamente mais modalidades (Guerra, 2002). O termo exclusão social difere do de pobreza em três pontos particulares: (1) trata-se de uma “análise dinâmica, apreendendo os processos pelos quais os indivíduos e grupos se tornam excluídos”; (2) “compreende a privação como conceito multidimensional, envolvendo habitação, educação, rendimentos, emprego, saúde, fragmentação identitária, etc”; e (3) “interpreta a privação e a pobreza como estando imbricadas com as relações sociais” (Guerra, 2012a: 92). Ser-se excluído socialmente não implica apenas não ter acesso a recursos materiais, mas a um manancial de serviços e à participação de âmbito societal. Os processos de exclusão social são multidimensionais e a dimensão da pobreza é aquela que, *a priori*, mais facilmente se pode apreender. A verdade é que ao falarmos de exclusão referimo-nos não só à marginalização do mercado de trabalho, mas “ao consumo (baixos rendimentos), (...) às redes sociais (de trabalho, comunitárias, familiares, de vizinhança) e (...) aos direitos cívicos e políticos” (Castro & Marques, 2000: 18), o que reflete a multidimensionalidade do processo. Dada a complexidade do conceito de exclusão social, vários autores falam em “exclusões sociais” (Quatenaire, 2008: 16).

Para além da multidimensionalidade subjacente aos processos de exclusão social, as categorias sociais sobre as quais incidem são também diversas. Partindo do pressuposto de que a análise de conceitos como pobreza e exclusão social se associam à “análise das categorias sociais desfavorecidas” (Rodrigues *et al.*, 1999: 70) que variam consoante os tipos de exclusão social. Para identificar os *handicaps* subjacentes aos processos de exclusão é determinante o “(re)conhecimento das circunstâncias que permitem considerar um grupo ou uma categoria como socialmente desfavorecida” (Rodrigues *et al.*, 1999: 70), sendo para tal necessário perceber e “delimitar a amplitude destas circunstâncias”, ou seja, ver se se “relacionam com as esferas do trabalho (...) ou com um conjunto vasto de questões sociais, políticas e culturais que contribuem para [a] emergência de situações de desfavorecimento” (CIES/CESO I&D, 1998, cit. por Rodrigues *et al.*, 1999: 70).

Podem definir-se “categorias sociais vulneráveis à exclusão social”, mais permeáveis a situações de pobreza e cujo acesso à “cidadania plena e à integração no mercado de trabalho” lhes é condicionado devido às posições ocupadas na estrutura social (CIES/CESO I&D, 1998, cit. por Rodrigues *et al.*, 1999: 71). Enquadrando as categorias sociais desfavorecidas que marcam as sociedades atuais, estas são:

1. desempregados de longa duração, com obstáculos na reinserção no mercado de trabalho devido às baixas qualificações (Costa, 1998) e das dimensões relacionais que o emprego dá acesso;
2. “grupos étnicos e culturais minoritários, cuja vivência é frequentemente associada à precariedade das condições de vida; em consequência, a formação das identidades étnicas pode ser perspectivada como parte de um processo de racização e de etnicização” (Mendes, 1998: 219);
3. “famílias monoparentais com privação de recursos económicos, indutores de situações de pobreza” (Rodrigues *et al.*, 1999: 72);
4. “pessoas com deficiências, marcadas por uma baixa capacidade (e oportunidade) de emprego, uma acentuada dependência social e familiar e uma difícil integração social” (Rodrigues *et al.*, 1999: 72);
5. “jovens em risco, toxicodependentes e ex-toxicodependentes, detidos e ex-reclusos, excluídos das principais instituições sociais, tais como a família, a escola, o trabalho, etc”

(Rodrigues *et al.*, 1999: 72);

6. sem-abrigo, categoria social que revela pluricausalidade, na medida em que tem por base toxicodependência, deficiências ou ruturas familiares (Costa, 1998);

7. “trabalhadores da economia informal ou trabalhadores que desenvolvem atividade sob a forma de emprego precário, cuja vulnerabilidade à pobreza e à exclusão social é latente” (Rodrigues *et al.*, 1999: 72).

A somar a estas categorias, as mulheres são alvo de várias formas de discriminação, tal como os “jovens à procura do primeiro emprego” (principalmente aqueles que “não possuem formação e qualificações profissionais”), assim como “indivíduos com doenças crónicas, cuja debilidade física dificulta o exercício de uma profissão” e os “beneficiários do Rendimento Mínimo Garantido” (RMG), atual Rendimento Social de Inserção (RSI) que se encontram em algumas das situações supramencionadas, cujo maior problema se prende com a escassez de recursos, são exemplos de categorias sociais em situações de vulnerabilidade e desfavorecimento (Rodrigues *et al.*, 1999: 2). Consoante a categoria social desfavorecida, existem diferentes graus de desfavorecimento que “contribuem para a produção e reprodução de uma identidade heterogénea, consubstanciada em modos de vida distintos” (Rodrigues *et al.*, 1999: 73). É sobre as representações, práticas sociais e modos de vida que se falará posteriormente.

A exclusão social é, como fora já referido, multidimensional e engloba três dimensões essenciais: a “material” que se coaduna com a distribuição de recursos de naturezas várias, a “social” associada à “reconstrução de identidades e sociabilidades” e a “simbólica” referente à “capacidade diferencial de impor significações” (Quatenaire, 2008: 103). É sobre as dimensões iminentemente social e simbólica que se debaterá seguidamente.

No espectro da exclusão, verificam-se a coexistência de fenómenos sociais distintos como são “o desemprego, a marginalidade, a discriminação, a pobreza, o estigma” o que, concomitantemente conduz a uma “lógica cumulativa de rupturas sociais” (Quatenaire, 2008: 17), sendo esta multidimensionalidade de fenómenos sociais que sustenta e impulsiona a produção da figura do excluído (Rodrigues *et al.*, 1999: 64). Para além do referido, há que notar que os processos de exclusão têm um “carácter cumulativo, dinâmico e persistente” estando estes alicerçados a mecanismos de “reprodução (através da transmissão geracional)

e evolução (pelo surgimento de novas formas)” (Rodrigues *et al.*, 1999: 65), isto é, a reprodução e produção dos processos de exclusão que constituem, em simultâneo, e que culminam em dualidades no tecido social.

Os processos de exclusão e de desqualificação social urbana intensificam o que Teixeira Fernandes entende como “privação dos padrões de vida e de actividade próprios de uma dada sociedade” (Fernandes, 1991: 38). Sendo assim, a exclusão social é o produto “de uma desarticulação entre as diferentes partes da sociedade e os indivíduos, gerando uma não-participação num conjunto mínimo de benefícios que definem um membro de pleno direito dessa sociedade – inerente à figura dos excluídos – opondo-se claramente à noção de integração social” (CIES/CESO I&D, 1998; Capucha, 1998, cit. por Rodrigues *et al.*, 1999: 64). Por detrás dos processos de exclusão e de desqualificação social estão os símbolos que estas comportam e que provocam efeitos na vida social dos indivíduos. Para além das dimensões materiais e objetivas da segregação, os indivíduos excluídos sofrem com o sentimento de se sentirem à margem face aos outros (Fernandes, 1991: 40).

Alguns dos fatores reprodutores do processo de exclusão de índole subjetiva são as “representações negativas sobre os indivíduos e grupos em situação de pobreza e de exclusão social e, por outro lado, [...] [a] tendência destas pessoas para interiorizarem autoimagens negativas, relativas à acumulação de problemas sociais” (Castro & Marques, 2000: 18). Assim, a condensação no espaço habitado de problemas, é fator propiciador da reprodução da exclusão, pois amplia o círculo reprodutivo da pobreza (Wirth, 1998). Entende-se que os processos de exclusão social são auto e hétero-atribuídos e enformados em representações negativas sobre os modos de vida, provocando tensões no plano identitário. Os “fenómenos de ruptura e de crise identitária” inerentes à exclusão social envolvem a transmissão intergeracional (reprodução), a emergência de novas modalidades e persistência temporal (evolução), constituindo-se como causa e efeito de descontinuidades sociais e provocando fragmentações sociais (Rodrigues *et al.*, 1999: 70).

2.3. Os processos de (re)construção social das identidades

2.3.1. Identidades sociais em construção

A pertença a determinada “categoria ou grupo social” como “género, idade, instrução, profissão e situação na profissão, meio de origem e residência, enquadramento familiar, crença religiosa, orientação política”, entre outras, são fatores de aproximação ou distanciamento face a outros indivíduos e definem a “identidade social” porém, aquilo que julgamos ser e os grupos aos quais se pensa pertencer, também influenciam a autoidentificação sendo exemplo a maior ou menor importância conferida à “religião, à etnicidade ou ao território” na definição de nós mesmos (Silva, 2016: 3). A identidade é mais do que o somatório de características legais ou sociais: “*é o discurso sobre identidade*”, no entanto, não é apenas um produto discursivo (Silva, 2016: 4) pois inclui as “interpretações” acerca de nós próprios e dos outros indivíduos, tal como aponta Jenkins (Giddens, 2013: 280). Abordar as representações dos indivíduos acerca deles próprios “pressupõe que os agentes sociais possuam uma margem de autonomia que lhes permita interiorizar, recusar ou negociar a definição do seu estatuto”, sendo este mesmo estatuto alvo de um processo de rotulagem e de estigmatização que as reforça (Paugam, 1991). A identidade, por um lado, é indicador de “pertença” pois “*é o processo de identificação*, pelo qual me designo nomeando o ou os grupos a que pertenço ou refiro” e, por outro, “a identidade indica uma singularidade” uma vez que é o “*processo de identização*” (como refere Madureira Pinto a partir de Pierre Tap) através do qual “eu me distingo dos outros, afirmando a irredutibilidade individual da estrutura do meu sistema de personalidade” (Silva, 2016: 5). Madureira Pinto aponta para o facto de as identidades sociais se construírem segundo critérios de incorporação e diferenciação “lógica de jogo de espelhos”, de “alteridades (reais ou de referência)” (1991: 219), pela diferença, pelas descontinuidades entre inclusão e exclusão que as identidades sociais ganham forma. Assim, é a alteridade que constitui a identidade. É o conjunto das características que nos individualiza e a este propósito Goffman fala-nos do “processo de estigmatização” que ocorre pela imposição de categorias que singularizam e que, “no caso dos estigmatizados” os exclui (Silva, 2016: 5). Servindo-nos da tipologia de Bourdieu acerca dos diferentes tipos de capital (económico, social, cultural e simbólico), a verdade é que

perante a escassez dos mesmos – “monetários, (...) escolares e, em alguns casos, as redes sociais que se podem mobilizar para o apoio aos indivíduos e às famílias, entendidos como capital social” – num cenário de exclusão social ao qual subjaz a rutura ou esbatimento dos laços sociais, esta escassez faz com que as identidades dos indivíduos excluídos sejam determinadas pelos “outros, dado que a sua margem de manobra para a construção e uma conciliação entre esta e uma identidade para si mais favorável é dificultada pela raridade dos recursos que podem utilizar” (Diogo, 2007: 5).

Do ponto de vista simbólico “tende a ser excluído todo aquele que é rejeitado de um certo universo simbólico de representações, de um concreto mundo de trocas e de transações sociais e de espaços apropriados com a marca de distinção de classe” (Fernandes, 1995: 17) e, perante a exclusão, os indivíduos vêm a sua identidade ser transfigurada, vivendo um “sentimento de inutilidade” (Rodrigues *et al.*, 1999: 65) dada a incapacidade de ultrapassarem os fatores que contribuem para a existência e reprodução da sua exclusão.

A consciência da condição de excluído “desperta-se e desenvolve-se normalmente com a residência em bairros periféricos e degradados”, *locus* onde está patenteada “a segregação espacial e social” (Fernandes, 1991: 40) sendo pluriformes as consequências nas vivências dos habitantes nesses espaços sociais, designadamente: alteração dos modos de sociabilidade dadas as dificuldades de adaptação ao tipo de habitação; incorporação do sentimento de marginalidade e de exclusão face ao espaço urbano e aos modos de representação que os outros detêm face a si (Guerra, 2002). O facto de a habitação ser degradada provoca “atitudes de afastamento mútuo, configuradas sob a forma de discriminação, de segregação e de estigmatização” sendo que o estigma “marca a segregação com o sinal do indesejável” (Fernandes, 1995: 23). Os indivíduos excluídos e residentes em habitações sociais, constituem uma “categoria social onde a tensão identitária é particularmente forte” devido à extrema “escassez de recursos e de uma etiquetagem pesada a que se encontram sujeitos” (Diogo, 2007: 4).

O processo de estigmatização social sobre o qual Goffman discorre, é consequência de uma «etiquetagem» social, como Guerra desenvolve em *Tecido urbano actual: continuidade ou descontinuidade*, que pode surgir devido à discordância entre a forma como a sociedade o vê e o que o indivíduo é e culmina na ênfase dos atributos desfavoráveis dos

indivíduos, o que provoca fragilizações no âmago das interações e representam tanto a exclusão dos indivíduos que menos se enquadram face aos padrões dominantes nas sociedades (Guerra, 1992). Estas representações estereotipadas e as práticas que destas resultam afetam sobretudo grupos *racizados* e *eticizados* aos quais são limitados determinados espaços (Mendes, 1998). Os indivíduos estigmatizados vivenciam sentimentos de inferioridade e de rejeição. O “estigma acompanha todo o processo de marginalização e de segregação” e sustenta-se pela “relação (...) entre a identidade pessoal e a identidade social” (Fernandes, 1991: 60).

Os indivíduos em situação de pobreza e exclusão social constituem uma dimensão heterogênea dada a panóplia de “trajetórias sociais diferenciadas” (Fernandes, 1991: 63) por poder ser constituída por “grupos de diferentes origens, portadores de diferentes costumes, valores e culturas” coexistindo “múltiplas e diversas identidades territoriais, na sua maioria, a partir de determinado momento, exógenas à identidade original do território que as recebe” (Ruivo, 2000: 40). Deste modo, “qualquer definição do termo comunidade deve também abranger a existência de comunidades ou grupos específicos, nomeadamente *travellers* (nómadas) e ciganos, pessoas com deficiência, jovens, famílias monoparentais, mulheres, comunidades de áreas desfavorecidas específicas, etc (...) [grupos] que vivem níveis variáveis de marginalização e exclusão que a definição genérica de comunidade não contempla” (Ransom, 2000: 37-38). Deve-se, assim, perspetivar a comunidade como um universo polimorfo e em constante mutação.

Aliada a esta diversidade identitária está uma fraca interação “na produção de um sentido comum à generalidade do local em questão” entre os grupos sociais que compõem a comunidade, pois “o sentido prevalecente será o do estilhaçamento da própria comunidade e, nesta medida, a diversidade de identidades, algo contrárias, não pode ainda convergir na produção de uma nova comunidade, bem como numa nova identidade que lhe corresponda” (Ruivo, 2000: 40). Este mosaico cultural poderá estar na origem da “falta de identidade territorial que se verifica entre os habitantes deste tipo de localidades” o que “poderá explicar o porquê da diminuição dos laços informais de solidariedade e de entreajuda entre as várias comunidades que se encontrarão (...) culturalmente isoladas entre si no interior do local” (Ruivo, 2000: 40). Assim se compreende que as identidades coletivas podem revelar

heterogeneidade pois tendem a configurar-se como “discursos *múltiplos e cruzados* sobre identidades(s)” (Silva, 2016: 9) e é imprescindível perceber que os indivíduos coletivos não podem ser encarados como conjunto homogêneo face às diversas características do grupo, pois as “identidades coletivas são plurais” e é errôneo e redutor “singularizar *a priori* a identidade de cada grupo, organização, sociedade ou comunidade transacional”, sendo crucial a aceção da identidade “como um processo (uma história e uma representação)” que se afigura recomendável no âmbito individual e indispensável no âmbito coletivo (Silva, 2016: 8).

Por um lado, existem indivíduos que “interiorizam o *status* de assistido, que os conduz a uma situação de total marginalidade e dependência” e, por outro, “os que resistem a esse estigma” (Fernandes, 1991: 63). Segundo Paugam, as “«estratégias de distinção social»” são três: “«o evitamento, a reconstituição de diferenças e a deslocação do descrédito»” (Paugam cit. por Fernandes, 1991: 64). Alguns indivíduos excluídos moldam a sua identidade social em torno do “fechamento sobre si mesmos, a dessolidarização com os outros e o desenvolvimento de estratégias individuais de mobilidade social”, enquanto “outros tendem a recriar diferenças e a valorizar critérios de distinção como forma de afirmação de identidade” e, “outros ainda procuram promover a «deslocação do descrédito para pessoas às quais não se quer ser assimilado»”, isto é, constroem e partilham representações que valorizem a sua situação e contraponham os julgamentos fixados pela sociedade (Paugam cit. por Fernandes, 1991: 64).

A noção de estratégia identitária completa a análise da tensão identitária na (re)produção das identidades sociais e corresponde às “formas que os indivíduos usam para procurarem maximizar os aspectos positivos de uma identidade social nas dimensões de identidade para si e para os outros, conciliando-as e reduzindo ou eliminando eventuais dissonâncias psicologicamente perturbadoras” (Diogo, 2007: 4). O processo de (re)construção identitária é impulsionado pela tensão identitária “designadamente através das estratégias identitárias que os indivíduos utilizam para a atenuarem” que são tanto mais necessárias quanto maior for a tensão (Diogo, 2007: 3) entendendo-se a “identidade como processo negocial” (Diogo, 2007: 15).

Estamos constantemente perante um resultado “provisório” no que concerne às

identidades porque lhes subjaz a “mudança” dada a “dupla *tensão* entre as autodefinições e os julgamentos dos outros e das instituições *versus* a definição de si e tensão na produção das autodefinições, neste último caso quando se considera a dimensão diacrónica, designadamente tendo em atenção as dissemelhanças das projecções no futuro com o presente” (Diogo, 2007: 15).

Santos Silva sublinha que a identidade (1) assume um carácter relacional por ser simultaneamente “*facto e discurso*”, (2) é “*processo*” pois para a compreensão dos discursos há que remeter às “condições, contextos e agentes que os fazem surgir, lhes dão forma e substância e os fazem circular, assim como orientam a respetiva receção”, (3) é “*memória*” pois da mesma forma que se orienta para o presente e para o futuro, também remete para o passado legitimado de determinada forma, (4) é “*uma composição plástica e dinâmica de temas e sujeitos identificadores*” segundo a qual é crucial captar a pluralidade de aspetos identitários existentes num sistema social e (5) são “construídas” e “dinâmicas” (Silva, 2016: 9-10) estando, pois, a identidade associada à questão da mudança social.

O conceito de identidade dá origem a “três opções metodológicas fundamentais”: (1) “falar de identidades é falar dos múltiplos *discursos sobre as identidades*”, (2) analisar socialmente as identidades e os discursos sobre estas uma vez que “os discursos são geradores de efeitos sociais, são *construtores* de realidade social”, (3) “*a identidade é, sincrónica e diacronicamente, uma das dimensões constitutivas do devir histórico: da mudança que está em curso*” sendo para tal indispensável recusar o isolamento da “questão da identidade social da questão da transformação social” (Silva, 2016: 14-15). Existem duas coordenadas a partir das quais se processam as identidades: (1) o espaço e (2) o tempo, sendo o espaço um “elemento caótico das nossas representações e, é ele próprio irrepresentável” (Fortuna, 1999: 27).

O mapeamento da cidade e dos seus diferentes espaços de vivência deve incorporar a noção de temporalidade e as diferentes formas de vida urbana. Assim, situamo-nos na abordagem espacial e referencial do conceito de sociabilidade que nos remete para o carácter relacional dos fenómenos sociais, isto é, prende-se com as relações sociais em si, independentemente dos interesses, ou objetivos das mesmas. Os fenómenos sociais são, para além de outros aspetos, dotados de um carácter interrelacional, remetendo-nos para um

conjunto de processos como interação social, comunicação simbólica, situação de copresença, etc. Todos estes conceitos endereçam para a relação social enquanto relação dotada de reciprocidade, que se demonstra não apenas importante por ser uma característica intrínseca da existência humana, como para a percepção e vivência social. A forma de interação principal é a interação face-a-face, no entanto, a distância espacial e temporal das relações sociais, não implica necessariamente o desaparecimento da copresença. Com efeito, as novas tecnologias, nomeadamente, o telemóvel e a Internet, vieram multiplicar as formas de interação, e ampliar a forma e o alcance deste processo, e simultaneamente, possibilitaram redefinir a noção de copresença (Certeau, 1990). No entanto, convém salientar que a copresença direta continua a ter um peso significativo e fundamental ao nível das práticas sociais e relações sociais. Embora as relações sociais tenham subjacente a interação, no sentido em que implicam reciprocidade entre atores sociais, algumas delas acentuam o carácter de relações de sociabilidade, como as conversas informais, os grupos de pares, as redes de vizinhança. É em todos estes encontros e reencontros no espaço e no tempo que se geram, reformulam as sedimentam as identidades sociais.

2.3.2. Etnicidade

Na configuração dos processos sociais, as dimensões simbólicas assumem particular importância, mais ainda quando falamos de discriminações e entre as formas de desigualdade social destacam-se “a etnicidade e o género” são significativas, sendo igualmente aquelas em que “o preconceito” e “a raiz ideológica” têm maior proeminência, verificando-se “práticas mais ou menos institucionalizadas de discriminação” fundadas na *naturalização* das desigualdades por via ideológica (Almeida, 2013: 76). Entende-se por *etnicidade* “as práticas e os modos de entender o mundo de uma dada comunidade que a distinguem das outras” sendo “a linguagem, a história ou a linhagem (real ou imaginaria), a religião, os modos de vestir ou outros adornos” características distintivas e alvo de apreensão imediata (Giddens, 2013: 712). No âmbito das “interrelações entre etnicidade e identidade”, Dubar avança que existem dois processos que influenciam a produção de identidades: (1) “o processo biográfico (identidade do eu, o *self*) e (2) o processo relacional, sistémico, comunicacional (identidade para o outro)” (Dubar, 1991).

O “fechamento dos grupos étnicos” relacionam-se com os aspetos que distinguem os indivíduos entre si e, como defende Barth, estas distinções geram-se em torno de “mecanismos de exclusão” que acentuam as ruturas entre grupos étnicos, sendo exemplo a limitação ou interdição do casamento entre membros de diferentes etnias (Giddens, 2013: 722). Defensor do multiculturalismo, Parekh argumenta que a “identidade cultural” de alguns grupos étnicos sofre influência do não “reconhecimento público” o que provoca a degeneração da “autoestima” e o desencorajamento da “plena participação de todos na esfera pública” (Giddens, 2013: 725). Em síntese, a construção identitária é produto de um processo duplo marcadamente “relacional e cultural” (Mendes, 2005a: 2): (1) relacional pois parte integrante e resultado das relações interpessoais e igualmente porque a identificação de nós próprios se trata de um processo relacional de delimitação do nosso posicionamento face aos outros; e (2) cultural na medida em que códigos simbólicos (na linguagem interpretativista) tanto visuais como linguísticos estão imbuídos de símbolos que remetem para as identidades (Dubar, 1997).

O grupo étnico cigano, em particular, depara-se com “a falta de inserção profissional, a exígua ou nula integração social e a convivência (in)tolerante de culturas, reveladoras do grau de coesão nacional (...) de um grupo que se conserva numa certa periferia da sociedade envolvente” (Fernandes in Mendes, 2005a: 12). Estando “relativamente fechados em seus territórios, *ghettizados*, marcados por uma identidade negativa, dão facilmente origem a preconceitos, suspeições e estereótipos, alguns bem seculares”, estando postas em causa as “relações interculturais” marcadas por vulnerabilidades (Mendes, 2005a: 12).

No que concerne à etnicidade, Weber refere que “as coexistências étnicas condicionam uma repulsão e um desprezo mútuos, mas permitem a toda a comunidade étnica considerar a sua própria mais elevada” (1982: 221). A “ignorância mútua” e a “intolerância recíproca” culminam em “atitudes de auto e de hétero-fechamento” (Mendes, 2005a: 13) que podem, por sua vez, impulsionar conflitos interétnicos. Ainda que sofrendo transformações ao longo do tempo, as clivagens entre o grupo étnico cigano e a “sociedade dominante”, a “identidade étnica persiste através da integração no grupo e da oposição intergrupal”, isto é, por alteridade, uma vez que continuam visíveis as diferenças em termos sociais e culturais (Fernandes, 2005: 13) já que os valores e as práticas culturais são fatores de diferenciação

dos ciganos face aos grupos com os quais estes interagem. Dada a progressiva sedentarização dos grupos étnicos ciganos, a “fixação tem vindo a passar das casas abarracadas, barracas e unidades móveis, para o realojamento em bairros sociais, onde se registam elevados níveis de concentração de efectivos e uma coabitação multiétnica, assim como alguns sinais de conflitualidade interétnica” (Mendes, 2005a: 31). A etnia cigana tende a revelar uma “atitude reactiva face ao exterior”, valorizando o quadro simbólico “dos valores de práticas sociais do grupo”, devido à necessidade de “defesa perante as práticas de exclusão, de marginalização e de assimilação de que são alvo de forma permanente num processo de longa duração” (Mendes, 2005a: 199).

Os “trajectos e os projectos de vida” estão “condicionados a determinados constrangimentos, tais como: o preconceito, a rejeição e o estereótipo secular, os baixos níveis de escolarização, a inserção precária no mercado de trabalho, a participação política, associativa e cívica passiva, o não exercício dos direitos de cidadania e o deficiente usufruto de benefícios e apoios estatais na sua plenitude” responsáveis pela reprodução social (Mendes, 2005a: 201). Estando condicionados, as perspetivas de vida acabam por ser fatalistas e não equacionam a possibilidade de mobilidade social ascendente, encarando-se como não responsáveis pela mudança, partilhando uma “atitude de apatia e de descrença” (Mendes, 2005a: 201). Deste modo, no plano identitário, estes indivíduos “vivenciam um dilema entre a sua preservação e a sua redefinição nas situações e nos processos interactivos”, daí que impere a necessidade perspetivar a “inserção/participação” destes na “sociedade abrangente, quer no plano objectivo (condições reais de existência), quer no plano subjectivo (interacções e representações)” (Mendes, 2005a: 18).

Os processos de exclusão social tendem ainda a ter efeitos mais nefastos quando se carrega o marco da etnicidade a somar a uma série de outras vulnerabilidades sociais.

2.3.2. O exercício da cidadania no contexto da exclusão social

Atualmente a noção de *cidadania* deixou de se restringir à mera participação política e abarca um conjunto extenso de direitos, alongando-se às questões sociais e culturais (Fernandes, 2009), algo que Stolf reforça ao referir que o objetivo da *cidadania* é a “emancipação humana” e não se pode limitar à prática da democracia, mas antes constituir uma via para a

“inclusão e responsabilização do sujeito pelo destino social e político da sociedade” (2009: 152).

Como refere Luís Capucha, “produzem-se situações que designamos pela expressão «exclusão social» quando a sociedade não oferece a todos os seus membros a possibilidade de participar e beneficiar de todos esses direitos e sentir-se membro cumprindo os deveres” sendo que as pessoas em situação de desfavorecimento perdem “o estatuto de cidadania” por “se verem impedidas de participar nos padrões de vida tidos por aceitáveis na sociedade em que vivem” (Capucha, 1998, cit. por Guerra, 2002).

Claude Jacquier refere que um dos aspetos importantes da exclusão social se relaciona com o agravamento de uma progressiva crise de cidadania (Jacquier, 1993). David Held considera que a crise da cidadania tem a sua causa na ausência de um modelo de direitos elementares universalmente institucionalizado (Held, 2013). Como enuncia Mozzicafreddo, a cidadania não se relaciona meramente com o exercício de direitos, mas antes tem como elemento social a distribuição dos recursos e das capacidades que subjazem a esse mesmo exercício (Mozzicafreddo, 1997). A relação intrínseca entre democracia e cidadania está patente no facto de que existe “crise de cidadania quando está em causa a dignidade igual para todos. Sem esta igualdade de dignidade e, consequentemente, de direitos, não é possível pensar e viver a democracia” (Rodrigues, 2010). Através do acionamento dos direitos sociais e a participação ativa na vida social, a inserção social pode ser promovida, no entanto, dados os processos de discriminação, alguns indivíduos e grupos sociais são desprovidos desse exercício.

Ao encontro da questão das identidades, Lorient refere que as vivências da pobreza e da exclusão social assumem formas plurais: (1) ora os indivíduos excluídos aceitam passivamente a sua condição segundo uma lógica de vitimização, (2) ora exercem uma luta ativa no sentido da afirmação da cidadania (Lorient, 1999). Assim, e como Fernandes afirma: “enquanto uns encontram a sua saída, outros são levados a aceitar como natural a sua condição” (Fernandes, 1991: 49), a naturalizar a sua condição.

Encara-se um quadro relacional no qual “a cidadania é percepcionada como uma espécie de «abstracção jurídica», demonstrando evidentemente uma forte retração dos actores sociais face ao exercício dos seus direitos mas também deveres de cidadania”

(Guerra, 2002: 362). Esta retração tem sido temporalmente construída e demarcada pela ausência de “vontade e lugar de exercício de cidadania activa por parte dessas populações, em virtude das dinâmicas de relegação de que tem sido objecto por parte dos poderes instituídos” (Guerra, 2002: 362). Desta forma, é imperativo considerar “a exigência de cidadania nos bairros desfavorecidos, (...) não releva de uma estratégia de enfrentamento da urgência social, mas implica, pelo contrário, um esforço de solidariedade política” (Roman, 1993: 17).

Nas concentrações habitacionais mais vastas persistem os mais significativos “estrangulamentos no que concerne aos direitos à cidade, ao alojamento, ao emprego, aos serviços, à cultura e à qualidade de vida urbana e à cidadania” (Guerra, 2002: 14). À noção de exclusão, está associada a privação de dignidade no seu sentido mais lato como cidadão pois esta dimensão depende das disposições dos indivíduos perante os capitais económico, cultural e social. Nos “tecidos socialmente diferenciados” há mais dificuldade em conseguir integração o que provoca a transmutação da “desintegração urbana” em “desintegração social e cívica” (Guerra, 2002: 14). Henri Lefebvre aborda o «direito à cidade» como processo contínuo e inclusivo perante o carácter fragmentário que caracteriza o espaço social urbano (Lefebvre, 1972). A vida na cidade pressupõe a prática de uma cidadania ativa sob a alçada do direito à cidade que comporta demais direitos como ao alojamento, emprego, serviços, cultura, à qualidade de vida urbana e à cidadania.

A “materialização da cidadania real” (Ruivo, 2000: 45) tende a mostrar-se menos intensa em contextos onde a exclusão se revelar mais incidente. Assim, é urgente formular estratégias de combate às diversas modalidades de exclusão por forma a contribuir para o exercício pleno da cidadania tanto a nível micro como macrossocial. A cidadania, para além de constituir uma dimensão jurídica e que envolve participação, tem ainda uma dimensão identitária, uma vez que produz efeitos ao nível das identidades dos indivíduos (Matias, 2014).

Capítulo 3. Olhares e lentes: um caminho metodológico

Entende-se a “prática de investigação científica como atividade de produção de enunciados cognitivos sobre um certo domínio de fenómenos, mas enunciados cognitivos de um género particular, o daqueles que se faz questão de elaborar pelo acionamento conjunto, e de sujeitar ao duplo crivo, da teoria e da observação. Costa, 2008.

3.1. Estratégia metodológica e técnicas

Nesta investigação, a abordagem metodológica é de pendor qualitativo uma vez que a abordagem qualitativa visa um contacto direto com os indivíduos, suas atitudes acerca dos fenómenos e os modos seus de vida (Creswell, 2014), sendo esta abordagem contextualizada com dados estatísticos. Em termos metodológicos, no contexto de estudos das problemáticas da exclusão social, é impreterível adotar uma “lógica de abordagem diacrónica” devido à multidimensionalidade, complexidade e dinâmica que configura e caracteriza estes fenómenos (Quatenaire, 2008: 17) e considera-se a importância do “qualitativo”, do “valor do local” e das “relações interpessoais” (Estivill, 1997: 39), sendo neste contexto que se tem verificado um interesse cada vez maior “em avançar no conhecimento do campo simbólico, captando a perspetiva dos cidadãos sobre diferentes aspetos da vida social e pessoal” (Almeida, 2013: 239).

No estudo dos processos de exclusão social, Oscar Lewis desenvolve trabalhos no âmbito da perspetiva teórica culturalista, aplicando metodologias qualitativas aos contextos em análise, que revelam o facto de determinados elementos culturais se constituírem como condicionantes dos comportamentos dos indivíduos socialmente excluídos, privilegiando as representações e as práticas sociais e culturais desses indivíduos, elementos integrantes e integradores, de universos sociais pautados por heterogeneidade e por processos de reprodução sociocultural (Gandra, 2013). As abordagens qualitativas encontram fundamento no pressuposto de que a realidade social se constitui como uma construção pelo modo como os indivíduos definem e partilham as suas conceções ou representações acerca da pluralidade de situações com que se deparam ou em que se encontram inseridos.

O quadro sociodemográfico correspondente à *Comunidade Desfavorecida de Darque*⁵ revela a interseccionalidade, conceito cunhado por Kimberlé Crenshaw (1991) e que traduz a convergência de vulnerabilidades, defendendo que as posições sociais das mulheres no que diz respeito à raça, género, sexualidade, país de origem, idade ou habilitações literárias, entre outras, não podem ser analisadas isoladamente, mas em interrelação:

1. Desempregadas (de longa duração e em busca do primeiro emprego);
2. Em situação de pobreza (com pelo menos um desempregado no seu agregado);
3. Com registo de abandono e insucesso escolares e inserção em TEIPs;
4. Com baixos níveis de qualificação escolar (analfabetas e com qualificações inferiores ao 3.º ciclo do ensino básico);
5. De etnia cigana;
6. Que habitam em residências degradadas e precárias, registando processos de desqualificação social e física do espaço público.

Tendo em conta o objeto de estudo, o investigador deve deter e mobilizar as suas competências multiculturais, isto são, capacidades de não apenas reconhecer e valorizar outros grupos culturais, mas também estar apto para trabalhar eficazmente com estes grupos, compreendendo e reconhecendo outras normas e sistemas valorativos que não os seus, refletindo criticamente acerca dos mesmos.

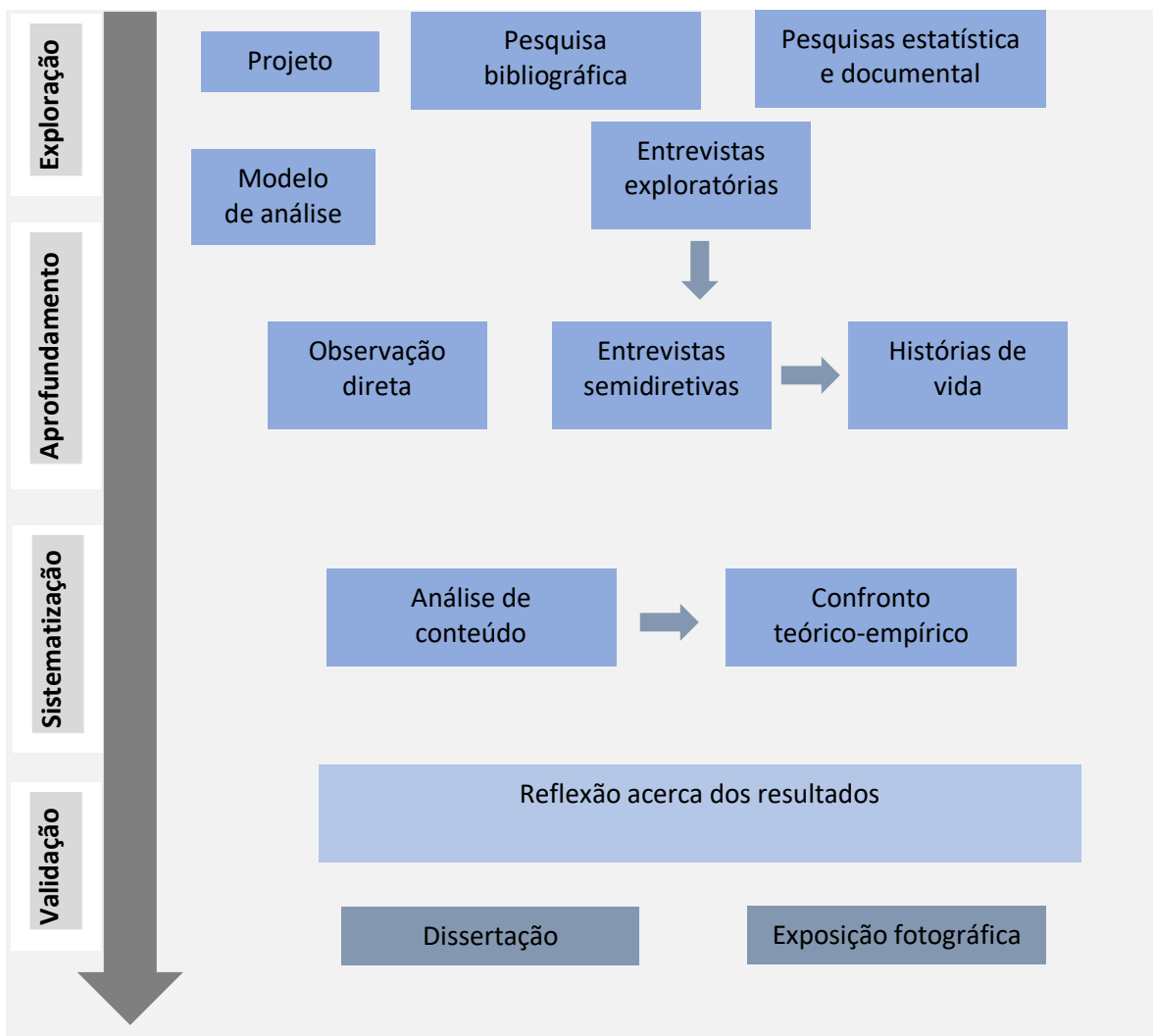
Considerando o enquadramento metodológico e os objetivos da presente Dissertação, a mesma serviu-se da aplicação de uma série de técnicas, designadamente: a pesquisa e análise documental de dados, entrevistas exploratórias, a observação direta e a entrevista semiestruturada, seguindo um processo metodológico de pesquisa [figura 6]. Eis uma explanação mais detalhada relativamente a cada uma das técnicas:

1. A pesquisa e análise documental de dados estatísticos e descritivos, possível através do recurso a documentos concretos acerca das configurações sociográficas da *Comunidade Desfavorecida de Darque* e problemáticas sociais subjacentes. Esta técnica permitiu complementar as informações recolhidas assim como apoiar o desenho dos contornos que revestem a referida comunidade assim como perceber as preocupações políticas que ganham

⁵ Referenciado nos momentos de aplicação das entrevistas semiestruturadas aos agentes institucionais.

consistência através da elaboração do PAICD e os critérios subjacentes à definição da comunidade como desfavorecida.

Figura 6. Processo metodológico de pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora com base em GUERRA, 2010.

2. As entrevistas exploratórias, com o intuito de fazer emergir aspetos do objeto de estudo que não haviam sido considerados pelo investigador e *levantar a lebre* acerca de aspetos a focalizar nas leituras (Quivy e Campenhoudt, 2013), aplicadas a um conjunto de informantes privilegiados no sentido de suplementar os dados recolhidos e reforçar o entendimento dos diversos agentes acerca das principais problemáticas sociais na

Comunidade Desfavorecida de Darque e respetivos contextos espaciais onde esta problemática assume contornos mais pronunciados, aprofundar as características sociográficas da comunidade alvo de estudo e as categorias sociais mais vulneráveis nesta conjuntura.

3. A observação direta, com vista à caracterização física dos espaços habitacionais e públicos, dos serviços e dos equipamentos sociais existentes, do *modus vivendis* da comunidade, isto é, dos modos de utilização e apropriação dos espaços, as sociabilidades e as relações de vizinhança [**anexo 5**].

4. As entrevistas semidiretivas⁶ (a dois níveis): (a) biográficas/histórias de vida [**anexo 6**] de vinte e dois membros do género feminino que constituem a *Comunidade Desfavorecida de Darque*⁷ – opção da delimitação do objeto de estudo feminino que recai na consideração de que “ainda vivemos [...] [num] sistema patriarcal (...) construído sob bases arbitrárias em que a figura da mulher foi enfraquecida a partir das divisões e atribuições dadas a cada sexo/sujeito. Além disso, surgiram, ao longo dos tempos, muitas questões sobre essas divisões, sobretudo em consequência da acentuada diferença que se sobrepôs à figura da mulher” (Souza, 2017: 9) sendo que as “desigualdades entre homens e mulheres estão sempre vinculadas a tentativas de rupturas por parte das mulheres e permanências por parte dos homens, assim como o que está por trás desse modelo estrutural instituído socialmente” (Souza, 2017: 12) e isto também é sinónimo de exclusão. Assim, as mulheres constituem um grupo específico de indivíduos socialmente vulneráveis e discriminados – técnica esta aplicada por forma a conhecer representações e práticas da comunidade acerca do seu processo diacrónico e sincrónico de exclusão social: ruturas e continuidades –

⁶ Técnica aplicada após o consentimento informado dos entrevistados.

⁷ Somente foi possível entrevistar habitantes dos bairros sociais, que integram a *comunidade desfavorecida de Darque*, não abrangendo habitantes de etnia cigana do *Acampamento das Alminhas*, uma vez que estava previsto o acompanhamento institucional por parte de técnicos sociais que operam no terreno com esta população, dadas as especificidades da população, no entanto, o pedido formal efetuado à Segurança Social foi vedado devido constrangimentos éticos relacionados com o acesso aos dados das beneficiárias do RSI para posterior identificação e contacto. Posto o referido e devido a motivações inerentes a limitações de estabelecimento de contacto com a população em questão, designadamente a comunicação verbal com os mesmos (dado que falam galego) e a posição do investigador neste contexto social marcado por uma panóplia de vulnerabilidades sociais seria frágil, a presente investigação não integrou a aplicação de entrevistas a esta população, pelo que os dados relativos aos habitantes deste acampamento foram fornecidos pelos agentes socioinstitucionais que com estes se relacionam.

(des)continuidades identitárias, tendo por base os modelos comportamentais e valorativos (representações, contextos de vivência e sociabilidades) da comunidade, segundo uma análise implicada na dimensão subjetiva que abarca “quer o sentido dado pelas populações caracterizadas como desfavorecidas às suas vivências, quer os modos de adaptação das mesmas aos constrangimentos situacionais que as rodeiam” (CIES/CESO I&D, 1998, cit. por Rodrigues *et al.*, 1999: 70-71) sendo que entrevistas em formato de histórias de vida permitirão “uma exploração pluridimensional e a diferentes níveis analíticos” (Guerra, 2010: 688); (b) e sete entrevistas [anexo 7] a agentes socioinstitucionais [anexo 8] que se relacionam com este tecido social por forma a obter dados acerca do processo diacrónico e sincrónico de exclusão social da *Comunidade Desfavorecida de Darque*. A eleição da entrevista como técnica primordial neste estudo, prende-se com a apreensão de ideias e valores, atitudes, sentimento e representações dos indivíduos e da comunidade com um considerável grau de profundidade. A amostra subjacente a esta técnica será não probabilística, intencional e por bola de neve.

Quanto ao método de análise das informações recolhidas através das técnicas, optou-se pela adoção da análise de conteúdo (categorial) que, como Quivy e Campenhoudt sublinham, permite “tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade, como, por exemplo, os relatórios de entrevistas pouco diretivas” (2013: 227) como é o caso da presente investigação.

3.2. Constrangimentos operacionais

Antes de mais, convém esclarecer que o uso do termo *comunidade* aquando da abordagem do nosso objeto de estudo não resulta de uma assunção de homogeneidade grupal, mas surge no seguimento da delimitação *Comunidade Desfavorecida de Darque* pelo PAICD, tendo conhecimento das especificidades e descontinuidades subjacentes à mesma.

Apesar de uma presença assídua nos territórios-alvo de estudo, revelou-se, por vezes, complexa e limitadora a compreensão dos objetivos e fins da investigação à *Comunidade Desfavorecida de Darque*, no entanto, este constrangimento contrastou com uma adesão e predisposição imensa de determinadas entrevistadas que integraram a amostra desta investigação, que prontamente se envolveram na mesma e partilharam alguns detalhes dos

seus percursos biográficos, assim como alguns posicionamentos acerca de fatores socioculturais, políticos e diretamente relacionados com os espaços habitacionais onde residem, e assumiram este trabalho como uma forma de expressão e valorização das suas opiniões e inquietações. Este desafio foi colmatado por força da constante presença da investigadora no terreno, e pela legitimação da técnica da entrevista e do estudo por parte de algumas das entrevistadas que contribuíram para o envolvimento de outras através da promoção da confiança das entrevistadas na participação na investigação⁸.

Como fora esclarecido, anteriormente, em nota de rodapé, nesta investigação não foram entrevistadas habitantes de etnia cigana do *Acampamento das Alminhas* que integram a delimitada *Comunidade Desfavorecida de Darque*, uma vez que o acompanhamento institucional por técnicos do Protocolo de RSI previsto foi recusado após um pedido formal efetuado à Segurança Social para que tal acontecesse, uma vez que a identificação e contacto das beneficiárias do RSI que residem no referido acampamento envolveria certos constrangimentos éticos relacionados com o acesso a esses mesmos dados. Devido às limitações inerentes à comunicação com as habitantes do *Acampamento das Alminhas*, pois estas falam, na sua maioria, galego, o que levaria à dificuldade de comunicação verbal, assim como a eventual dificuldade de compreensão dos objetivos da presente investigação, optou-se por apenas abordar esta “comunidade” do acampamento por via das entrevistas realizadas aos agentes socioinstitucionais. Consideramos que este constituiu o principal constrangimento de pesquisa, pelo facto de ter limitado em parte a análise do objeto de estudo e pela delonga associada à resposta que provocou um adiamento da questão. Ainda assim, consideramos que este não impediu a prossecução da pesquisa. À parte do referido, os órgãos institucionais do Município de Viana do Castelo e da Freguesia de Darque mostraram-se bastante prestativos no que se refere à colaboração com a investigação.

3.3. Um complexo feixe de hipóteses

A realização de uma investigação sociológica envolve opções que têm por base critérios

⁸ A realização de entrevistas no Bairro 3 de julho foi condicionada pelo falecimento de um familiar de etnia cigana no mês de maio, uma vez que, devido ao luto, as pessoas de etnia cigana no bairro não se revelaram predispostas a envolver-se no estudo, no entanto, findo período de um mês foi possível retomar o contacto e realizar as entrevistas no bairro.

específicos que, por sua vez, são influenciados pelas experiências do investigador e suas inquietações, daí que o modelo de análise construa a “charneira entre a problemática fixada pelo investigador, por um lado, e o seu trabalho de elucidação sobre um campo de análise forçosamente restrito e preciso, por outro” (Quivy & Campenhoudt, 2013: 109). O modelo de análise constitui momento de operacionalização e mobilização de conceitos, dimensões e indicadores em relação que culminam num combinado de hipóteses teóricas de investigação.

O conjunto de leituras sobre os dados estatísticos e descritivos existentes acerca do objeto de estudo, assim como as entrevistas exploratórias e revisão do *estado da arte* permitem formular um conjunto de hipóteses teóricas para esta investigação. A vivência em núcleos de habitação social e precária, espaços sociais de referência identitária, localizados na periferia das cidades, aumentam o estigma que os seus habitantes carregam e experimentam nas mais diversas dimensões das suas vidas – esta constitui uma das hipóteses teóricas de referência. Além disso, a tensão identitária é mais proeminente para estas pessoas que residem em contextos de exclusão social e que revelam outras vulnerabilidades, nomeadamente em dimensões como profissionais, relacionadas com as habilitações literárias e o marco da etnia (fundamentalmente cigana em alguns casos). Tendo em conta que estamos perante uma *comunidade* interétnica, espera-se que o desenvolvimento de conflitos com base em diferenças de valores e práticas socioculturais provoquem círculos de exclusão dentro da exclusão.

O sentimento de marginalização é transversal, porém sabe-se que as estratégias perante esta tensão identitária podem variar e assumir diversas formas: isolamento e fechamento social e ocultação das condições de vida, contrastando com a valorização de determinados aspetos identitários que contrariam as representações sociais vigorantes nas sociedades. O que há a realçar acerca desta dimensão são os efeitos perturbadores dessa tensão, que envolvem constrangimentos e reflexões identitárias dos indivíduos no que respeita às suas condições de vida e às limitações no acesso a alguns recursos. A exclusão social tende a demonstrar efeitos no domínio da participação social, cívica e associativa, como resultado do processo de autoexclusão, que provoca um fechamento e delimitação mais demarcada das divisões sociais e, consequentemente, fomenta a hétero-exclusão.

Como se pode perceber, as hipóteses são, todas elas, construídas segundo uma lógica interrelacional e circular, em que todos os conceitos, dimensões e indicadores se relacionam e não podem ser abordados de forma individual e isolada, pois correlacionados.

Importa reforçar que nos encontramos perante uma abordagem de experiências, valores, representações e práticas, de vidas e, como tal, esta investigação tem por base momentos reflexivos e enformados em percursos e histórias de vida específicos e na heterogeneidade grupal no que concerne aos aspetos identitário, aspeto que se coloca como hipótese. As identidades sociais estão sujeitas às mudanças sociais daí que a abordagem diacrónica e sincrónica seja fundamental no contexto de pesquisa espacial e temporalmente focalizada.

Capítulo 4. Narrativas de vidas em Darque: um mosaico pluri-identitário na margem do Lima

A identidade é o “ato e o resultado de um discurso (...) que indica, estrutura, avalia e comunica o que fiz e faço, o que fui e sou” sob a lógica da “narrativa”.
Silva, 2016.

Os dados referentes às entrevistadas da *Comunidade Desfavorecida de Darque* [tabela 1] confirmam a confluência interétnica da *comunidade*, assim como o elevado desemprego, o desempenho de profissões pouco qualificadas, analfabetismo e baixas qualificações.

Tabela 1. Bilhete de Identidade das entrevistadas da Comunidade Desfavorecida de Darque

Etnia	Idade	Profissão	Nível de escolaridade	Local de residência
Negra	68 anos	Trabalhadora no campo	Analfabeta	Bairro do Fomento
	55 anos	Desempregada	Não sabe ler nem escrever apesar de ter a 4ª classe	Bairro do Fomento
	27 anos	Desempregada	Curso profissional com equivalência ao 9.º ano	Bairro do Fomento
	34 anos	Desempregada	6.º ano	Bairro do Fomento
Cigana	22 anos	Executante das tarefas do lar	9.º ano	Bairro do Fomento
Cigana	16 anos	Estudante	6.º ano	Bairro do Fomento
	65 anos	De baixa médica	4.ª classe	Bairro do Fomento
	84 anos	Reformada	4.ª classe	Bairro do Fomento
Cigana	20 anos	Feirante	9.º ano	Bairro do Fomento
Cigana	21 anos	Executante das tarefas do lar	6.º ano	Bairro do Fomento
Cigana	25 anos	Desempregada	5.º ano	Bairro do Fomento
Cigana	22 anos	Executante das tarefas do lar	9.º ano	Bairro 3 de julho
	67 anos	Reformada	4.ª classe	Bairro 3 de julho
	15 anos	Estudante	6.º ano	Bairro 3 de julho
Cigana	16 anos	Estudante	9.º ano	Bairro 3 de julho
Cigana	41 anos	Feirante	6.º ano	Bairro 3 de julho
Cigana	17 anos	Feirante	8.º ano	Bairro 3 de julho
Cigana	42 anos	Desempregada	Analfabeta (sabe escrever o nome próprio)	Bairro 3 de julho
Cigana	19 anos	Desempregada	10.º ano	Bairro 3 de julho
Cigana	13 anos	Estudante	4.º ano	Bairro 3 de julho
Cigana	12 anos	Estudante	4.º ano	Bairro 3 de julho
	50 anos	Desempregada	6.º ano	Bairro 3 de julho

Fonte: Elaborado pela autora.

Estes dados sociodemográficos permitem uma apreensão da caracterização da *Comunidade Desfavorecida de Darque* nos termos que nos permitem perceber as vulnerabilidades associadas ao desemprego, a situações de pobreza, abandono e insucesso escolares assim como baixos níveis de qualificação escolar: taxa de analfabetismo e a residência em habitações sociais. Finda esta breve caracterização seguem-se análises acerca das trajetórias familiares, escolares, profissionais e residenciais da *Comunidade Desfavorecida de Darque*.

4.1. Trajetórias familiares

Os dados alusivos às trajetórias familiares tanto das habitantes do Bairro do Fomento como do Bairro 3 de julho, evidenciam as atividades profissionais desempenhadas pelos seus pais e que oscilam entre operariado agrícola e industrial ou de funcionárias domésticas, no caso das mulheres, sendo de ressaltar a diferença étnica, na medida em que todas as entrevistadas de etnia cigana descendem de pais feirantes [figura 7]. No que se refere ao Acampamento das Alminhas, dada a conjuntura, os ciganos do acampamento não conseguem alcançar oportunidades de trabalho e/ou outras fontes de rendimento, nem mesmo em feiras e por isso encontram-se mais vulneráveis à dependência do RSI.

Figura 7. Word cloud: Trajetórias profissionais dos familiares



Fonte: Elaborado pela autora.

As habitantes do Bairro do Fomento são naturais, maioritariamente, de regiões minhotas, inclusive algumas são darquenses de gema, sendo as habitantes do Bairro 3 de julho, na sua generalidade, darquenses, à exceção das de etnia cigana naturais de Lisboa e do Porto – o que é explicado pelo facto de ainda se manter a tradição cigana de as mulheres, aquando do casamento, se mudarem para o local de residência do marido, por forma a estarem

perto das sogras – e as entrevistadas de etnia cigana tendem a coabitar com os pais ou sogros e as não ciganas tendem a residir com maridos e/ou pais⁹.

Os percursos escolares dos antecessores e sucessores da generalidade das entrevistadas pautam-se por abandono escolar e em alguns casos analfabetismo – sendo mais evidente o analfabetismo na etnia cigana e com maior incidência nas mulheres – o que culmina na multiplicação de casos de desemprego, podendo-se aferir a inexistência de mobilidade social nestes casos em que já nasceram em meios desfavorecidos e que essa situação se propagou ao longo da vida, reproduzindo-se os ciclos de exclusão social. As razões subjacentes a este panorama escolar – situações de insucesso, abandono escolar, analfabetismo e baixas qualificações – prendem-se, no caso da etnia cigana, e com uma ocorrência particular nas mulheres, com tradições alicerçadas à *lei cigana*, algo que algumas entrevistadas ciganas, independentemente da idade, afirmam constituir um desperdício das capacidades destas mulheres e, nos restantes casos, esta trajetória mostra basear-se fundamentalmente no abandono escolar pela inserção no mercado e trabalho. Embora seja este panorama, denota-se um interesse crescente e direcionado para a inserção dos descendentes nas instituições escolares, desde o infantário, pelas entrevistadas de etnia cigana, o que revela o maior valor conferido à socialização secundária na formação das identidades.

Ao falarmos nas situações de desemprego na família, deparamo-nos com diversos casos, destacando-se os que envolvem pessoas ciganas, entre as quais as que detêm mais qualificações conseguidas nomeadamente através dos planos educativos como o *Novas Oportunidades* e que, ainda assim, não conseguem emprego, dando enfoque ao estigma associado à etnia cigana que provoca uma enorme dificuldade de acesso ao mercado de trabalho, tendo como consequência o recurso às feiras e/ou a benefícios sociais como

⁹ É de realçar um fator distintivo dos subgrupos étnicos da *Comunidade Desfavorecida de Darque*: a origem, isto é, os habitantes do acampamento têm origens diferentes dos dos bairros, pois os primeiros são naturais da Galiza, até são apelidados de *galegos*, e revelam traços físicos distintivos como serem ruivos, terem sardas e uma linguagem própria pautada por palavras galegas. Por outro lado, os habitantes de etnia dos Bairro do Fomento e do 3 de julho são já famílias com uma evidente presença mais duradoura em Portugal, dadas as suas práticas e o maior enraizamento na cultura portuguesa, como apontam os atores socioinstitucionais entrevistados. Para além da origem, as práticas socioculturais também constituem um outro fator distintivo dos subgrupos étnicos da comunidade desfavorecida, uma vez que os ciganos do acampamento têm menor escolarização e maior taxa de analfabetismo, quando comparados com os dos bairros, segundo revelam os atores socioinstitucionais, que sublinham que, apesar do referido, os descendentes se têm progressivamente integrado no sistema de ensino, sendo de mais fácil contacto e relação.

forma de subsistência.

[Os pais] *Para já estão desempregados [...] no centro de desemprego, também não ajudam nada, só falam e dizem que o centro de desemprego é uma ajuda mas não dão oportunidades nenhuma.*

(Etnia cigana, 19 anos, desempregada, 10.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

Nos casos das entrevistadas mais jovens, estas revelam que, quando os pais estão sem trabalho, as mães tendencialmente desempenham tarefas no âmbito doméstico e os pais estão desempregados¹⁰.

4.2. Trajetórias escolares

O analfabetismo e os baixos níveis de escolaridade marcam as trajetórias escolares das habitantes dos bairros sociais tendo como motivações o impedimento de prosseguir os estudos pelos pais (no caso da etnia cigana), ou por terem de cuidar dos irmãos mais novos, ou ainda por necessidades financeiras que conduzem à iniciação de atividades profissionais. As entrevistadas não ciganas com idades mais avançadas abandonaram a escolaridade muito precocemente por motivos de trabalho e destacam a insatisfação com a escolaridade e a vontade de terem tido a possibilidade de continuar a estudar para aprenderem mais porém, embora destaquem a importância da escola como meio de transmissão e aquisição de conhecimentos básicos como saber ler e escrever consideram que:

Com esta idade já não vale a pena.

(Etnia negra, 68 anos, trabalhadora no campo, analfabeta, residente no Bairro do Fomento)

A desvalorização face à escola é transversal à *Comunidade Desfavorecida de Darque* pois a perspetivam:

Não como objetivo a alcançar, mas como uma obrigação.

(Técnica Superior, Equipa de RSI de Darque)

¹⁰ Destaca-se a ocorrência de uma entrevistada descendente de uma família de lavradores com brasão e que, apesar de não ter tido um percurso profissional intenso e diversificado, esta pôde proporcionar às suas filhas o acesso ao ensino superior, que culminou na empregabilidade de todas elas, conseguindo distanciar-se do ciclo de exclusão.

Independentemente dos percursos e trajetórias, as expectativas dos alunos desfavorecidos de etnia cigana relativamente à escola tendem a ser as mais baixas, pois reproduzem o exemplo dos discursos e práticas dos pais:

Se o pai conseguiu sobreviver sem escola, é o que ele vai fazer também.

(Assistente Operacional 1, Programa Escolhas: *Dar-que Pensar*)

Se eu não dei nada para a escola, o meu filho também não vai dar, e vou pô-lo a estudar para quê? Eu não vou pô-lo numa faculdade, para que é que o vou obrigar a estudar.

(Assistente Operacional 2, Programa Escolhas: *Dar-que Pensar*)

Para estas crianças ciganas, a escola ainda não se revelou um meio para atingir um fim maior. O que realçam como importante relativamente à escola são as ferramentas que lhes permitem saber ler e escrever, o básico, não tendo aspirações para além disso. As principais condicionantes do insucesso e abandono escolar da comunidade desfavorecida relacionam-se com o casamento, no caso das famílias ciganas em particular e da fraca ou nula estimulação cognitiva no contexto familiar, por parte dos pais, no geral, casos que ocorrem em fases tão primárias como da passagem do primeiro para o segundo ano de escolaridade, porque em alguns casos:

Não sabem como o fazer [...] e é cíclico.

(Assistente Operacional 1, Programa Escolhas: *Dar-que Pensar*)

As expectativas dos alunos desfavorecidos de etnia cigana relativamente à escola são quase nulas, não perspectivam a escola como uma resposta, pois creem que não vai ser frutífera a frequência escolar, uma vez que o seu futuro é o desemprego independentemente do maior ou menor investimento académico. Ocorre uma “descoincidência entre a acção pedagógica da escola e as expectativas dos pais, [...] [o que], leva a que os pais não perspectivem a escola como uma prioridade” (Mendes, 2005: 109). As aspirações profissionais são mais elevadas do que as expectativas relativamente à escola, o que leva à perda de motivação face à escola e o facto de encararem como única via o RSI, revelando as dificuldades inerentes ao rompimento dos ciclos de exclusão em que se inserem. Existe uma descoincidência entre aquilo que são as aspirações e aquilo que são as expectativas dos alunos desfavorecidos relativamente à escola e embora aspirem um fim profissional não perspectivam que seja um processo associado à escola:

Os objetivos, as aspirações são muito baixas, [...] a escola não é valorizada, não é vista como um meio para alcançar um bem maior, então acaba por ser uma obrigação e não propriamente algo pessoal, um objetivo de vida.

(Professora, Escola EB23 Carteadó Mena)

No que se refere à importância da escola esta assume-se como potenciadora de oportunidades no âmbito do mercado de trabalho para as gerações futuras, pois como refere uma entrevistada, a escola não tem importância para si atualmente, mas considera ser imprescindível para os seus filhos, pois ambicionam sempre mais para os seus descendentes:

Para serem alguém na vida!

(34 anos, desempregada, 6.º ano de escolaridade, residente no Bairro do Fomento)

Um caso particular, aponta um total desinteresse pela instituição escolar:

Não gostava dos professores, não gostava de ir para escola, era a própria escola em si que não dava.

(27 anos, desempregada, curso profissional com equivalência ao 9.º ano, residente no Bairro do Fomento)

Dois entrevistadas com idades mais avançadas apontam a escola como importante inclusive para a formação profissional e individual de cada um.

Ensinou a ler e a estudar e a aprender, aprendi tudo, aprendi.

(65 anos, de baixa médica, 4ª classe, residente no Bairro do Fomento)

A escola é importante mesmo, a gente tem educação, sabe-se apresentar, sabe falar, eu acho que a escola é muito muito importante para uma criança, sem escola não dá.

(84 anos, reformada, 4.º classe, residente no Bairro do Fomento)

As entrevistadas de etnia cigana referem a importância da escola como meio de aquisição de competências básicas, sendo que não continuar a estudar não constitui limitações, pois sabem as operações básicas para subsistirem e desempenharem a atividade profissional de feirantes e inclusive acederem à carta de condução:

Saber ler, saber fazer as contas, perceber isso tudo.

(Etnia cigana, 20 anos, feirante, 9.º ano, residente no Bairro do Fomento)

A frequência escolar é importante para a etnia cigana na medida em que ensina a ler e a escrever, porém “a escolaridade está distante de ser perspectivada como factor de valorização e formação na área profissional” (Mendes, 2005b: 112), até porque “não prepara

nem qualifica diretamente os seus filhos para as actividades económicas praticadas pelos ciganos” (Mendes, 2005b: 109). Referem que a frequência na escola durante mais anos não iria ter alterações significativas no mercado de trabalho e evitar o desemprego, pois no caso da etnia cigana, consideram que o desemprego é impulsionado pela discriminação, pela ciganofobia¹¹.

No caso da etnia cigana, as situações de abandono e analfabetismo prendem-se com questões étnicas e culturais¹²:

Os nossos pais não gostam que as filhas ciganas andem na escola até mais escolaridade, não querem, não nos deixam por sermos meninas.

(Etnia cigana, 25 anos, desempregada, 5.º ano, residente no Bairro do Fomento)

As singularidades verificam-se fundamentalmente na etnia cigana residente no Bairro 3 de julho: apesar das boas qualificações que tinha na escola, uma entrevistada de etnia cigana terminou a escolaridade tendo abandonado no 9.º ano com 16 anos pois acredita que mesmo continuando a estudar não conseguiria emprego, daí se considerar satisfeita com o seu nível de escolaridade e apontar que a escola não revela uma importância significativa pois não consegue aceder ao mercado de trabalho. Outra entrevistada de etnia cigana só sabe assinar pois teve de abandonar a escola para cuidar dos irmãos mais novos, porém, revelam a importância e gosto pela escola que ambiciona voltar a frequentar. Uma entrevistada de etnia cigana revelou ter estudado até ao 10.º ano, o que é um feito para o grupo étnico, uma vez que as ciganas ainda estudam muito menos anos, tendo terminado com a idade certa para terminar o 10.º ano, o que revela sucesso escolar. Está satisfeita com a escolaridade, embora ambicione continuar a estudar num curso profissional de comercial para poder conciliar com os cuidados da filha. Uma outra entrevistada cigana refere que só estudou até ao 6.º ano ainda que tivesse possibilidades financeiras para ter estudado mais, e mostra-se satisfeita com a escolaridade que tem, referindo que a escola é importante para a aquisição de conhecimentos e a expansão das oportunidades, pois embora no caso da etnia cigana sintam mais dificuldades em conseguir emprego, a escola é importante para o desenvolvimento pessoal,

¹¹ Conceito que remete para o facto de existirem preconceitos relativamente ao grupo étnico cigano que estão enraizados nas atitudes e comportamentos.

¹² Como por exemplo o casamento precoce e a não aceitação da socialização entre ciganas e não ciganos.

algo que ambiciona para os seus filhos. Uma entrevistada cigana abandonou a escola devido à gravidez e encontra-se a amamentar e por isso impossibilitada de ir à escola, porém mostra-se satisfeita com o nível de escolaridade, embora considere a importância da escola para proporcionar um futuro melhor. As entrevistadas que ainda frequentam a escola revelam, algumas dificuldades em transitar de ano letivo devido à incompreensão de algumas matérias e à falta de concentração em sala de aula, embora assumam a importância da escola como facilitadora do acesso a um bom emprego no futuro.

Como sublinha uma professora que integra o Agrupamento de Escolas de Monte da Ola, as turmas PIEF, um curso existente nesse agrupamento de escolas, que detém programas mais acessíveis e todos estes jovens querem ir para este regime, porém, as raparigas ciganas estão mais limitadas do que os rapazes devido às leis ciganas. As entrevistadas de etnia cigana que estão na escola receiam ter de abandonar, mas pretendem continuar a estudar nas turmas PIEF:

Juntaram com outros rapazes e é por isso que o meu pai não me deixa avançar mais daquilo que é previsto [...]. Eu gostava de avançar mais, mas se a lei permite assim, eu tenho de cumprir. [...] a escola para mim tem um grande valor.
(Etnia cigana, 16 anos, estudante, 6.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

Como consequência do abandono, as mulheres ciganas tendem a casar e serem mães muito precocemente, o que as torna mais dependentes e que as confina à vida doméstica e à subjugação face às sogras, casos que, como referem alguns atores socioinstitucionais tendem a ser comunicados à CPCJ, no entanto, como alertam alguns atores socioinstitucionais, as situações ficam por resolver.

Algumas das entrevistadas ciganas que ainda estão na escola têm historial de reprovações e ambicionam estudar poucos mais anos, atingindo no máximo o 11.º ano e apreciando a escola pelo convívio que possibilita. Um caso mais flagrante de uma cigana que frequenta a escola, revela um historial de reprovações e falta de vontade de estudar, pretendendo abandonar a escola ao fim do 6.º ano de escolaridade, não conferindo importância à escola pois já sabe o essencial:

Já sei ler e escrever.
(Etnia cigana, estudante, 4.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

Os percursos e motivações demonstram-se divergentes e plurais, no entanto ainda de verificam dificuldades em combater o insucesso, abandono e baixas qualificações escolares, no entanto, têm-se verificado alguns avanços.

4.3. Trajetórias profissionais

No que se refere à trajetória profissional, algumas das entrevistadas que estão desempregadas desempenham atividades de cultivo de legumes para autoconsumo pois:

Ninguém compra agora! Os meus filhos vêm e levam o que querem e eu também gasto aquilo que eu quero.

(Etnia negra, 68 anos, trabalhadora no campo, analfabeta, residente no Bairro do Fomento)

Ou ainda para venda:

[Vende] muitas coisas para Viana, vendo legumes, assim umas coisinhas [...] a pessoas amigas.

(55 anos, desempregada, não sabe ler nem escrever apesar de ter a 4ª classe, residente no Bairro do Fomento)

Existem ocorrências de desempregadas no Bairro do Fomento que apenas desempenham trabalhos temporários, devido à intensa procura em Viana e à incapacidade de as ofertas fazerem face à procura:

Todos os dias o Centro de Desemprego cheio, fábricas a fechar, aqui é assim.

(27 anos, desempregada, curso profissional com equivalência ao 9.º ano, residente no Bairro do Fomento)

Os trabalhos desempenhados pelas entrevistadas são tendencialmente precários e desempenhados desde muito jovens, e consideram que no mercado de trabalho atual deveriam ser valorizadas as competências para o trabalho e fundamentalmente a experiência profissional, algo que não verificam, pois não são constatadas.

As entrevistadas do Bairro 3 de julho que desempenharam profissões de encarregadas de limpeza, operariado fabril e restauração, assim como de executantes das tarefas do lar, sendo que as de etnia cigana têm as suas trajetórias profissionais divididas entre a vida doméstica, desemprego ou nas feiras tanto por opção (embora reconheçam a escassez de oportunidades profissionais para o grupo étnico cigano, ainda que estejam inscritas no Centro de Emprego (onde não são chamadas). A etnia cigana é alvo de uma forte discriminação e de

ameaças, destacando-se o exemplo de uma entrevistada que refere o exemplo do seu marido:

Trabalhou para pôr a luz em casa e chamaram a polícia, por ser cigano, aqui em Darque, em Âncora.

(Etnia cigana, 22 anos, executante das tarefas do lar, 9.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

As entrevistadas ciganas mais jovens que ainda frequentam a escola, apontam que apenas ajudaram os pais nas feiras, e somente perspetivam como via profissional futura serem feirantes¹³. No Bairro do Fomento, as ciganas apontam para a falta de oportunidades para os ciganos, sublinhando:

Estou inscrita no centro de desemprego e não me ligam.

(Etnia cigana, 20 anos, feirante, 9.º ano, residente no Bairro do Fomento)

Algumas ciganas nunca exerceram nenhuma profissão, pois se dedicaram a cuidar dos filhos:

Porque nunca, tipo eu tive filhos muito rápido, tipo um ia fazer um ano e já estava grávida do outro de dois meses. Sempre tive foi com eles.

(Etnia cigana, 22 anos, executante das tarefas do lar, 9.º ano, residente no Bairro do Fomento)

Ou ainda porque estão inscritas no Centro de Emprego e que pelo facto de serem ciganas já não serem empregadas, sendo-lhes dito que já não há vagas:

Já não há, já está cheio.

(Etnia cigana, 25 anos, desempregada, 5.º ano, residente no Bairro do Fomento)

Destaca-se, desta forma, a dificuldade inerente à empregabilidade das pessoas ciganas, alegando as entrevistadas o facto de serem alvo de discriminação social. As entrevistadas ciganas que não são feirantes revelam vontade de ter a possibilidade de exercer uma atividade profissional ao invés de permanecerem em casa e para poder ter melhores condições de vida:

Mais condições para a minha filha, alimentação, fralda, roupa, quem me dera a mim o trabalho.

(Etnia cigana, 22 anos, executante das tarefas do lar, 9.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

De um modo geral e em termos de percursos profissionais, denota-se uma reprodução social dos percursos dos seus antecessores. Algumas inconformidades com a situação profissional atual; noutros casos ausência de perspetivas e no que se refere à realidade atual

¹³ É uma atividade profissional apreciada no seio do grupo étnico cigano, porém encontram-se, na sua maioria limitados a esta.

e às perspetivas de futuro profissional da comunidade cigana estas resumem-se, essencialmente à feira, principalmente os do bairro que já detêm mais recursos (carrinhas, materiais, etc.) devido à atividade económica dos familiares, do que os do acampamento. Esta ausência de perspetivas conduz à apatia porque não perspetivam o processo de mobilidade social ascendente como plausível (Mendes, 2005b).

Verifica-se que uma tendência reprodutiva dos percursos profissionais e o desemprego é uma consequência comum nestes contextos. As pessoas em situação de desemprego perdem “não só a sua fonte própria de rendimentos como também todo um “pacote” de normas, costumes e rotinas de sociabilidade e convivialidade” o que acaba por ter relação com os “sistemas territorial e simbólico” (Gandra, 2014: 35). O desempenho de atividades profissionais ocupa um lugar significativo nas identidades sociais pois se associa às posições ocupadas pelos indivíduos em sociedade, dimensão alvo de estigmatização (Diogo, 2007). A medida de RSI, nas quais algumas famílias já estão incluídas há muitos anos, acabam por ser a via à qual estas pessoas recorrem, sendo que aquando do questionamento de crianças e jovens acerca das suas aspirações profissionais respondem que ambicionam viver do RSI. O que se denota é que os beneficiários têm associado a si o “estigma da assistência” (Diogo, 2007: 69) que remete para incapacidades de os indivíduos terem uma autogestão das suas vidas, sofrendo uma tensão identitária.

4.4. Trajetórias e vivências residenciais

Relativamente à trajetória residencial das habitantes do Bairro do Fomento, esta caracteriza-se pela habitação em casas ou anexos de casas arrendados sendo o referido bairro a primeira habitação social onde residem e as motivações subjacentes à residência no bairro relacionam-se com as necessidades financeiras, devido ao facto de o desemprego ser uma das problemáticas destas pessoas e, em alguns casos, as famílias serem numerosas e com crianças e jovens a estudar o que agrava as condições de vida. As entrevistadas que sempre residiram no Bairro do Fomento descendem de pais nas referidas situações anteriores e mantêm-se pois não conseguem fazer face a despesas noutra tipo de habitação que não de cariz social. Todas as entrevistadas de etnia cigana vêm de fora do bairro, apesar de não ser a primeira habitação social em que residem, algo que é uma regularidade entre elas, e fazem-no, pois, casam com

ciganos que habitavam já o bairro e não conseguem mudar de habitação:

Não dão mais casas.

(Etnia cigana, 20 anos, feirante, 9.º ano, residente no Bairro do Fomento)

Das entrevistadas que vivem no Bairro 3 de julho, as que não residem desde sempre nesse bairro ou em habitações sociais, viviam em situações precárias como *barracas* e as restantes entrevistadas residiam em habitações sociais¹⁴. As diferenças entre os habitantes dos bairros e os do acampamento são notórias, desde já pelo facto de habitarem espaços com especificidades distintas: os ciganos que vivem nos bairros, descreve uma professora que conhece a realidade, têm conhecimento acerca das funções de cada divisão da casa, embora há uns anos atrás, aquando da entrega das primeiras habitações, esses indivíduos não tivessem noção das formas de utilização e apropriação das divisões domésticas e, por sua vez, os ciganos que vivem num acampamento, em tendas sobre “terra batida” onde se tentam garantir algumas questões básicas de salubridade, porém, tendo em conta o ambiente envolvente, a inexistência de água canalizada¹⁵. Há cerca de três anos os habitantes do acampamento, conscientes da precariedade habitacional, melhoraram as condições habitacionais:

As barracas construídas com toldes e paus em madeira [foram substituídas por casas] em tijolo, com aquecimento, casas de banho, cozinha, com tudo.

(Técnica Superior, Equipa de RSI de Darque)

Relativamente aos posicionamentos acerca do Bairro do Fomento ser um bom ou mau local para se viver, o posicionamento prevalecente é de que o bairro é um mau local para se residir, sendo que as razões apontadas se prendem com as más condições habitacionais e como o ambiente social pautado por alguns conflitos também é pouco favorável, sendo que quem tem filhos ou pretende ter refere prontamente que gostavam que tivessem a oportunidade de viver fora do bairro. Este posicionamento vai de encontro a uma estratégia de *coping* que passa pela elaboração de micro-diferenças (Wacquant, 1998, 2002).

¹⁴ As motivações inerentes à residência no bairro 3 de julho prendem-se com o facto de, no caso de se ser de etnia cigana, não arrendarem casas a ciganos e de, no caso de viverem em barracas, a Câmara de Viana do Castelo ter concedido as habitações sociais do bairro aos habitantes de barracas, em outros casos de moradoras não ciganas, estas residem no bairro por incapacidades financeiras de residirem noutro tipo de habitação que não social.

¹⁵ Existem casos de pessoas que foram retiradas do acampamento e integradas em habitações sociais e que não se adaptaram à vida no bairro social e em apartamento, como referem os atores socioinstitucionais.

Entrevistadas de etnia cigana referem, inclusive, que a coabitação com a sua etnia, principalmente em grande número faz com que o bairro deseje um mau local para se viver dados os conflitos que se geram. As entrevistadas cuja trajetória residencial se circunscreve ao Bairro do Fomento, apontam que o bairro já foi um bom local para se viver quando eram crianças pois havia mais liberdade e a existência do monte que fora retirado também proporcionava outro ambiente social no bairro. A retirada do referido monte no lado onde passa a estrada e que impossibilitava a visibilidade do bairro que constituía uma forma de diversão na sua infância e que a inexistência do monte atualmente é limitadora nesse sentido, para as crianças. Apontam também a inexistência do monte torna o bairro mais visível, algo que desfavorável:

Se tivesse aqui o monte o bairro não era o que é hoje [...] Toda a gente tinha medo de vir para aqui. Ninguém entrava do monte para cá e não tinha tantos ciganos, não havia, havia dois casais só, só lá em baixo, agora você vê que tá minado [risos] é diferente.

(34 anos, desempregada, 6.º ano de escolaridade, residente no Bairro do Fomento)

As entrevistadas que identificam o bairro onde habitam como um bom local para viver têm idades mais avançadas e associam a sua habitação no bairro como o seu espaço de conforto, apesar da assunção das problemáticas existentes, apontam:

Não tenho confusão com ninguém.

(Etnia negra, 68 anos, trabalhadora no campo, analfabeta, residente no Bairro do Fomento)

Apesar desta afirmação, esta entrevistada não se considera uma pessoa muito sociável no contexto do bairro e apenas conversa com as vizinhas do lado.

Eu gosto de estar aqui na minha casa

(84 anos, reformada, 4.º classe, residente no Bairro do Fomento)

Na linha de Wacquant (1998, 2002), estas afirmações revelam uma estratégia de *coping* que destaca a defesa da vida no bairro. Uma entrevistada de etnia cigana refere que o bairro do Fomento é um bom local para se viver e gostaria que os filhos continuassem a viver no bairro pois não vê nenhum inconveniente nisso. No caso do Bairro 3 de julho a situação é diferente e, na generalidade, as entrevistadas revelam que é um bom local para viver e que a coabitação entre etnia cigana e não cigana e a diversidade sociocultural é uma mais-valia para o bairro, apesar não haver muito convívio:

Não falamos uns para os outros, é “bom dia, boa tarde.

(67 anos, reformada/executante das tarefas do lar, 4ª classe, residente no Bairro 3 de julho)

As entrevistadas ciganas que consideram o bairro um mau local para viver, justificam esse posicionamento pelo facto de terem dividido as pessoas por etnia no bairro e pelo facto de haver excesso de humidade. A maior parte das entrevistadas referem que gostavam que os filhos não vivessem no bairro, sendo que a etnia cigana com esse posicionamento, afirmam que gostavam que os filhos não vivessem no bairro devido a algumas pessoas que vivem no bairro.

Em alguns casos de pessoas que viviam em condições habitacionais extremamente vulneráveis:

Fiquei com uma casinha para criar os meus filhos.

(55 anos, desempregada, não sabe ler nem escrever apesar de ter a 4ª classe, residente no Bairro do Fomento)

A vida melhorou um bocadinho.

(67 anos, reformada/executante das tarefas do lar, 4ª classe, residente no Bairro 3 de julho)

Uma outra entrevistada de etnia cigana devido ao facto de viver numa barraca, a mudança de residência para o bairro constituiu uma mais-valia e não condicionou a execução de determinadas tarefas ou atividades, apesar de não gostarem de viver no bairro o que contrasta com as pessoas que consideram que o bairro não tem nada de positivo e que as mudanças foram negativas revelando representações negativas acerca do mesmo.

Capítulo 5. Processos e histórias: uma jornada pelas vivências de exclusão

A exclusão social promove uma fratura nos laços entre o indivíduo e a sociedade, propiciando uma quebra na própria unidade social. Gandra, 2014.

5.1. Situações de desfavorecimento plurais

As representações acerca das situações de desfavorecimento no Bairro do Fomento são heterogêneas, situações que tanto dependem da atividade profissional exercida por cada um ou, relativamente à etnia cigana, não ciganas consideram que na Segurança Social os primeiros detêm mais benefícios e que vivem acima das possibilidades. As entrevistadas do Bairro 3 de julho revelam que as situações de desfavorecimento são heterogêneas:

A gente vê que há pessoas que têm tudo, é diferente.

(Etnia cigana, 22 anos, executante das tarefas do lar, 9.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

Há pessoas que têm mais possibilidades [...]. Aqui no bairro há de tudo... infelizmente.

(Etnia cigana, 12 anos, feirante, 6.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

Há pessoas que também gostam de trabalhar, têm as suas vidas. Há uns pobres, há outros que têm dinheiro, outros não têm, tem a ver com o trabalho...

(Etnia cigana, 42 anos, desempregada, apenas sabe escrever o nome próprio, residente no Bairro 3 de julho)

Dependendo do trabalho e dos rendimentos sociais que beneficiam, contrastando com outras pessoas com largas necessidades financeiras no bairro. Denota-se com mais significância o posicionamento das moradoras do Bairro do Fomento relativamente à etnia cigana pois consideram que os rendimentos auferidos pelos ciganos lhes permitem aceder a uma vida desafogada e que a distribuição não é justa. O que é reforçado por um ator socioinstitucional é que pessoas que não são pobres, no entanto apropriam-se dessa condição para se favorecerem no seu seio, enquanto outras estão mesmo nessa condição e lhes é muito difícil sair dela. Apenas uma entrevistada refere que as situações de desfavorecimento são homogêneas no Bairro do Fomento:

É tudo pobre no bairro. Há uns que podem ter um bocadinho mais, um bocadinho menos, mas somos todos pobres, se não fossemos saíamos todos de lá.

(Etnia cigana, 25 anos, desempregada, 5.º ano, residente no Bairro do Fomento)

Também no Bairro 3 de julho, duas jovens de 13 e 15 anos, uma de etnia cigana e outra não, respetivamente, que são da opinião de que as situações de desfavorecimento no bairro são homogêneas. Este posicionamento vai de encontro à consciência das situações de desfavorecimento da *Comunidade Desfavorecida de Darque*, ou seja, das suas carências e vulnerabilidades e assumem que são estes fatores de desfavorecimento que irão condicionar o seu futuro como profissionais e pessoas, e a assunção como excluídos:

Está muito enraizada neles e sentem que não conseguem romper com o ciclo da pobreza.
(Assistente Operacional 2, Programa Escolhas: *Dar-que Pensar*)

O que os atores socioinstitucionais partilham é o posicionamento de que a comunidade, ao tomar autoconsciência do ciclo em que se inserem desenvolvem:

Estratégias de sobrevivência, e sabem usá-las¹⁶.
(Assistente Operacional 2, Programa Escolhas: *Dar-que Pensar*)

5.2. Posicionamentos e pertenças periféricas

As entrevistadas revelam um sentimento de pertença do indivíduo e do bairro à cidade de Viana do Castelo, não destacando alguma eventual desigualdade entre viver ali com aquelas condições ou noutro local. Uma entrevistada revela uma ausência de sentimento de pertença do bairro, da comunidade e de si própria à cidade de Viana do Castelo:

Darque é um degredo, já não interessa a ninguém.
(34 anos, desempregada, 6.º ano de escolaridade, residente no Bairro do Fomento)

Todas as outras entrevistadas revelam um sentimento de pertença ao bairro, o que traduz a integração das mesmas neste espaço social relacional. No caso do Bairro 3 de julho, denota-se um sentimento generalizado de pertença, essencialmente por parte da etnia cigana, porém, entrevistadas não ciganas também partilham este sentimento e fundamentam da seguinte forma:

É perto, não tarda estamos em Viana, é só passar a ponte.
(Etnia cigana, 42 anos, desempregada, apenas sabe escrever o nome próprio, residente no Bairro 3 de julho)

¹⁶ As estratégias que criam constituem-se como defesas, pois lhes é difícil libertarem-se do ciclo de pobreza e exclusão, uma vez que a situação já tem antecedentes, mas, como é sabido, há singularidades.

Se quiser brincar com algum daqui não sou excluída por ser de outra raça ou assim.

(15 anos, estudante, 6.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

Apesar do sentimento de pertença ao bairro, destaca-se o individualismo que faz com que as relações entre vizinhos não sejam significativas pois também não se realizam atividades coletivas nos bairros:

Cada um fica na sua vida [...] e só fazerem barulho.

(67 anos, reformada/executante das tarefas do lar, 4ª classe, residente no Bairro 3 de julho)

Embora o sentimento de pertença seja significativo, é consensual, nomeadamente por parte dos atores institucionais, que os não habitantes de Darque (fundamentalmente os vienenses) e os darquenses que não se encontram em situações de desfavorecimento, a partilha de representações negativas relativamente à *Comunidade Desfavorecida de Darque* e aos espaços que estes habitam¹⁷. Apesar de a maioria da população de Darque ser desfavorecida, também existem muitas potencialidades que necessitam de ser impulsionadas e é facto que a construção de bairros sociais provocou na freguesia:

Uma certa decadência [...] a nível organizacional e urbanístico.

(Assistente Operacional 1, Programa Escolhas: *Dar-que Pensar*)

No que se refere à existência do acampamento, verifica-se, através das entrevistas, uma tendência para o evitamento da passagem por este local. Os vienenses revelam uma atitude de marginalização da comunidade desfavorecida cigana, optando por ignorar a realidade sustentada na ideia de problema periférico, já que é na outra margem de Viana, a que menos se visita. Embora a Câmara de Viana tenha revelado esforços no sentido de combater esta conotação negativa associada a Darque, a existência de habitações com rendas mais baixas do que em qualquer outra freguesia do concelho de Viana do Castelo resulta numa concentração de *centenas de agregados* com diversas problemáticas, nomeadamente pessoas em situações de desfavorecimento naquela área geográfica marcada por valores de rendas mais baixos do que noutras zonas do concelho.

¹⁷ Os habitantes do Cabedelo, uma das zonas mais em voga em Viana e que pertence a Darque, não dizem que são de Darque, embora Cabedelo esteja integrado em Darque, omitem a ligação a Darque pela carga simbólica associada que contrasta com a zona de lazer e com a Praia do Cabedelo logo à entrada de Darque para quem vem de Viana.

Uma coisa é um agregado ali isolado com aquelas problemáticas, com aquelas dificuldades, mas que acaba por estar diluída e se calhar apoiada pela própria comunidade outra coisa é termos centenas de agregados a viverem próximos uns dos outros.
(Ator autárquico, Divisão da Ação Social de Viana do Castelo).

As rendas em Darque que acabam por ser mais acessíveis, também leva a que se junte lá.
(Assistente Operacional 2, Programa Escolhas: *Dar-que Pensar*)

Darque, apesar de ser uma freguesia limítrofe da cidade, é separada pelo rio, tornando-se periférica o que faz com que albergue um conjunto de conotações negativas, também porque as fragilidades da comunidade desfavorecida são facilmente observáveis e apreendidas e, como tal, as representações sociais tendem a reproduzir-se.

5.3. Os espaços habitacionais: a *comunidade* e o espaço em relação

Relativamente às condições de vivência nos bairros sociais, é consensual o posicionamento das entrevistadas do Bairro 3 de julho que consideram a existência de condições dignas no bairro, o que contrasta com o Bairro do Fomento em que essas condições são colocadas em causa devido à falta de limpeza e salubridade do bairro, à necessidade de obras nas infraestruturas do bairro e ao facto de algumas habitações terem dimensões reduzidas face ao agregado familiar que as habita. Entrevistadas de etnia cigana que habitam as chamadas “caves”, ou seja, as habitações existentes no último piso do bairro, alegam ter condições menos dignas para habitação no que diz respeito às dimensões e qualidade da estrutura das residências. Afunilando a questão relacionada com as condições habitacionais, sabe-se que as habitações do Bairro do Fomento que sofreram obras tiveram como causa o excesso de humidade no interior das habitações e o facto de chover no interior das casas, prejudicando a saúde e seguranças dos moradores e passaram por obras simples como a pintura das habitações e pequenas alterações:

As casas estão todas arruinadas e destruídas por dentro. Quando chove, no quarto ficam poças no chão.

(55 anos, desempregada, não sabe ler nem escrever apesar de ter a 4ª classe, residente no Bairro do Fomento)

Existem famílias que residem em habitações com poucas divisões tendo em conta o número do agregado familiar, o que faz com que tenham de fazer transformações, quando

reúnem capacidades financeiras para tal, como é exemplo de uma das entrevistadas que teve de transformar uma das casas de banho da casa para ter um quarto para a sua filha, visto que tem cinco filhos entre as quais uma rapariga. A maior parte das entrevistadas não realizaram obras em casa alegando impossibilidades financeiras e referindo que estão a aguardar a realização das prometidas obras no bairro pelo IHRU. As habitações do Bairro 3 de julho, no geral necessitam de obras devido à má construção e humidade, não ocorrendo obras devido a impossibilidades financeiras:

Humidade dos quartos já nem sei, deitava fora até com etiqueta, já fiz queixa na Câmara e tudo, estas casas não valem nada, ali o vidro estalou, mandei substituir e ainda hoje estou há espera, a porta da minha cozinha emperrava muito, estou há espera há um ano e meio e ainda ninguém me trouxe a porta, ainda nada.

(Etnia cigana, 41 anos, feirante, 6.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

Assiste-se a uma quase escassez de iniciativas que visam a sensibilização das famílias em situações de desfavorecimento para o bom uso do parque habitacional, nomeadamente direcionadas para a gestão dos condomínios, embora por vezes a Junta de Freguesia acabe por ceder o salão da Junta onde se realizam reuniões, mas não dos Bairros do Fomento ou do 3 de julho, onde não se realizam reuniões de moradores em nenhum dos espaços habitacionais, no entanto teria importância no contexto do Bairro do Fomento como meio de diálogo e discussão organizada dos problemas do bairro, as entrevistadas referem que seria relevante a concretização eficaz dessa medida e que, desse modo, as obras necessárias do bairro poderiam ocorrer mais rapidamente. Por sua vez, e em menor número que, embora a necessidade de realização das reuniões, tal não se revela exequível tendo em conta as divergências e dificuldades em atingir consensos o que é limitador e despoleta conflitos:

É para andarem todos à porrada, porque uns fazem, outros não fazem e depois há barulhos.

(55 anos, desempregada, não sabe ler nem escrever apesar de ter a 4ª classe, residente no Bairro do Fomento)

Com a ciganada aqui não dava que não são compreensivos, julgam que tudo merecem e nada devem!

(84 anos, reformada, 4.º classe, residente no Bairro do Fomento)

No contexto do Bairro 3 de julho apenas existiu uma reunião de moradores aquando da pintura do bairro, no entanto as entrevistadas alertam para a importância da ocorrência de

reuniões para discussão e resolução de problemas do bairro como a humidade que afeta as condições de saúde dos moradores com problemas alérgicos, asmáticos e de hipertensão e também para promover uma melhor convivência entre vizinhos devido à coabitação com diversas etnias, porém também poderia ser problemático porque se poderiam desencadear conflitos pois:

[As pessoas podiam] *entender de uma forma diferente.*

(Etnia cigana, 19 anos, desempregada, 10.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

Apenas duas entrevistadas, uma de etnia cigana e outra não cigana referem que existem dificuldades inerentes à comunicação entre moradores inviabiliza a realização de reuniões de moradores e que não considera que haja problemas que justifiquem reuniões de moradores, respetivamente.

No que se refere ao aspeto geral dos espaços habitacional e público do Bairro do Fomento, este destaca-se como negativo pois considera-se a intensa degradação das estruturas que coloca em causa a saúde e segurança dos residentes. A humidade, fissuras e falta de tinta nas paredes, saneamento e a canalização são reveladoras das problemáticas. A par deste panorama, a renda tende a aumentar e as obras prometidas pela IHRU não têm início.

Foram as casas feitas a martelo, como se costuma dizer, nas casas de banho não tem azulejo, nas cozinhas não tem azulejo, não tem um exaustor, não tem nada [...] mas vai-se vivendo. Para quem não tinha nenhuma casa!

(84 anos, reformada, 4.º classe, residente no Bairro do Fomento)

A falta de limpeza dos jardins e dos espaços envolventes às habitações do bairro é uma dimensão problemática no bairro e existe um senhor responsável por limpar o bairro semanalmente:

Fica sempre bem, mas os outros, porque a gente tem de pôr as coisas no lixo, mas os outros não, põem no chão. Olhe ali [aponta pela janela onde se vê lixo amontoado], está cheio.

(Etnia negra, 68 anos, trabalhadora no campo, analfabeta, residente no Bairro do Fomento)

Figura 8. Acumulação de lixo no Bairro do Fomento



Fonte: Fotografada pela autora.

Embora a limpeza do bairro seja regular, aponta que as pessoas ciganas colocam e acumulam no chão as roupas que não consegue vender e, consequentemente, as *crianças e os cães* (etnia cigana, 22 anos, executante das tarefas do lar, 9.º ano, residente no Bairro do Fomento) são responsáveis pela propagação e dispersão de resíduos pelo bairro [figura 8]. Uma entrevistada refere que o lixo que se verifica no bairro é da responsabilidade dos moradores e aponta ainda o facto de os lixeiros limparem o lixo acumulado à beira da estrada, mas não limparem o lixo do bairro. O não respeito pelo próprio espaço que habitam e a deposição de lixo para o chão provoca desordem e tem por base a ausência de identificação pelo espaço que leva à não preservação do mesmo, destacam alguns atores socioinstitucionais, agravando o aspeto físico e as vivências residenciais destas pessoas.

5.4. Território de residência como fator de exclusão

No que se refere à vivência no Bairro do Fomento, as entrevistadas dos dois bairros, na sua globalidade, não consideram que este constitua um elemento agravador da situação de exclusão social considerando que viver nesse bairro ou num outro local seria igual, defendendo que residir numa habitação social não provoca imagens negativas e estigmatizantes por parte do exterior. Uma das entrevistadas que defende este posicionamento, justifica que na procura de emprego *qualquer pessoa me dá trabalho* (55 anos, desempregada, não sabe ler nem escrever apesar de ter a 4.ª classe, residente no Bairro do Fomento), pois a produtividade no trabalho é que importa e não se a pessoa vive no bairro

ou não, no entanto acaba por referir que na procura de emprego nos serviços de comércio e de cafetaria em Darque barram o acesso ao emprego a quem residir em Darque e, particularmente a quem reside num bairro social. Aqui estamos perante tensão identitária no sentido em que os indivíduos em situação de exclusão maximizam alguns dos aspetos positivos da sua identidade, neste caso da identidade residencial, por forma a minimizar o efeito da exclusão. A existência de um grande número de ciganos no Bairro 3 de julho é também reforçada pelas entrevistadas de etnia cigana que destacam a dupla influência negativa associada à residência num bairro social e à presença significativa da etnia cigana nesse espaço, fatores que intensificam a hétero-exclusão.

É um bairro social, basta dizer que vives num bairro social com ciganos que já te fecham todas as portas, mesmo que sejam ciganos intelectuais e como deve de ser, com uma vida social muito equilibrada, dizem-te logo “mora num bairro social?” é logo, há logo aquela coisa com os ciganos e isso muda, acho muito que sim.

(Etnia cigana, 41 anos, feirante, 6.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

Tal como no Bairro 3 de julho, no Bairro do Fomento, as ciganas que lá residem referem que a presença significativa da etnia cigana é um fator que fomenta representações negativas acerca do bairro. Uma entrevistada de etnia cigana revela sentir estigmatização pelo facto de viver num bairro social reforçado por esse bairro ter um grande número de pessoas ciganas. Uma cigana refere que a vivência no bairro agrava as situações de pobreza e exclusão:

Se morasse numa casa sem ser perto dos ciganos acredito que fosse melhor, que tivesse mais oportunidades.

(Etnia cigana, 25 anos, desempregada, 5.º ano, residente no Bairro do Fomento)

O posicionamento da etnia cigana acerca da vivência com ciganos não significa de alguma forma uma repulsão ou ausência de identificação com o grupo, mas antes “um reconhecimento da sua singularidade e especificidade” face aos *não ciganos* e a existência de conflitos extrafamiliares que envolvem a etnia cigana (Mendes, 2005b: 87). Apesar de destacar como limitadora a discriminação com base na etnia, a etnia cigana do Bairro do Fomento também tem consciência de que a residência num bairro social e com as condições habitacionais que tem, agrava as situações de exclusão para além e existem dificuldades em mudar de vida por viver no bairro devido às condições do mesmo. No caso particular do

Bairro do Fomento, entrevistadas que sempre viveram no Bairro do Fomento referem que o monte do lado da estrada nacional [agora inexistente] fazia com que grande parte das pessoas temesse aceder ao espaço do bairro, pois este estava mais escondido, era o desconhecido, o obscuro.

Se fosse para Viana e dissesse que era de Darque, já ninguém se metia consigo, parece que tinham medo.

(34 anos, desempregada, 6.º ano de escolaridade, residente no Bairro do Fomento)

No que se refere à concentração da comunidade desfavorecida no caso em particular do acampamento é prejudicial pois limita as condições habitacionais e de saúde:

Não dispõe de condições mínimas de salubridade absolutamente nenhuma, as pessoas tiveram que roubar eletricidade para ter luz, condutas para poderem ter esgotos, aquilo é uma lixeira a céu aberto, umas barracas melhores porque têm algumas hipóteses.

(Assistente Operacional 1, Programa Escolhas: *Dar-que Pensar*)

Viver com pessoas com os mesmos problemas, com dejetos, faltas de condições, com animais soltos, sem vacinação, onde não existe um equilíbrio, uma harmonia.

(Assistente Operacional 1, Programa Escolhas: *Dar-que Pensar*)

A concentração da comunidade desfavorecida nos bairros sociais e acampamento fomenta o agravamento de situações de pobreza e de exclusão pois ao *segregarmos estamos a contribuir de alguma forma para a exclusão* (Técnica Superior, Equipa de RSI de Darque), sendo as atitudes de estigmatização face à *Comunidade Desfavorecida de Darque* evidentes pois se denota um distanciamento, agravando as condições de desfavorecimento e de exclusão dos indivíduos:

Se nós temos uma peça de pano que tem uma nódoa e não a tratamos, essa nódoa vai-se alastrando, e vai contaminando.

(Ator autárquico, Junta de Freguesia de Darque)

Aqui podemos fazer referência ao facto de o assistencialismo reforçar o estigma dos habitantes de bairros sociais (Wacquant, 2003), sublinhando as fragilidades dos indivíduos e agravando a condição de exclusão social.

5.5. Relações sociais: entre o consenso e o conflito

As relações sociais entre os habitantes do Bairro do Fomento são pautadas por desconfiança

com os moradores do bairro no geral e mais significativas entre os habitantes do mesmo bloco e a nível familiar. As relações e a focalização na vida doméstica e familiar (Wacquant, 1998, 2002) são realçadas pelas entrevistadas como centrais nas sociabilidades, sendo aspetos centrais para a vivência no bairro.

Passo pelas pessoas digo «bom dia, boa tarde» e estou a andar.

(Etnia negra, 68 anos, trabalhadora no campo, analfabeta, residente no Bairro do Fomento)

Se virmos que merece confiança dá-se se não corta-se de vez, digo eu, digo eu que é assim.

(55 anos, desempregada, não sabe ler nem escrever apesar de ter a 4ª classe, residente no Bairro do Fomento)

Por sua vez, os relacionamentos e interações sociais das habitantes do Bairro do Fomento tendem a ser mais favoráveis e mais vastas com pessoas de fora do bairro:

[Os residentes do Bairro do Fomento] *Têm outra maneira de estar, de viver, é diferente, completamente diferente, aqui levam tudo a mal.*

(27 anos, desempregada, curso profissional com equivalência ao 9.º ano, residente no Bairro do Fomento)

As relações sociais no Bairro 3 de julho são pautadas por positividade e pacificidade, mas tendencialmente são impessoais e mais circunscritas ao meio familiar e cigano ou do próprio bloco¹⁸:

«Bom dia, boa tarde, boa noite».

(Etnia cigana, 19 anos, desempregada, 10.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

É «bom dia, boa tarde, está tudo bem?»

(67 anos, reformada/executante das tarefas do lar, 4ª classe, residente no Bairro 3 de julho)

Uma entrevistada de etnia cigana considera que as relações sociais com indivíduos de fora da comunidade se pautam por discriminação tanto em lojas como no mercado de trabalho, Segurança Social e outros serviços. A relação entre ciganos e não ciganos e pessoas com outras diferenças socioculturais é marcada por relações positivas devido à convivência com durabilidade no tempo, ou seja, por habituação, sendo que a etnia cigana é que realça este facto sendo que a única pessoa não cigana e que vai de encontro a este posicionamento:

¹⁸ Tendo em conta ainda que a distribuição dos moradores pelo bairro é por famílias ciganas.

Não tenho queixa dos ciganos, eles falam bem comigo, «bom dia, boa tarde», não tenho queixa deles.

(Etnia negra, 68 anos, trabalhadora no campo, analfabeta, residente no Bairro do Fomento)

No entanto as opiniões dividem-se e há uma entrevistada cigana que afirma existirem diferenças entre ciganos e não ciganos e pessoas com outras diferenças socioculturais, sendo que o posicionamento se mantém para todas as outras entrevistadas não ciganas que apontam para as diferenças no que concerne aos modos de ser e estar sendo que os ciganos:

São mais de confusões.

(34 anos, desempregada, 6.º ano de escolaridade, residente no Bairro do Fomento)

[São pessoas] que *julgam que são mais que as outras.*

(65 anos, de baixa médica, 4ª classe, residente no Bairro do Fomento)

São muito fechados neles próprios não se abrem connosco.

(84 anos, reformada, 4.º classe, residente no Bairro do Fomento)

Os ciganos *acabam por ser antissociais [...] [e] são malcriados com as pessoas e eles começam a chamar nomes, metem-se na conversa das pessoas.*

(27 anos, desempregada, curso profissional com equivalência ao 9.º ano, residente no Bairro do Fomento)

Apontam ainda que quando as crianças brincam no espaço comum do bairro entre as habitações e a Junta de Freguesia, há tendência para se desenvolverem conflitos, havendo entrevistadas que referem que os não ciganos permitem que os filhos brinquem com os ciganos, mas o inverso não acontece:

Há sempre algum indivíduo de etnia cigana que ameaça as crianças, que as crianças não podem chegar à beira dos carros, há sempre problemas.

(55 anos, desempregada, não sabe ler nem escrever apesar de ter a 4ª classe, residente no Bairro do Fomento)

As entrevistadas referem que, para além de surgirem algumas divergências, pois os ciganos fazem barulho de madrugada e não permitem que não ciganos façam durante o dia, alguns ciganos no bairro consideram que há lugares destinados ao estacionamento dos seus veículos, quando na realidade não há, o que desencadeia conflitos:

Ainda ontem houve aqui uma confusão, não eram de etnia cigana, dois moços à porrada. Juntou-se muita gente e não sei quê. [...] O moço mandou tirar o carro e ele não tirou, depois apareceu com uma faca gigante e eles começaram à porrada. Veio a polícia, a ambulância.

(Etnia cigana, 20 anos, feirante, 9.º ano, residente no Bairro do Fomento)

Todas as entrevistadas do Bairro do Fomento revelam que existem conflitos no bairro, porém os depoimentos diferem relativamente aos indivíduos envolvidos nesses mesmos conflitos. Por um lado, entrevistadas que vivem no bairro há mais tempo apontam que a frequência dos conflitos tendeu a decrescer, e que atualmente os conflitos abrandaram, mas a generalidade das entrevistadas concorda que os conflitos operam mais ao nível da esfera privada e doméstica e que não se desenrolam tão frequentemente nos espaços públicos do bairro:

Cada um faz confusão na casa dele e eu na minha casa.

(Etnia negra, 68 anos, trabalhadora no campo, analfabeta, residente no Bairro do Fomento)

Quanto aos responsáveis pelos conflitos, algumas entrevistadas referem que os moradores de etnia cigana são responsáveis pelo despoletar de alguns conflitos:

Eles [ciganos] provocam muito as pessoas.

(27 anos, desempregada, curso profissional com equivalência ao 9.º ano, residente no Bairro do Fomento)

As entrevistadas não ciganas tendem a apontar a existência de conflitos interétnicos, ainda que entrevistadas de etnia cigana sublinhem que as diferenças socioculturais existentes no bairro não sejam a fonte principal dos conflitos e que os conflitos interétnicos não são muito graves. Por outro lado, há quem aponte o facto de os conflitos serem mais frequentes entre o grupo étnico cigano, nomeadamente no verão e durante a noite, conflitos que iniciam noutros locais como as *tascas* e acabam no bairro. Algumas ciganas reforçam a ideia de que os conflitos são impulsionados pelos ciganos:

Onde há ciganos há confusões.

(Etnia cigana, 22 anos, executante das tarefas do lar, 9.º ano, residente no Bairro do Fomento)

Por outro lado, os conflitos no Bairro 3 de julho, segundo as entrevistadas, ocorrem, atualmente, com menos frequência do que há uns anos atrás, sucedendo-se, agora, de forma pontual e nomeadamente no seio familiar:

Aqueles conflitos de marido e mulher, mas no final fica tudo bem

(Etnia cigana, 16 anos, estudante, 6.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

Ou então entre crianças, e que acabam por envolver a intervenção de adultos, sendo

estes mais frequentes entre a etnia cigana, segundo entrevistadas não ciganas. As relações entre ciganos e não ciganos e indivíduos com outras diferenças socioculturais são globalmente positivas, não se vivenciando sentimentos de discriminação no bairro, no entanto, existem indivíduos que não se relacionam com a etnia cigana e a existência de conflitos interétnicos pontuais.

As entrevistadas revelam um grau de segurança nos bairros, essencialmente pela habituação, pelo facto de já terem uma permanência duradoura no bairro:

Estou no meu bairro...

(34 anos, desempregada, 6.º ano de escolaridade, residente no Bairro do Fomento)

Até durmo e deixo a porta aberta e a chave lá.

(Etnia cigana, 41 anos, feirante, 6.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

No entanto, ainda que com a existência do monte:

Sáíamos com as portas abertas e tudo. Hoje em dia a gente não pode fazer isso. Mas não pelas pessoas do bairro. Pessoas fora do bairro porque as do bairro praticamente o que acrescentou foi a etnia porque saíram foram umas pessoas.

(34 anos, desempregada, 6.º ano de escolaridade, residente no Bairro do Fomento)

Pelo contrário, algumas entrevistadas de etnia cigana do Bairro do Fomento revelam que o seu sentimento de segurança tem os seus alicerces na permanência da família no bairro, porém, outras ciganas não revelam o mesmo sentimento:

Sei lá... ficar sozinha em casa não fico [...] sei lá, tanto cigano...

(Etnia cigana, 16 anos, estudante, 6.º ano de escolaridade, residente no Bairro do Fomento)

E pelo facto do bairro se localizar perto da estrada:

Nunca deixo a minha filha andar sozinha.

(Etnia cigana, 20 anos, feirante, 9.º ano, residente no Bairro do Fomento)

De um modo geral, as representações identitárias e sentimentos em torno do território residência no que diz respeito ao Bairro do Fomento, vão mais de encontro ao enfoque nos aspetos negativos como a falta de limpeza e de condições habitacionais no bairro sendo que como aspetos positivos apenas destacam os espaços livres disponíveis para as crianças brincarem. Denota-se uma regularidade no que respeita às moradoras do bairro há mais tempo, que coincidem com algumas das entrevistadas mais velhas, a conformidade com a vivência no bairro e que encaram este espaço como o seu *cantinho*.

As representações identitárias em torno do território de residência do Bairro 3 de julho assentam na valorização da tranquilidade e conforto que se vivencia no seu espaço habitacional, o facto de ter um jardim e de o bairro estar pintado e as relações entre vizinhos, apesar de residentes mais antigas do bairro destacam que antigamente havia mais convivência entre os habitantes.

A convivência entre as pessoas, o que gosto mais é ver as crianças a jogar à bola e a comunicarem-se.

(15 anos, estudante, 6.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

Como aspetos negativos destacam-se a falta de limpeza do bairro e entrevistadas de cigana referem que dispensam o convívio com alguns moradores do bairro. Existe também quem não realce nenhum aspeto positivo do bairro.

Relativamente à identificação com os modos de vida no bairro, as opiniões dividem-se entre as que se identificam e as que não se identificam, no entanto, as que se identificam é desde as práticas dos outros não interfiram com o seu bem-estar sendo aqui se se enquadram as entrevistadas de etnia cigana para além de outras mais velhas e que habitam o bairro há mais anos. As entrevistadas que não se identificam ambicionam mais na vida, embora não consigam alcançar e não lidam positivamente com o facto de alguns habitantes viverem acima das possibilidades. A identificação com os modos de vida no Bairro 3 de julho é revelada pelas entrevistadas na sua generalidade, à exceção de uma que refere:

Eu gostava que isto fosse pelo menos um bocadinho mais limpo pois eu sou daquelas pessoas que gostam de manter as coisas limpas, já fiz voluntariado na praia, como hoje em dia há muita poluição, e gostava que fosse mais limpo.

(15 anos, estudante, 6.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

No seguimento deste posicionamento, as entrevistadas referem que o espaço público do bairro deveria estar mais limpo e o jardim melhorado [**figura 9**] e sem acumulação de ervas pois habitantes e não habitantes do bairro, ciganos ou não ciganos, e as crianças contribuem para a poluição do bairro apesar dos vários contentores existentes e que a sujidade é acumulada no lado oposto à habitação e ao bloco das pessoas responsáveis pela sujidade do bairro. O bairro é limpo uma vez por semana, porém com menos frequência do que antigamente.

O que adianta eles estarem a arrumar, no outro dia, as pessoas atiram lixo pelas janelas? [...] Pensam que não vão ser escravos de mais ninguém porque o bairro fica sempre com miséria, não são pessoas de aprenderem.

(Etnia cigana, 19 anos, desempregada, 10.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

Figura 9. Acumulação de lixo no Bairro 3 de julho



Fonte: Fotografado pela autora.

Verifica-se a importância de realizar ações de sensibilização para a limpeza do bairro, algo que era feito no âmbito do projeto *Dar que falar*, em que as educadoras:

Iam varrer o bairro todos os dias e nós ajudávamos, [...], só que depois parámos porque vimos que não temos de ser escravas de ninguém.

(Etnia cigana, 19 anos, desempregada, 10.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

No Bairro do Fomento as entrevistadas de etnia cigana revelam todas a inexistência de práticas delinquentes de vandalismo e reveladoras de agressividade, à exceção de uma entrevistada cigana que refere a existência de práticas reveladoras de agressividade no bairro:

Nas palavras, há porrada...

(Etnia cigana, 22 anos, executante das tarefas do lar, 9.º ano, residente no Bairro do Fomento)

Por sua vez, as práticas delinquentes e reveladoras de vandalismo e de agressividade são visíveis por exemplo através de comportamentos fundamentalmente desempenhados por parte de crianças de etnia cigana e destacam igualmente a acumulação de lixo como o principal fator de delinquência no bairro atualmente:

*Riscar a porta do carro, um filho virar-se para a mãe e chamar-lhe *p...*.*

(27 anos, desempregada, curso profissional com equivalência ao 9.º ano, residente no Bairro do Fomento)

Algumas das práticas reveladoras de delinquência ou vandalismo manifestam-se com pouca significância e são mais impulsionadas pelas crianças:

Deitam lixo para o chão, riscam os carros...

(65 anos, de baixa médica, 4ª classe, residente no Bairro do Fomento)

É generalizada a opinião de que há uma ausência de práticas delinquentes, de vandalismo e de agressividade no Bairro 3 de julho, apenas destacando a destruição de alguns bancos por parte de crianças. A somar à falta de limpeza, as entrevistadas referem que os espaços habitacional e público do bairro se encontram em más condições responsabilizando a Câmara Municipal, pela humidade nas paredes (com consequências diretas na saúde dos habitantes), janelas frágeis e que caem, havendo ainda perigo de diluição de parte do bairro. Embora o panorama seja o referido, o facto de o bairro ter sido pintado recentemente, faz com que o mesmo não tenha um aspeto tão degradante.

Atores socioinstitucionais afirmam que o aspeto geral dos espaços habitacional e público dos bairros e acampamento revelam uma degradação interior e exterior o que, em parte, apontam como efeito da ausência de sentimento de cidadania por parte dos seus residentes que não preservam nem mantêm os espaços e infraestruturas em bom estado e a acumulação de lixo e o vandalismo nas paredes dos espaços dos bairros é mais um dos fatores que para esta degradação contribui. Em síntese, o espaço público do bairro tem mau aspeto pois:

Aqui são porcos, porcalhões, não arrumam os prédios, os prédios estão todos sujos, estão cheios de caruncho, não fazem lavagem e tem humidade dentro.

(Etnia cigana, estudante, 4.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

No que se refere às diferenças entre habitações, entrevistadas de etnia cigana destacam o facto dessas diferenças de relacionarem com as dimensões e divisões das habitações, havendo uma distribuição dos agregados familiares por habitações com espaços não correspondentes com o número do agregado. As habitantes do bairro revelam consciencialização acerca das condições em que vivem e revelam aspirações de melhorar quando se deparam com situações como a sobrelotação do espaço doméstico, aspeto que é apreendido pelos atores socioinstitucionais:

Se tiverem num T1 ou num T2 querem mudar para um T3 ou um T4, há essa consciência.

(Técnica Superior, Equipa de RSI de Darque)

5.6. Vivências de discriminação étnica

As experiências de discriminação face à etnia cigana ainda se verificam e são sentidas por estas pessoas pois o estigma ainda se mantém. As representações relativamente às pessoas de etnia cigana são pautadas pela estigmatização, tendencialmente, que já se prolonga há algumas décadas e que erigiu fronteiras de parte a parte.

O medo que ainda muitas vezes existe quando há uma aproximação e isso gera afastamentos, gera preconceitos, gera comportamentos discriminatórios.

(Investigadora, Observatório das Comunidades Ciganas)

A etnia cigana sente uma tensão identitária bastante acentuada pois se trata de uma negociação entre a identidade étnica e adaptação à sociedade envolvente (Mendes, 2005), em contextos vinculados de exclusão social.

No acesso à habitação que não seja de cariz social também constitui um entrave para as comunidades ciganas.

Quando quero alugar uma casa pedem logo folhas de vencimento, folhas de IRS, claro que se não trabalho não tenho, só que se veem que sou cigana...

(Etnia cigana, 22 anos, executante das tarefas do lar, 9.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

Quando famílias ciganas querem arrendar casa ou comprar, compra e arrendamento de alojamento, muitas das vezes quando os proprietários se apercebem que estão a negociar com famílias ciganas, arranjam sempre desculpas para que o negócio já não se efetue [...]. Por toda a carga simbólica que existe, que os ciganos são aldrabões, não pagam, não é, essas imagens deturpadas, esses estereótipos prejudicam frequentemente toda a vida.

(Investigadora, Observatório das Comunidades Ciganas)

Em alguns estabelecimentos ainda se usam símbolos como o sapo por forma a criar um maior distanciamento em relação às comunidades ciganas, embora atualmente já não abarque uma carga simbólica tão significativa, mas a intenção prevalece. No seio das próprias comunidades ciganas também se denota uma diferença de género muito significativa, pois os rapazes detêm muito mais autonomia e liberdade até para frequentar e integrar espaços e associações.

Nota-se a grande diferença é que os rapazes são mais livres do que as meninas, não é, portanto, têm mais autonomia, são eles que decidem, são eles que mandam [...] diferença mesmo ainda muito marcada, muito vinculada mesmo.

(Professora, Escola EB23 Carteados Mena)

No que se refere às relações e conflitualidades entre os subgrupos étnicos da comunidade desfavorecida, estas são pautadas pelo preconceito e pela marginalização dos ciganos que habitam no acampamento, uma vez que os dos bairros sociais se autoidentificam como socioeconomicamente superiores pois as condições em que os ciganos do acampamento vivem são de maior desfavorecimento, assim como as suas práticas culturais, o que provoca este efeito.

A população do acampamento sempre foi vista pelos outros grupos de etnia residentes nos bairros de uma forma muito preconceituosa também, por incrível que pareça, ou seja, eram vistos com algum desprezo, não é bem desprezo, eles viam-se como superiores... [...] distanciamento e também um preconceito mesmo, entre eles, eles eram os galegos, como eles os tratavam [...] eram aqueles analfabetos, que viviam em condições mesmo muito más, e eram vistos com algum desdém pelos outros elementos dos bairros de etnia.

(Técnica Superior, Equipa de RSI de Darque)

Em contexto escolar assiste-se a um certo distanciamento suportado pela estigmatização face à comunidade cigana e a um desconhecimento de parte a parte.

O cigano tem aquela mania de brincar e de falar alto, e não sei o quê e às vezes nem é nada, da maneira dele serem, há uns que falam mais baixo e outros mais alto, mas a maneira de se deles estarem a falar parece que estão a discutir e não estão, só estão a conversar e há pessoas que pensam que eles estão a brigar. É outra forma de interagir.

(Etnia cigana, 16 anos, estudante, 6.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

As entrevistadas ciganas que se sentem alvo de estigmatização afirmam que tal acontece devido à questão étnica, sendo que uma entrevistada refere ter vivenciado situações de discriminação na escola que frequentou em Viana e partilha uma das suas experiências:

Uma professora racista e houve um caso que a professora agarrou-me e bateu-me por eu ser cigana, fui a tribunal e tudo.

(Etnia cigana, 19 anos, desempregada, 10.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

As comunidades ciganas revelam também ser alvo de discriminação, fundamentalmente no seio do mercado de trabalho:

Se for primeiro pedir trabalho, se você for a seguir, eles claro que vão dar a você e mim não, mesmo que eu tenha mais escolaridade que você, é por isso que a gente é um povo um bocado revoltado.

(Etnia cigana, 16 anos, estudante, 6.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

O meu marido também já foi para Braga mas veem que é cigano, pronto... O meu marido também já trabalhou para pôr a luz em casa e chamaram a polícia, por ser cigano, aqui em Darque, Âncora. Ao ver que era demais a polícia e tudo desistiu do trabalho, houve um que o queria matar por ser cigano, mandaram crucifica-lo por ser cigano.

(Etnia cigana, 22 anos, executante das tarefas do lar, 9.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

As entrevistadas ciganas têm, assim, consciência da situação de exclusão e sentem a discriminação étnica em contexto laboral e, adicionalmente, revelam tendência para a desvalorização de uma atividade profissional que não a de feirante, não se identificando com outra atividade que não aquela, e porque interiorizaram que, *a priori*, pelo fator ser de etnia cigana vão ser rejeitadas no acesso a outra profissão.

Na própria comunidade não é valorizada outra atividade profissional que não a de feirante, ou seja, as suas identificações em termos pessoais, no seu seio, não há uma identificação por outra atividade que não a de feirante, [...], não há aspiração, não é valorizado, e depois também há sempre o também não querer ser rejeitado, e à partida eu sou cigano, vão-me rejeitar.

(Técnica Superior, Equipa de RSI de Darque)

A comunidade étnica criou uma estratégia de sobrevivência ao longo do tempo de forma a que a comunidade em geral não entrasse no seu seio. A integração plena das comunidades ciganas não é ambicionada pois tendem considerá-la inconveniente, e detêm regras concretas e visões do mundo particulares refletidas através das suas práticas sociais.

A própria integração que na minha opinião a integração deles também não é muito apelativa porque eles próprios também a rejeitam [...] têm uma regra muito própria, mas eles também não querem integração, não lhes convém.

(Ator autárquico, Junta de Freguesia de Darque)

Daqui se depreendem algumas dificuldades no âmbito da intervenção sociopolítica tendo em conta especificidades da *comunidade desfavorecida*. Como refere Maria Mendes, as identidades, nomeadamente as étnicas, “estão em constante negociação no contexto da sociedade abrangente”, sendo “fluidas e dinâmicas” as fronteiras étnicas em constante (re)atualização nos contextos de interação, ou seja, constroem-se em relação com o *outro* (Mendes, 2005b: 131).

5.7. A comunidade, as suas vivências, práticas e convivialidades

Considera-se que os principais valores dos moradores do Bairro do Fomento são: o

individualismo, a satisfação das necessidades individuais e a família, sendo que as entrevistadas ciganas destacam a importância da boa educação e o respeito entre marido e mulher. Há entrevistadas que consideram, inclusive a importância das relações amicais e de vizinhança, porém não há relações sociais significativas, abrangentes e alargadas entre as pessoas do bairro. A honestidade e o trabalho constituem outras das valorizações dos moradores do bairro a par de que alguns valorizam o poder socioeconómico. Existe ainda quem aponte o desconhecimento ou a inexistência de valores prevaletentes nos moradores do bairro:

As pessoas não dão importância a nada, deixam tudo destruído.

(55 anos, desempregada, não sabe ler nem escrever apesar de ter a 4ª classe, residente no Bairro do Fomento)

Os principais valores da comunidade do Bairro 3 de julho assentam na valorização da família, trabalho, do dinheiro e destacam-se a entreaajuda, *outras são mais fechadas, são mais para elas...* (etnia cigana, 16 anos, estudante, 6.º ano, residente no Bairro 3 de julho) e que algumas pessoas ciganas com costumes mais antigos reprimem o uso de roupas reveladoras das raparigas, ainda que a comunidade cigana esteja a perder algumas das suas tradições. Há ainda quem considere que a comunidade do bairro não valoriza nada, não valoriza sequer o que lhes é oferecido. O que se pode concluir, em síntese, é que a *Comunidade Desfavorecida de Darque* valoriza fundamentalmente a família e tende a verificar-se uma tendência para o crescente individualismo com todas as consequências que acarreta. Esta tendência tem os seus alicerces no “fechamento do bairro sobre si próprio” (Gandra, 2014: 10) que Wirth (1897-1952) aborda na análise da noção de *ghetto*, e que se intensifica conduzindo ao fechamento do indivíduo sobre si próprio e sobre o seu domínio familiar e doméstico.

No que se refere às práticas quotidianas e sociabilidades dos habitantes do bairro do Fomento, as entrevistadas revelam que estas se circunscrevem ao lar e a etnia cigana às feiras:

Quem tem o seu campo vai pro campo, quem não tem fica no cabaneiredo, ou conforme calha, fazerem as suas coisas, a etnia cigana é as feiras e é assim que se ocupa.

(55 anos, desempregada, não sabe ler nem escrever apesar de ter a 4ª classe, residente no Bairro do Fomento)

Há entrevistadas que destacam o facto de atualmente as sociabilidades e as formas de ocupação do quotidiano por parte da comunidade, atualmente, são inexistentes e que

antigamente se realizavam atividades conjuntas.

Costumávamos fazer tainadas aqui fora, mas já não fazemos [...]. As tainadas davam para toda a gente, mas não deixam.

(27 anos, desempregada, curso profissional com equivalência ao 9º ano, residente no Bairro do Fomento)

Aqui ninguém ocupa, não há atividades não há nada [...] é cada macaquinho no seu galho.

(55 anos, desempregada, não sabe ler nem escrever apesar de ter a 4ª classe, residente no Bairro do Fomento)

Fazíamos a festa do São João, fazíamos festas, fazíamos bailes, fazíamos desfiles de moda, certas coisas, hoje em dia não dá para fazer nada neste bairro que somos proibidos, já não podemos fazer nada porque se fizermos barulho até às 9h30/10h da noite já chamam a polícia, já armam escândalos, mas se forem eles [ciganos] já não podemos fazer isso.

(34 anos, desempregada, 6.º ano de escolaridade, residente no Bairro do Fomento)

Habitantes do Bairro do Fomento que vivem lá há mais anos destacam a influência negativa provocada pela presença de habitantes de etnia cigana pois inibem/impedem a realização de algumas atividades no bairro que antigamente se realizavam, atividades como jogar à bola, tendo por base a possibilidade de danificarem os carros. Nos espaços do bairro não se desenvolvem atividades à exceção de algumas crianças que usam o espaço do bairro para jogar com bolas e andar de bicicleta. Considera-se de enorme importância criarem espaços específicos para as crianças jogarem à bola, assim como bancos era necessário:

Ter ali uma coisinha para jogarem à bola, ter ali uns assentos para a gente nos sentarmos ali. Tanto espaço ali e punham uns banquinhos de pedra. Deixe ver agora quando vierem obras se fazem.

(65 anos, de baixa médica, 4ª classe, residente no Bairro do Fomento)

O facto de os habitantes do bairro ocuparem os dias em casa prende-se com o desemprego que assola estas pessoas. Não se realizam atividades no bairro, apenas as crianças brincam entre si e jogam futebol num campo localizado nas traseiras do bairro:

Não saem dali [do campo]. Mas as mães estão sempre a vê-los [aos filhos].

(Etnia cigana, 25 anos, desempregada, 5.º ano, residente no Bairro do Fomento)

As meninas ciganas andam como estavam agora, sempre ali a brincar, até à noite.

(Etnia negra, 68 anos, trabalhadora no campo, analfabeta, residente no Bairro do Fomento)

Apenas participam nas atividades de Natal que apreciam bastante e gostavam que

repetissem mais iniciativas desse cariz com o intuito de:

Dar mais valor ao bairro e às pessoas, que também há pessoas não ciganas.

(Etnia cigana, 25 anos, desempregada, 5.º ano, residente no Bairro do Fomento)

As sociabilidades desenvolvem-se mais no seio familiar e doméstico, independentemente da etnia. As práticas quotidianas das entrevistadas passam pela preservação dos pequenos campos de cultivo, no caso das entrevistadas que os possuem e a realização de tarefas domésticas. A prática quotidiana que salta à vista e traça uma diferenciação entre ciganos e não ciganos no bairro é o facto de os ciganos se ocuparem com a atividade económica das feiras. De resto, o dia-a-dia é passado a realizar tarefas domésticas e a cuidar dos filhos. Os resultados obtidos vão de encontro aos referentes à observação direta em que são frequentes movimentos de entrada e saída das habitações do bairro [com mais significância ao final do dia], verificando-se a permanência de alguns moradores nas varandas a conversar, assim como de algumas pessoas que, das janelas de suas casas, mantêm os olhos postos no espaço de lazer do bairro e de alguns jovens e crianças, nomeadamente de etnia cigana, a brincarem no espaço de lazer do bairro.

Os espaços do Bairro 3 de julho são ocupados nomeadamente por crianças a falar e a brincar principalmente as crianças:

Jogam futebol... Jogam às escondidas, a falarem, a jogarem às cartas...

(15 anos, estudante, 6.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

No quotidiano as entrevistadas mantêm-se em casa a tratar das tarefas domésticas e a cuidar de familiares, sendo que também se deslocam aos espaços comerciais das proximidades e a serviços de saúde. As entrevistadas que frequentam a escola vão à escola e têm como práticas quotidianas passear. No caso da entrevistada que se encontra integrada no tecido associativo de Darque, esta ouve música, pratica desporto escolar e aprecia bastante e ambiciona para além do atletismo, mas a mãe preferiu que fosse para o atletismo e acabou por se adaptar e apreciar bastante também. As ciganas que são feirantes deslocam-se às feiras para além das outras tarefas quotidianas correspondentes com as das restantes entrevistadas.

As representações acerca das sociabilidades da comunidade do bairro por parte das entrevistadas (que correspondem aos dados de observação) assentam no convívio entre moradores (fundamentalmente crianças), mas essencialmente na permanência nas habitações

devido ao facto de a maior parte dos moradores estarem desempregados e de só se juntarem em eventos mais especiais, concluindo-se que não existe um convívio muito intenso entre os moradores do bairro. As práticas conviviais no bairro passam pela realização de *brincadeiras*, conversar, jogar jogos, com mais frequência no verão e nomeadamente protagonizados por crianças ciganas e não ciganas e por vezes adultos que jogam às cartas. Os ciganos, em particular, cantam, dançam e brincam, deslocam-se às feiras e convivem também com alguns não ciganos. À semelhança do Bairro do Fomento, neste bairro, os finais de dia são os momentos em que o bairro se encontra mais movimentado.

Os equipamentos sociais e as infraestruturas existentes na freguesia são favoráveis e permitem qualidade de vida e estão abertos a todos os habitantes, só que a comunidade desfavorecida não revela uma adesão significativa.

Em termos de qualidade de vida, temos tudo, no que diz respeito às infraestruturas, temos tudo. [...] A classe desfavorecida só não utiliza os espaços se não quiser, não que sejam impedidos.
(Ator autárquico, Junta de Freguesia de Darque)

Os equipamentos e serviços de apoio existentes em Darque nomeadamente nas proximidades das habitações sociais revelam condições favoráveis e bons atendimentos estando em conformidade com as necessidades da população, destacando-se o centro de saúde pelas suas valências de atividade. As habitantes do Bairro do Fomento frequentam mais o centro de saúde e os serviços de comércio de Darque, sendo que apontam problemas aos serviços de comércio por ser pouco variado.

As entrevistadas consideram a importância de haver mais ajudas e todas as entrevistadas que têm contacto com as escolas do Agrupamento de Darque desgostam do funcionamento das mesmas a etnia cigana sente discriminação, nomeadamente nas escolas:

O meu filho tem problemas de hipertensão, tem de estar sempre na casa de banho, urina muito, a professora de inglês não deixou o miúdo fazer xixi, ele ficou cheio de xixi até ao 12h30.
(Etnia cigana, 41 anos, feirante, 6.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

Um fator referido acerca do centro de saúde prende-se apenas com a inacessibilidade ao local por parte de quem revela maiores dificuldades de locomoção e não tem viatura própria. É consensual a opinião acerca da qualidade da rede de transportes existente à disposição em Darque que respondem às necessidades da população sendo o meio utilizado para deslocações nomeadamente a Viana do Castelo que variam entre autocarro, a pé ou, no

caso particular da etnia cigana, de veículo próprio (sendo que estas pessoas revelam desconhecimento acerca da rede de transportes), sendo que as deslocções são para realizar tarefas como compras, passeios, idas ao parque com as crianças, ir ao Centro Comercial e idas à Segurança Social e a consultas médicas no Hospital e, no caso da etnia cigana, à feira.

Capítulo 6. Participações, vinculações e fidelidades: um enunciado de dinâmicas de participação social e cívica

A verdade é que não somos ainda livres [...] ser livre não é somente arredar as correntes mas viver de uma forma que respeite e realce a liberdade dos outros. O verdadeiro teste da nossa dedicação à liberdade está a começar. Mandela, 2006.

6.1. Participações associativas e cívicas

Na freguesia de Darque existe um leque bastante vasto de ofertas culturais, artísticas, desportivas e recreativas como a SIRD (Sociedade de Instrução e Recreio Darquense), os escuteiros, a ADD (Associação Desportiva Darquense), o remo, assim como atividades promovidas pelas escolas muito direcionadas para a comunidade desfavorecida e que procuram focar *pontos de interesse e tenta adequar-se a esta comunidade e ir de encontro aos interesses da população* (Assistente Operacional 1, Programa Escolhas: *Dar-que Pensar*), por forma a promover o seu envolvimento e integração. A pertença e participação associativa (desportiva, cultural e recreativa) por parte dos habitantes do Bairro do Fomento é bastante escassa, sendo que prevalece um desconhecimento significativo da existência de associações em Darque por parte de entrevistadas de etnia cigana com cerca de 20 anos e de entrevistadas com idades mais avançadas, e as entrevistadas de etnia cigana não têm conhecimento e referem que não frequentam porque não são convocados: *nunca fomos chamados para nada* (etnia cigana, 20 anos, feirante, 9.º ano, residente no Bairro do Fomento), embora manifestem interesse na integração dos filhos no tecido associativo e que se desenvolvessem mais iniciativas e atividades no bairro; ou conhecimento escasso de associações em Darque, entre as quais se destacam o Darquense e a SIRD. Uma entrevistada participou no Darquense, na sua adolescência, porém, devido a problemas de saúde teve de abandonar a prática desportiva ainda que considere que existem imensas vantagens na participação:

A gente saía de casa, íamos dar umas voltas, para nós era bom, conhecíamos gente nova.
(27 anos, desempregada, curso profissional com equivalência ao 9.º ano, residente no Bairro do Fomento)

As entrevistadas que revelam um conhecimento, ainda que escasso das associações, revelam que ou não consideram ter idade para frequentar e os seus descendentes, quer sejam filhos ou netos, não participam também em associações. Destacam a importância da participação para *conhecer pessoas, fazer amigos* (etnia cigana, 22 anos, executante das tarefas do lar, 9.º ano, residente no Bairro do Fomento), principalmente as crianças para praticarem atividades. Pessoas que habitam o bairro há mais anos revelam que as crianças já estiveram mais integradas em atividades desportivas em Darque do que atualmente. O envolvimento da Comunidade Desfavorecida nas atividades seria um caminho para combater a exclusão social dos mesmos, considerando-se que o convívio e a proximidade podem conduzir à quebra da reprodução das representações negativas de que são alvo:

Eram vistos com outros olhos pela população em geral porque algo que está integrante não está afastado, mas compreendido [...]. Faz com que eles criem uma identidade e um sentido de pertença e passem a ser um corpo em vez de só um membro, não são algo isolado e estão envolvidos.

(Assistente Operacional 1, Programa Escolhas: Dar-que Pensar)

A participação associativa seria igualmente uma mais-valia pelo estabelecimento de relações amicais como via de combate à exclusão social, no entanto, a retração da comunidade desfavorecida por parte de alguns indivíduos é compreensível pois faz parte do processo de exclusão – a autoexclusão – e tal processo provoca o afastamento a somar a um certo *desinteresse* face a outras atividades que impliquem abandonar a zona de conforto. A retração dos indivíduos em situação de exclusão ocorre muito devido ao facto de estes colocarem em evidência as fragilidades e vulnerabilidades por estarem mais *expostos* à população que não sente as mesmas vulnerabilidades. Uma assistente operacional, alvo de entrevista, referiu ter ouvido por parte de crianças: *tu trabalhas, tu és rica* (Assistente Operacional 2, Programa Escolhas: *Dar-que Pensar*) o que é revelador do sentimento de inferioridade, de situações e condições que optam por ocultar.

O posicionamento das entrevistadas do Bairro 3 de julho relativamente ao associativismo em Darque, incide no conhecimento de todas as entrevistadas não ciganas de associações em Darque, sendo que algumas entrevistadas têm filhos/netos que participaram/participam e alertam para a importância da participação associativa para

promoção do convívio e ocupação de tempos livres. Uma jovem entrevistada não cigana tem conhecimento de associações em Darque e é atleta no Darquense há cerca de um ano, alertando para o gosto e importância da prática desportiva e associativa:

Gosto porque na escola estão sempre a falar de fazermos exercício físico, eu acho fundamental e gosto muito de fazer exercício físico, gostava um dia de ser uma atleta mundialmente conhecida e representar Portugal.

(15 anos, estudante, 6.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

As entrevistadas de etnia cigana do Bairro 3 de julho que conhecem associações em Darque referem que não participam. As perspetivas das entrevistadas relativamente à participação associativa dos habitantes dos respetivos bairros é unilinear no sentido em que consideram que a comunidade não participa justificando com o facto de existirem mais associações em Viana do que em Darque ou de não serem integrados no tecido associativo, referindo que apenas se envolvem em eventos escolares para os quais são convocados [sendo que a escola representa o principal meio de mobilização] e uma entrevistada cigana refere que alguns familiares participam em associações desportivas. Assiste-se a uma escassez de modalidades de participação e associação na Comunidade Desfavorecida de Darque, não se verificando uma participação concertada e significativa de cidadania, inclusive do direito ao voto, nomeadamente por parte da comunidade cigana que não se envolve no exercício do direito ao voto:

A nossa comunidade de etnia não tem o cuidado de ir votar, não quer saber, não se envolve.

(Assistente Operacional 2, Programa Escolhas: *Dar-que Pensar*)

Indubitavelmente que o dinamismo está presente em Darque, em várias vertentes, porém a conotação negativa associada a Darque provoca um distanciamento relativamente à freguesia e suas iniciativas embora as pessoas que se envolvem nas direções associativas e nos projetos *são darquenses de gema que lutam cada vez por um reconhecimento de Darque, pelos aspetos positivos* (Assistente Operacional 1, Programa Escolhas: *Dar-que Pensar*).

As tentativas de mobilização da comunidade desfavorecida neste sentido foram várias, nomeadamente promovidas por entidades associativas, até mesmo no sentido de expor a cultura cigana, o que se tem vindo a confirmar é que a comunidade desfavorecida, principalmente não cigana, revela interesse e entusiasmo pelas atividades variadas que têm à sua disposição e, quando iniciam determinada atividade o percurso tende a ser curto, pois

ocorre uma quebra do sentido de compromisso:

Eles gostam, por isso nós temos uma vasta, temos muitas atividades e variadas, eles até iniciavam a atividade, por exemplo o futebol, a natação, eles iniciavam, mas o compromisso que assumem e a continuidade perde-se, eles vão uma duas, depois faltam, depois faltam outra vez, ou seja, o sentido de compromisso com algo que iniciam, perde-se.

(Assistente Operacional 2, Programa Escolhas: *Dar-que Pensar*)

As crianças, após as aulas não se dedicam a atividades extracurriculares como apoio ao estudo ou algum tipo de desporto, estas situações ficam fora do que estes consideram ser o seu alcance, alguns deles por pensarem que devido às suas carências económicas não podem aceder a este tipo de atividades, embora as ofertas desportivas se revelem acessíveis e ajustadas às condições socioeconómicas os indivíduos. Para além do referido, considera-se que os pais estão a reproduzir, para os filhos, a socialização na qual estiveram envolvidos, o que implica em parte algum desconhecimento das oportunidades disponíveis, embora os filhos até se sintam motivados porque os colegas estão envolvidos nisso.

Por vezes as crianças querem e aos pais não lhes apetece.

(Assistente Operacional 2, Programa Escolhas: *Dar-que Pensar*)

O “isolamento, a excessiva atomização dos indivíduos e a consequente rarefação das solidariedades primárias” num determinado espaço ou território “resulta ou tende a resultar no aumento da incidência da exclusão sobre as populações e, por aí, na progressiva perda da sua potencial esfera global de cidadania” (Ruivo, 2000: 44-45). Estamos perante um “novo regime” de marginalidade urbana: a marginalidade avançada (Wacquant, 2008), marcado por uma auto e hétero assunção das (im)possibilidades de mudar o destino traçado das vidas. Destino já há muito tempo desenhado na sina das palmas das mãos e que corporaliza uma “dinâmica macrossocial de aprofundamento das desigualdades observável mesmo em conjunturas de crescimento económico; uma dinâmica económica de dessocialização do salariedade; [...] dinâmica política de circunscrição, desarticulação e retração do estado social; dinâmica espacial de concentração e estigmatização da pobreza” (Queirós, 2015: 271).

6.2. Iniciativas para a comunidade

Em frente ao Bairro do Fomento ocorreu uma iniciativa no Natal de 2016 em que a comunidade do bairro se envolveu bastante, algo que fora reforçado pelos atores

socioinstitucionais, sendo que a comunidade apreciava a ocorrência mais iniciativas desse cariz por forma a valorizar o espaço e as pessoas que o habitam. Embora partilhem o conhecimento por associações em Darque, as entrevistadas de etnia cigana que habitam no Bairro 3 de julho referem que não participam, porém relevam a importância Projeto *Dar que falar* promovia várias atividades e deslocações e pela importância do projeto, pela possibilidade de oportunidades que desconheciam e pela capacidade de integração e conhecimento da comunidade cigana:

Antes havia aqui pertencia à APPN, e fazíamos atividades com eles, comemorávamos tudo, tivemos um ano em que havia muitas atividades, aulas de dança.

(Etnia cigana, 22 anos, executante das tarefas do lar, 9.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

Íamos para praia, para piscina, íamos para todo o lado, tínhamos muito conhecimento, fazíamos crochê, fazíamos de tudo, tapetes [...] era importante para nós e para os outros poderem saber um bocado da nossa história.

(Etnia cigana, 16 anos, estudante, 6.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

O ATL era “nosso”, é uma forma de falar e nós gostávamos bastante daquilo, das professoras e dos professores aqui, nós tínhamos eles, ganhamos um laço todos, uma amizade com eles

(Etnia cigana, 19 anos, desempregada, 10.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

A vontade de se envolverem com os projetos dirigidos à comunidade desfavorecida eram expressos por alguns deles que admitiam que:

Se o projeto não existisse ali, eles também não sabiam o que faziam com o seu tempo, porque os pais ou estavam a trabalhar, ou os pais não tinham como.

(Assistente Operacional 1, Programa Escolhas: *Dar-que Pensar*)

Como fora explorado anteriormente, a *Comunidade Desfavorecida de Darque*, apesar da fraca participação associativa, por partilhar um sentimento de desenquadramento face a estes contextos, demonstra vontade de se envolver em projetos direcionados para o bairro no sentido da promoção dos valores das pessoas, no desenvolvimento de atividades recreativas, culturais, desportivas e educativas. Não tende a partir de iniciativas independentes, no entanto a vontade de maior acompanhamento é expressa. Também se verifica que a maior parte dos indivíduos desfavorecidos não investe na produção e partilha dos recursos e são marginalizados sendo que, se lhes for pedido também tendem a revelar alguns entraves:

Estão totalmente marginalizados ou automarginalizam-se, que eles também não querem integrar. Se se pedir para eles fazerem alguma coisa é difícil.

(Ator autárquico, Junta de Freguesia de Darque)

6.3. Comunidade e campo político em relação

O desconhecimento total face às políticas implementadas para os bairros e os seus habitantes é generalizado e as opiniões acerca do apoio político dado aos habitantes do Bairro do Fomento vai de encontro ao desinteresse por parte dos órgãos políticos perante as necessidades demonstradas, sendo que as entrevistadas apontam, fundamentalmente, para um desinteresse político por parte da Junta de Freguesia e do IHRU, sendo que, uma entrevistada não cigana revela que o tratamento é diferenciado no caso de se ser cigano, pois considera que a etnia cigana tem mais facilitismos. Duas entrevistadas de etnia cigana revelam que era importante que as iniciativas políticas se verificassem ao nível da realização de obras e da conceção de habitações com mais condições. Por último, duas entrevistadas, uma de etnia cigana e outra de etnia negra apontam que a escassez de apoio político relaciona com a falta de *condições para ajudar* (etnia cigana, 25 anos, desempregada, 5.º ano, residente no Bairro do Fomento) ou *eles é que sabem, a gente não pode mandar a eles* (etnia negra, 68 anos, trabalhadora no campo, analfabeta, residente no Bairro do Fomento). Todas as entrevistadas revelam um sentimento de falta de apoio político ao Bairro 3 de julho e seus habitantes, à exceção de uma entrevistada que crê no apoio político da comunidade em caso de necessidade, fator que todas as outras entrevistadas apontam como problemático pois existem várias necessidades a colmatar. A etnia cigana tende a associar a falta de apoio político a discriminação e que o apoio é notório para aqueles que já detêm mais possibilidades.

Duas jovens entrevistadas de etnia cigana não sabem quais os principais problemas do Bairro do Fomento a apontar. O problema da falta de limpeza do bairro a par da precariedade que se faz sentir na vivência do dia-a-dia por parte dos habitantes do bairro dadas as infraestruturas existentes que deveriam constituir preocupações políticas e que o IHRU devia intervir, nomeadamente através de obras de requalificação do edificado:

Arranjar as estruturas, pintar, arranjar os canos que entope muito e dar àqueles que têm 1 filho, 2 filhos, darem uma casinha melhor, porque aquilo são para duas pessoas ou para duas, as caves, deviam dar casas a quem precisa.

(Etnia cigana, 25 anos, desempregada, 5.º ano, residente no Bairro do Fomento)

Os conflitos existentes no bairro, tanto entre ciganos como entre não ciganos, constitui um problema destacado pelas entrevistadas, havendo ainda quem afirme que os ciganos considerarem que *são donos do bairro* (34 anos, desempregada, 6.º ano de escolaridade, residente no Bairro do Fomento). Os problemas do Bairro do Fomento passam pela configuração das mentalidades de algumas pessoas, assim como da Presidência da Junta de Freguesia, sugerindo reuniões para pôr em evidência os problemas que existem no bairro e quiçá provocar efeitos ao nível da intervenção da IHRU. Os problemas do bairro apontados pelas entrevistadas passam pela falta de apoio político ao bairro no que concerne a questões como a acumulação de lixo e falta de limpeza no bairro e que era importante fazer mais pelo bairro do que apenas pinta-lo no exterior, e deviam ser melhoradas as paredes interiores devido à humidade e janelas, pois consideram a má construção das habitações. Especificamente quanto à falta de limpeza:

Eu se pudesse pegava numa vassoura e dormia e já estive para pegar na minha tesoura que eu faço isso à sexta e ao sábado para o cemitério fazer arranjos e eu já estive para pegar na minha tesoura e cortar estes arbustos.

(50 anos, desempregada, 6.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

Fazia um apelo para as pessoas (...) porque para que serve o caixote do lixo?

(Etnia cigana, 16 anos, estudante, 6.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

Independentemente da etnia, entrevistadas referem que os conflitos domésticos como um dos principais problemas do bairro, assim como a falta de convívio entre as pessoas e falta de iniciativas como o *Dar que falar*. Ainda que com menos frequência, também são apontados como problemas do bairro o facto de haver crianças que perturbam o sono dos moradores durante a noite, pelo que os pais se deveriam responsabilizar e o facto de o bairro ser alvo de uma forte discriminação, nomeadamente pela forte presença da etnia cigana.

No que se refere aos benefícios sociais, no Bairro do Fomento, as entrevistadas mais idosas recebem reformas e as beneficiárias do RSI são de etnia cigana algo que é sentido como revolta para algumas entrevistadas que ou não são beneficiárias do RSI ou recebem

apenas abonos dos filhos que sentem a diferenciação entre ciganos e não ciganos na Segurança Social. As beneficiárias do RSI ou de abonos no Bairro 3 de julho são todas de etnia cigana, sendo que uma das entrevistadas de etnia cigana não recebe nenhum apoio e as restantes entrevistadas do Bairro 3 de julho não beneficiam de qualquer apoio social. Os subsídio-dependentes estabelecem uma relação de maior interação na comunidade, porém a relação é muito pautada pelo conflito, tanto em atividades recreativas em que participam como em relação aos *serviços, por exemplo de alimentação, que beneficiavam, sempre numa base crítica* (Assistente Operacional 2, Programa Escolhas: *Dar-que Pensar*), segundo a ideia de que têm de ser ajudados porque precisam, usando mesmo as palavras e o tom de voz para se imporem. Uma técnica superior que integra a equipa de RSI de Darque refere que a medida do RSI que tem como objetivo a inserção profissional e social dos beneficiários e envolve um conjunto de ações de inserção que os técnicos tentam *de alguma forma que sejam contratualizadas com os agregados familiares*, mas a relação não é fácil nem sólida e que a contratualização é em troca de uma verba monetária que estes recebem, o que constitui um fator basilar e condicionante nesta relação. A tensão identitária é aumentada pelo benefício de apoios sociais como o RSI, pois os *outros* percecionam os beneficiários de forma negativa e tendem a destacar-se estratégias como a “racionalização desculpabilizante” que se relaciona com as necessidades financeiras e as limitações inerentes ao exercício de atividades profissionais e a “distinção perante os outros”, ou seja, críticas negativas tecidas aos outros beneficiários e a exaltação de aspetos positivos acerca de si mesmos (Diogo, 2007: 150-151). Referem atores socioinstitucionais que se verifica uma incongruência entre direitos e deveres constitui uma questão mais global do que possa à partida parecer, que assola a comunidade desfavorecida e não apenas a comunidade desfavorecida cigana. Como foram socializados na base da dependência subsidiária, estes indivíduos geram conflitos, o que cria instabilidade, culpabilizando sempre *o outro*, nunca acionam a autoconsciência para discernir a quota-parte de culpa nos conflitos. A contratualização subjacente ao RSI é uma medida de combate à exclusão social por via da inserção social (Diogo, 2007), no entanto o seu entendimento acaba por não ser esse na perspetiva dos seus beneficiários.

Os técnicos socioinstitucionais têm perceção do descontentamento generalizado por parte da *Comunidade Desfavorecida de Darque* com todas as questões que envolvem o apoio

social à *comunidade*, mas têm a percepção de que as medidas políticas estão condicionadas pelas diversidades socioculturais e étnicas da *Comunidade Desfavorecida de Darque* e os atores socioinstitucionais afirmam que não existe uma partilha recíproca das obrigações. O que reforçam também é que a *Comunidade Desfavorecida de Darque* se revela mais recetiva às intervenções quando procura uma ajuda e quando as ações são em prol das suas necessidades.

Verifica-se um esforço conjunto por parte das entidades políticas e associativas em Darque *e têm lutado e é uma luta constante para que esta comunidade consiga sair desta condição, constante e difícil* (Assistente Operacional 1, Programa Escolhas: *Dar-que Pensar*). Apesar do investimento com as medidas implementadas, como o PEDU, os projetos no âmbito do Programa Escolhas e outras intervenções impulsionadas pelo Município e pela Junta de Freguesia, o que se denota são avanços progressivos, porém morosos. O Programa Escolhas e as intervenções no seu âmbito “procuram operar através de uma relação social de proximidade com a população-alvo” estimulando “a participação social das crianças e dos jovens a fim de promover a sua cidadania” (Gandra, 2014: 368). Parece importante, aqui, relembrar que “a precariedade do subúrbio como espaço político e de participação cívica conhece, por isso, realidades e graus muito distintos. Para além disso, não se pode, também, medir a diferença entre o urbano e o suburbano apenas por critérios administrativos, nem a participação cívica por critérios estreitos do exercício de democracia formal” (Domingues, 1994: 10).

6.4. Futuros (in)certos: (in)satisfação com a situação de vida atual e visões prospetivas

Do Bairro do Fomento, as entrevistadas que se revelam satisfeitas com a situação de vida atual são mulheres idosas que já se conformaram com a situação de vida e perderam a esperança na mudança, assim como entrevistadas de etnia cigana. As entrevistadas inconformadas e insatisfeitas com a situação de vida atual colocam a tónica na sua posição face ao mercado de trabalho, ambicionando futuros mais prósperos para os seus filhos, nomeadamente uma entrevistada de etnia cigana refere:

Cansa, farta, dá depressões estar dentro de casa. Já apanhei depressões de estar em casa.
(Etnia cigana, 25 anos, desempregada, 5.º ano, residente no Bairro do Fomento)

Na generalidade as entrevistadas do Bairro 3 de julho revelam que se encontram satisfeitas com a situação de vida atual e as ciganas afirmam apenas que ambicionam conseguir aceder ao mercado de trabalho:

De várias oportunidades que estou à espera, eu estou sempre lá, mas não me chamam [...]. Já tentei arranjar emprego para várias coisas e sempre me negaram, é complicado.
(Etnia cigana, 19 anos, desempregada, 10.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

Ambicionam também o acesso a uma habitação que não seja social, porém apontam a inacessibilidade no arrendamento de imóveis por ciganos e ainda uma entrevistada a frequentar a escola ambiciona evoluir em termos de escolaridade pois sabe que com menos escolaridade mais difícil será conseguir um emprego fora do contexto das feiras. No Bairro do Fomento, as perspetivas de mudança de residência, é comum a todas as entrevistadas tendo por base a falta de condições habitacionais e outros problemas do bairro e alegam não se mudarem por falta de possibilidades financeiras para tal. As entrevistadas mais idosas não têm perspetivas de mudança de residência pois, apesar dos problemas do bairro, sentem o seu lar como o seu espaço de conforto. No caso do Bairro 3 de julho, a maioria das entrevistadas revela a ambição de mudar de residência caso lhes fosse dada essa possibilidade (conceção de outra habitação, no caso da etnia cigana), ou por necessidade de haver maior privacidade por coabitar com muitos familiares (etnia cigana) ou aquando da existência de possibilidades financeiras. Nenhuma das entrevistadas revela vontade de sair de Darque alegando nutrir um sentimento de pertença relativamente ao local (Cfr. Guerra, 2012a e 2012b).

Não, não me importo de morar em Darque, o problema não é Darque.
(27 anos, desempregada, curso profissional com equivalência ao 9.º ano, residente no Bairro do Fomento)

Sair de Darque não, é a minha terra, é onde eu nasci, prontos, de Darque para Viana não me importava porque é a minha terra, agora para outro sítio não.
(Etnia cigana, 19 anos, desempregada, 10.º ano, residente no Bairro 3 de julho)

As frações populacionais cujo estilo de vida é precário devido à dificuldade de acesso a “determinados padrões de bem-estar e de qualidade de vida tem tradução directa na vida

quotidiana, nomeadamente na deterioração da identidade sócio-cultural” (Guerra, 2002: 14). De facto, estas pessoas veem as suas possibilidades de vida limitadas e têm dificuldade em ver *a luz ao fundo do túnel*, dando uso a diferentes estratégias identitárias e de vivência. Assim, os liames de uma cultura diversa comum aqui presente parecem ser fundamentais para despoletar a procura de um sentimento de pertença a uma comunidade, a potenciação de resiliência, confiança em si e capacidade de ação e na demanda da confiança nos outros e nas instituições, “indo de uma esfera de direitos sociais mínimos (habitação, saúde, justiça), passando pelo sentimento de equidade nas oportunidades, a consolidação do capital social, a aquisição e treino de competências e capacidade de ação, até ao desenvolvimento do sentimento de pertença a redes” (Guerra, 2012a: 213).

Um ponto de chegada: considerações finais

A rutura com o senso comum (...) representa (...) um processo continuado e sempre incompleto. É um processo em que a ciência se questiona a si própria, porque questionada por valores, doutrinas, saberes práticos. Silva, 2009.

Como ponto de chegada, de uma pesquisa inacabada, seguem-se algumas considerações. As diferenças intra e inter habitações sociais, etnias e trajetórias de vida marcam as orientações estratégicas identitárias, confirmando que os percursos biográficos que envolvem o *background* familiar, as trajetórias escolares profissionais e residenciais desempenham importantes papéis como referenciais identitários. O facto de termos como eixo e objeto de estudo analítico mulheres e jovens em situações de exclusão social, significa que estamos a abordar e a explorar as suas relações e posicionamentos com e face aos homens, à sociedade, os grupos étnicos e às demais instituições. Tendo em conta os dados recolhidos, a *Comunidade Desfavorecida de Darque* encontra-se num ciclo reprodutivo de exclusão que se estende desde os antecedentes familiares, elas próprias e tende a revelar efeitos reprodutivos para os filhos. A rejeição dos universos sociais e simbólicos demarca a exclusão social dos indivíduos (Fernandes, 1995), segundo uma lógica reprodutiva.

Os eixos de análise temporal das trajetórias escolares, profissionais e residenciais levam-nos a concluir que as identidades sociais destas pessoas são constantemente afetadas por toda a conjuntura diacronicamente instalada e com continuidade temporal. Os percursos escolares ainda se revelam escassos o que condiciona os percursos profissionais (circunscritos a profissões precárias, desemprego e dependência de apoios sociais, entre os quais se destaca o RSI) – com maior incidência sobre a *comunidade* cigana e no género feminino – a par de um conjunto de condicionalismos associados à questão residencial. Para a *comunidade*, a valorização da escola circunscreve-se à mera apreensão de competências básicas como aprender a ler e a escrever, não revelando aspirações escolares muito elevadas e, no caso da etnia cigana, apesar de alguns avanços, esta situação revela-se mais crítica, uma vez que não é plenamente aceite no grupo étnico que a mulher se instrua, culminando no desempenho de profissões de feirantes, e os *não ciganos* sujeitam-se a profissões precárias ou ao desemprego. Aliado ao desemprego estão os apoios sociais beneficiados por alguns membros da *comunidade desfavorecida*, e que demonstram revolta perante o facto de não

serem convocadas pelo Centro de Emprego e se manterem desempregados de longa duração.

A simbologia do lugar, ou seja, a carga simbólica associada à habitação em bairros sociais periféricos e acampamento é negativa, e a estigmatização que se faz sentir é muito significativa, acentuada pela carga negativa associada à etnia cigana, no entanto, revela-se tendencial a desconsideração dos aspetos negativos que se associam às representações negativas partilhadas socialmente acerca do tipo de habitação e dos seus residentes, maximizando dimensões identitárias, perante a tensão identitária de que são alvo. Apesar no referido, entrevistadas, fundamentalmente do Bairro do Fomento, afirmam que as condições habitacionais constituem entraves, a par da falta de limpeza que se denota nestes espaços habitacionais. As motivações subjacentes à habitação em bairros sociais prendem-se, essencialmente, com impossibilidades financeiras para arrendar um outro tipo de habitação e, no caso particular do grupo étnico, estes tendem a revelar essa tendência a somar ao facto de haver uma enorme dificuldade em aceder a habitações de cariz não social, o que evidencia a discriminação étnica. O estilhaçamento das solidariedades e das sociabilidades resultam dos processos de exclusão, e fortalecem o individualismo e o estreitamento das relações sociais que se circunscrevem, fundamentalmente, ao âmbito familiar e doméstico.

Verifica-se que os indivíduos em situação de exclusão social vivem o presente, preocupando-se com as necessidades do momento atual. No seio da *comunidade desfavorecida* existem subgrupos: os dos bairros sociais e o do acampamento, com culturas e práticas culturais distintas, o que gera conflitos interculturais e interétnicos. Os conflitos que ocorrem nestes espaços habitacionais, segundo as entrevistadas, têm por base divergências entre vizinhos e também intrafamiliares, no entanto, apesar desses fatores, as entrevistadas afirmam sentir-se seguras nos espaços sociais que habitam. A comunidade cigana, neste âmbito, é perspetivada com algum estigma e preconceito e os grupos étnicos também revelam alguma *resistência* devido às especificidades culturais, o que conduz ao conflito. Relativamente às atividades conjuntas no bairro, o que se denota é que estas não têm lugar nos espaços de convívio dos bairros sociais, pelo que existe uma urgência para a modificação desta realidade por forma a dinamizar e a expandir as relações sociais nestes contextos. Dada a conjuntura face ao emprego, a *comunidade* acaba por despender praticamente todos os seus dias em casa, à exceção das poucas pessoas que desempenham

atividades profissionais, e quando abandonam o bairro tende a ser para zonas próximas de Darque, como o concelho de Viana do Castelo, onde se dirigem a espaços comerciais, de lazer, a serviços de saúde Segurança Social e, a etnia cigana desloca-se às feiras.

Verifica-se um afastamento e fechamento no que se refere à participação social e associativa, na medida em que a *comunidade* se sente desenquadrada face a estes contextos, necessitando de obrigatoriedade no que se refere à participação, no entanto, este sentimento de, à primeira vista, desinteresse, é contrariado pelo facto de as entrevistadas realçarem dimensões positivas associadas ao envolvimento no tecido associativo (como é o alargamento das relações sociais). A não participação social por parte dos indivíduos em situações de exclusão social é recorrente e resulta dos processos de que são alvo culminando no seu fechamento e fortalecendo o hiato social em relação aos *outros*. A participação em sociedade “permite ao indivíduo desenvolver-se como membro efectivo de uma comunidade” (Ransom, 2000: 15). As relações da *Comunidade Desfavorecida de Darque* com o campo político e institucional tendem a revelar algumas divergências e a configurar-se como dois polos distintos e em oposição, o que coloca em causa a eficácia das intervenções em prol da inclusão social destas pessoas. Os principais aspetos destacados pela *comunidade* como mais problemáticos são a falta de limpeza do bairro a par dos conflitos com a etnia cigana e *não cigana* e a ausência de iniciativas e atividades nos e para os bairros, colocando a tónica na ausência de apoio político aos habitantes dos bairros sociais.

Retomando às nossas hipóteses teóricas, as representações acerca dos processos diacrónico e sincrónico de exclusão social refletem a sua influência na tensão identitária destas pessoas que adotam estratégias várias de combate a essa tensão, que se movem entre o fechamento social e a dissimulação das condições de vida concretas e a valorização de determinados aspetos das suas identidades, contrariando as *hétero* representações que os *outros* partilham. As estratégias identitárias gravitam entre o “distanciamento”, “orgulho” e “defesa” (Diogo, 2007:214), estando dependentes das trajetórias dos indivíduos desfavorecidos. Das análises dos resultados das observações diretas e das entrevistas realizadas podemos, de um modo geral destacar que, e seguindo a teorização de Paugam acerca das “estratégias de distinção social»” (Paugam cit. por Fernandes, 1991: 64), a *comunidade desfavorecida de Darque* se move entre todas as estratégias de distinção social,

moldando assim as suas identidades sociais. A auto e hétero definição destas pessoas baseia-se nas trajetórias e experiências de exclusão e fazem-no por alteridade, ou seja, tendo o *outro* como referencial. Focados numa cidade como Viana do Castelo este facto é particularmente acutilante: em alguns locais dentro da cidade existe uma dupla exclusão social experienciada por certos indivíduos, quer ao nível da vivência socioeconómica da cidade, como no capital económico, social e cultural possuído, quer ao nível da perceção simbólica negativa que existe sobre determinados territórios (Wacquant, 2008). Um caso claro e exemplificativo serão os bairros sociais de Darque (Queirós, 2015), cuja população se encontra socialmente excluída, e sobre os quais existem leituras sociais e simbólicas muito vincadas no presente.

A ausência de perspectivas futuras e mobilidade social para as entrevistadas adultas é uma regularidade verificada, porém, as mesmas ambicionam percursos de mobilidade social ascendente para os seus filhos. As identidades sociais estão em constante reconstrução e os indivíduos, fundamentalmente os que são alvo de exclusão social, lidam com tensões identitárias envolvendo violência simbólica por oposição a padrões, valores e modos de vida contrastantes com os dominantes na sociedade.

Seguem agora um conjunto de sugestões de medidas que, na sequência deste trabalho, se revelaram importantes de implementar: a realização de ações de sensibilização para a limpeza colaborativa nos bairros, no sentido de alertar os moradores para a importância de ter cuidados com a reciclagem e a preservação dos espaços, rumo à educação para a cidadania; mostra-se urgente o reforço do acompanhamento dos novos moradores dos bairros, como medida de integração, nomeadamente daqueles que provêm de meios sociais e residenciais ainda mais desfavorecidos como são os acampamentos; maior aposta na promoção de mais atividades de índole social e cultural direcionadas e que envolvam a *comunidade desfavorecida* e, preferencialmente *in loco* (tendo em conta as dificuldades de integração noutros tecidos associativos), para a valorização das identidades; e, por fim, uma medida de complexa implementação, pois de âmbito estrutural, no entanto necessária, de dispersão das pessoas em situações de desfavorecimento, em oposição à concentração das mesmas em habitações sociais onde confluem e se ampliam múltiplas problemáticas, negando, desta forma, o assistencialismo.

Como produto final e adicional a esta dissertação, almeja-se realizar uma exposição

fotográfica que espelhe algumas das vivências, espaços e rostos da *Comunidade Desfavorecida de Darque*¹⁹, na cidade de Viana do Castelo, realizada por um fotógrafo portuense de renome, Paulo Pimenta²⁰, pois se consideram as imagens como meio favorecedor do conhecimento da cultura de determinadas comunidades ou agrupamentos (Hall, 1997), sendo que, este trabalho ambiciona refletir, através do recurso à fotografia, alguns aspetos socioculturais da *Comunidade Desfavorecida* com o objetivo de criação de valor social da mesma.

As políticas no sentido da inclusão social devem ter por base a “maior proximidade das situações materiais concretas” que desempenharão um “um papel decisivo e central na adequação das respostas” (Ruivo, 2000:16) aos problemas relacionados com a exclusão social. Tratam-se de processos complexos e morosos, no entanto ações concertadas contribuem para a inclusão social progressiva e para o fomento da cidadania. Como refere Paula Guerra “a inclusão ilustra uma nova etapa assente na aceitação e valorização da diversidade, na cooperação entre diferentes e na aprendizagem da multiplicidade; um processo através do qual a sociedade, nas suas mais diversas dimensões, se adapta de forma a poder incluir todos os indivíduos que, por sua vez, se preparam para desempenhar um papel nessa sociedade” (Guerra, 2012b: 99).

¹⁹ Após a declaração de consentimento informado.

²⁰ Paulo Pimenta é um fotojornalista portuense cujos trabalhos revelam um cariz sociopolítico, a título exemplificativo, o projeto por si desenvolvido *Vou ao Porto* sobre famílias que habitam bairros sociais localizados no Porto – Bairro São João de Deus, Bairro do Lagarteiro, Bairro do Cerco do Porto e Bairro Vale Campanhã (disponível em: <http://paulopimenta.blogspot.pt/2008/05/exposio-eu-vou-ao-porto.html>).

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, João Ferreira de (2013) – Notas finais. In *Desigualdades e perspectivas dos cidadãos: Portugal e a Europa*. Lisboa: Editora Mundos Sociais. ISBN 978-989-8536-19-8.
- BOURDIEU, Pierre (1987) – A economia das trocas simbólicas. 2ªed. São Paulo: Editora Perspectiva. ISBN 9788527301404.
- BOURDIEU, Pierre (1996) – *Razões Práticas: sobre a teoria da acção*. Oeiras: Celta Editora. ISBN 85-308-0393-0.
- CASTRO, José Luís; MARQUES, Ana Sofia (2000) – Contextualização do problema da inserção. In *Modelar: modelos de formação e inserção sócio-profissional de pessoas desfavorecidas: dimensões e tipologia*. Cadernos REAPN. Porto: Edição Gráfica, Composição e Impressão.
- CAPUCHA, Luís (2000) – Territórios da pobreza, onde é preciso voltar. In *Sociedade e Território*, n.º 30, 2000. p. 8-15.
- CERTEAU, Michel de (1990) - *L'invention du quotidien. Vol. 1: Acts de faire*. Paris: Union Générale d'Éditions.
- COSTA, António Firmino; VIEGAS, José Manuel Leite (1998) – *Portugal, que modernidade?* Oeiras: Celta Editora. ISBN 972-8027-90-7.
- COSTA, António Firmino da (2008) – Introdução. In *Sociedade de bairro. Dinâmicas sociais da identidade cultural*. Lisboa: Celta Editora. 2ªed. ISBN: 978-972-774-249-3.
- COULON, Alain (1995) - *A Escola de Chicago*. Campinas: Papirus Editora. ISBN 85-308-0359-0.
- CRENSHAW, Kimberlé (1991) – Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. *Stanford Law Review*. ISSN 00389765.
- CRESWELL, John W. (2014) – *Research design: qualitative, quantitative and mixed approaches*. 4ªed. California: Sage Publications. ISBN 978-1-522-7461-4.
- DIOGO, Fernando (2007) – *Pobreza, trabalho, identidade*. Lisboa: Celta Editora. ISBN 978-972-774-247-9.
- DOMINGUES, Álvaro (1994) – “(Sub)úrbios e (sub)urbanos – o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos?”, *Revista da Faculdade de Letras, Geografia*, 1ª série, Vol. X/XI, Porto, pp 5-18.
- DUBAR, Claude (1997) – A socialização: construção das identidades sociais e profissionais. Porto: Porto Editora. ISBN 972-0-34124-6.
- ESTIVILL, Jordi (Org.) (1997) – O partenariado e a luta contra a exclusão. In *O Partenariado Social na Europa: uma estratégia participativa para a inserção*.

- Cadernos REAPN. Barcelona: Editorial Hacer, S.L.
- FERNANDES, António Teixeira (1991) – *Formas e mecanismos de exclusão social*. Revista da Faculdade de Letras: Sociologia, série I, vol. 1 (1991), p. 9-66.
- FERNANDES, António Teixeira (1992) – “Espaço social e suas representações”. In *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras do Porto*, vol.II, Série I, 1992, p. 61-99.
- FERNANDES, António Teixeira (1995) – Etnicização e racização no processo de exclusão social. Separata da Revista da Faculdade de Letras. Sociologia. I Série. Vol. V. 1995. p. 7-67.
- FERNANDES, António Teixeira (2009) – *Democracia e cidadania*. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Série I, vol. 19, 2009.
- FORTUNA, Carlos (1999) – *Identidades, percursos e paisagens culturais*. Oeiras: Celta Editora. ISBN: 972-774-033-2.
- GANDRA, Florbela Maria da Silva Samagaio (2014) – Estudos e concepções sobre a pobreza e a exclusão social: uma revisitação sociológica. In *Participa(r) para escolher: um itinerário sociológico em torno de uma política social de cariz educador: o Programa Escolhas*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de doutoramento em sociologia.
- GUERRA, Paula (1992) – Tecido urbano actual: continuidade ou descontinuidade?. In *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras do Porto*, I Série, Vol.II, 1992, pp. 145-175.
- GUERRA, Paula (2002) – *A cidade na encruzilhada do urbano: algumas modalidades de relação e um estudo de caso acerca do processo de recomposição espacial e social do tecido urbano portuense na década de 90*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de mestrado em sociologia.
- GUERRA, Paula (2010) – Identidades, pertenças e estratégias no rock alternativo. In *A instável leveza do Rock: génese, dinâmica e consolidação do rock alternativo em Portugal (1980-2010)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Doutoramento em Sociologia.
- GUERRA, Paula (2012a) - A cidade inclusiva. In Figueiredo, António. M.; Penabad, J. M. P.; Álvarez, E. J. V. (coords.) - *Retos de la acción de Gobierno para las ciudades del siglo XXI/Desafios da governação das cidades do século XXI*. Porto/Vigo: Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular, p. 351-383.
- GUERRA, Paula (2012b) – “Da exclusão social à inclusão social: eixos de uma mudança paradigmática”. *Revista Angolana de Sociologia*, n. 10, p. 91-110.
- GIDDENS, Anthony (2013) – *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. ISBN 978-972-31-1503-1.

- GONÇALVES, Cândido Gomes (2013) – *Darque, o outro lado da cidade de Viana do Castelo*. Darque: Junta de Freguesia da Vila de Darque. ISBN 978-989-20-3954-1.
- HALL, Stuart (ed.) (1997) – *Representation. Cultural Representations and Signifying Practices*. Londres: Thousand Oaks, Nova Deli: Open University/Sage Publications.
- HARVEY, David (2008) - The right to the city. *New Left Review*, n. 53, p. 23-40.
- HAESBAERT, Rogério (2004) – *Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade*. Porto Alegre, Setembro de 2004. [Em linha]. [Consult. 14 jun. 2016]. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>.
- HELD, David (2013) – *Global transformation: politics, economics and culture*. Cambridge, Polity. ISBN 978-0-7456-3911-6.
- HESS, Rémi (1983) – *Sociologia de intervenção*. Porto: Rés. ISBN 9789727031221.
- JACQUIER, Claude (1993) – La citoyenneté urbaine dans les quartiers européens. In ROMAN, Joël (dir.) – *Ville, Exclusion et Citoyenneté – Entretien de la Ville II*. Paris: Editions Esprit.
- LEFEBVRE, Henri (1972) - *Le droit à la ville*. Paris: Éd. Anthropos.
- LORIOLO, Marc (dir.) (1999) – *Qu'est-ce que L'Insertion? Entre Pratiques Institutionnelles et Représentations Sociales*. Paris: L'Harmattan.
- MANDELA, Nelson (2006) – *Longo caminho para a liberdade: autobiografia*. Porto: Campo das Letras. ISBN 972-8146-21-3.
- MATIAS, Gonçalo Saraiva (2014) – *Migrações e cidadania*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- MENDES, Maria Manuela (1998) – Etnicidade cigana, Exclusão Social e Racismos. In *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, I Série, Vol. VIII, pp. 207-245.
- MENDES, Maria Manuela (2005a) – *Um olhar sobre a identidade e a alteridade: Nós, os Ciganos e os Outros, os Não Ciganos*. In *Actas do IV Congresso Português de Sociologia – Sociedade Portuguesa: passados Recentes, Futuros Próximos*. [Em linha]. [Consult. 12 out. 2016]. Disponível em <http://www.aps.pt/ivcongr-actas/Acta058.PDF>.
- MENDES, Maria Manuela (2005b) – *Nós, os Ciganos e os Outros: Etnicidade e Exclusão Social*. Lisboa: Livros Horizonte. ISBN 972-24-158-9.
- MOZZICAFREDDO, Juan (1997) – *Estado-Providência e Cidadania em Portugal*. Oeiras: Celta. ISBN 972-8027-56-7.
- PAUGAM, Serge (1991) - *La disqualification sociale: essai sur la nouvelle pauvreté*. Paris: Presses Universitaires de France. ISBN 2-13-043226-3.

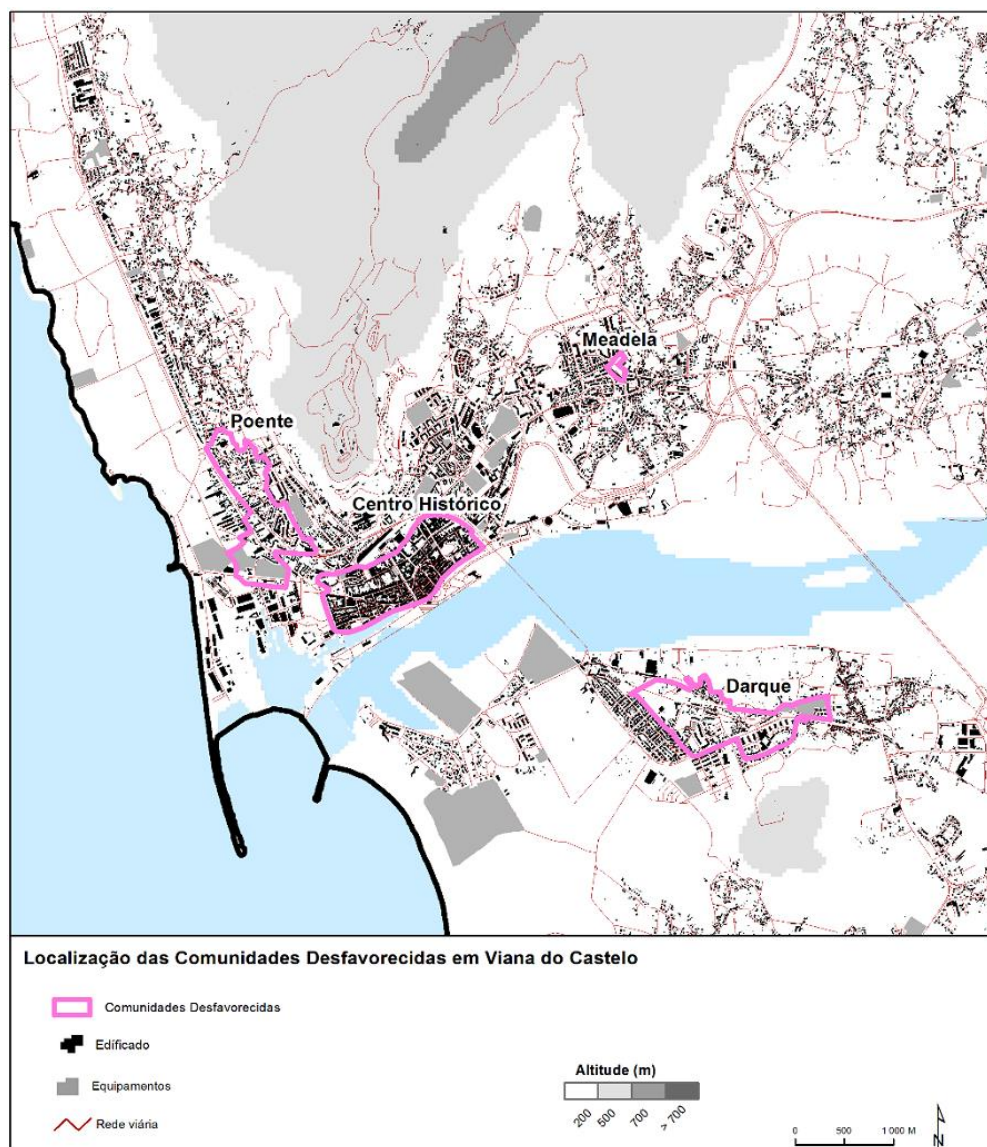
- PAUGAM, Serge (2005) - *Les formes élémentaires de la pauvreté*. Paris: Presses Universitaires de France. ISBN 2-13-051709-9.
- PEREIRA, Virgílio Borges; QUEIRÓS, João (2012) – Na Modesta Cidadezinha. Génese e estruturação de um bairro de casas económicas do Porto (Amial, 1938-2010). Porto, Edições Afrontamento.
- PEREIRA, Virgílio Borges; QUEIRÓS, João (2014) – “It’s not a bairro, is it?': subsistence sociability and focused avoidance in a public housing estate”. *Environment and Planning A*, 46: 1297-1316.
- PEREIRA, Virgílio Borges (Org.) (2016) – A Habitação Social na Transformação da Cidade. Sobre a Génese e Efeitos do «Plano de Melhoramentos para a Cidade do Porto» de 1956. Porto: Edições Afrontamento. ISBN 978-972-36-1478-7.
- PRETECEILLE, Edmund (1992) - *La ségrégation sociale dans les grands villes*. Paris: La Documentation Française.
- PINÇON, Michel; PINÇON-CHARLOT, Monique (1989) - *Dans les beaux quartiers*. Paris: Le Seuil.
- PINTO, José Madureira (1991) – *Considerações sobre a produção social de identidade*. Revista Crítica de Ciências Sociais, Faculdade de Economia da Universidade do Porto. N.º 32, pp. 217-231. [em linha]. [consultado a 22 nov. 2016]. Disponível em <http://www.ces.fe.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/32/Jose%20Madureira%20Pinto%20-%20Consideracoes%20Sobre%20a%20Producao%20Social%20de%20Identidade.pdf>.
- Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano (PEDU) de Viana do Castelo – *Plano de Ação Integrado para as Comunidades Desfavorecidas*. Viana do Castelo, Setembro de 2015.
- QUEIRÓS, João (2015) - *No centro à margem. Sociologia das intervenções urbanísticas e habitacionais do Estado no centro histórico do Porto*. Porto: Afrontamento. ISBN 978-972-36-1450-3.
- RANSOM, Janice (Coord.) (2000) – Introdução. In *Combater a exclusão social: identificar papéis e potencialidades do poder local: novos desafios e oportunidades*. Cadernos REAPN. Porto: Edição Gráfica, Composição e Impressão.
- RÉMY, Jean; VOYÉ Lilianne (1994) – *Cidade: rumo a uma nova definição?*, Porto, Edições Afrontamento, 1994, p.70.
- RODRIGUES, Eduardo Vítor (coord.) (1999) – A problemática da pobreza e da exclusão social: breve abordagem teórica. In *A pobreza e a exclusão social: teorias, conceitos e políticas sociais em Portugal*. Separata da Revista da Faculdade de Letras, Sociologia, I Série, Vol. IX, 1999, p. 63-101.

- RODRIGUES, Eduardo Vítor (2010) – O Estado e as Políticas Sociais em Portugal *Sociologia. Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, Vol. XX, 2010, pág. 191-230.
- ROMAN, Joël (ed.) (1993) – *Ville, Exclusion et Citoyenneté - Entretiens de la Ville II*. Paris: Editions Esprit.
- RUIVO, Fernando (2000) – Introdução. In *Poder local e exclusão social: dois estudos de caso de organização local da luta contra a pobreza*. Coimbra: Quarteto Editora. ISBN 972-8535-09-0.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (1988) – Uma cartografia simbólica das representações sociais: prolegómenos a uma concepção pós-moderna do direito. In *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 24, 1988, p. 140.
- SILVA, Augusto Santos (2009) – A ruptura com o senso comum nas ciências sociais. In SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira (org.) – *Metodologia das Ciências Sociais*. 15.ª ed. Porto: Ed. Afrontamento. ISBN 978-972-36-0503-7.
- SILVA, Augusto Santos (2016) – *A questão da identidade nacional: história e representação*. In Ficha de formação 1 – Portugal ao espelho. [Em linha]. [Consult. 19 dez. 2016]. Disponível https://portugalaoespelho.files.wordpress.com/2016/03/ficha_identidade-nacional.pdf.
- SIMMEL, Georg (1986) – *Sociologia: estudios sobre las formas de socialización*. Madrid: Alianza Editorial. ISBN 84-206-2965-0.
- STOLF, Elthon Diego (2009) – *Cidadania, Estado e Direitos: uma referência para o redimensionamento do conceito e da praxis da cidadania*. Santa Catarina: UFSC, Revista lus Gentium. ISSN 1983-8638.
- SOUZA, Sibely da Silva (2017) – *Periferias narrativas: vozes em trânsito*. Dissertação (Mestrado). Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.
- QUATERNAIRE PORTUGAL (2008) – *Nas Margens do Tâmega. Mercado de Trabalho, Pobreza e Exclusão: interações e intervenções*. Porto: Rede Europeia Anti-Pobreza. ISBN 978-989-95487-7-0.
- QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van (2013) – *Manual de investigação em ciências sociais*. 6ª ed. Lisboa: Gradiva. ISBN 978-972-275-8.
- WACQUANT, L. (1998) – A fleshpeddler at work: Power, pain, and profit in the prizefighting economy. *Theory and Society*, v. 27, n. 1, p. 1-42, 1998.
- WACQUANT, L. (2002) – *Corpo e alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

- WACQUANT, Loic (2003) – *Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Revan. ISBN 85-353-0218-2.
- WACQUANT, Loïc (2006) – *A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2006. P. 27-39. Separata da Revista da Faculdade de Letras, Sociologia, Porto, vol.16, 2006.
- WACQUANT, L. (2008) – *Urban outcasts: A comparative sociology of advanced marginality*. Cambridge: Polity Press, 2008.
- WEBER, Max (1982) – *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar editores.
- WIRTH, Louis (1998) – *The ghetto*. New Brunswick: Transaction Publishers. ISBN 1-56000-983-7.

Anexos

Anexo 1 – Localização das *Comunidades Desfavorecidas de Viana do Castelo*



Fonte: INE, 2011; CEGOT.UP.

Anexo 2 – Localização da *Comunidade Desfavorecida Darque*



Fonte: INE, 2011; CEGOT.UP.

Anexo 3 – Caracterização sociodemográfica da *Comunidade Desfavorecida de Darque*, 2011

POPULAÇÃO	Comunidade Desfavorecida	Peso Total Com.Desfav.	Peso no Concelho
População Residente 2001	2 712		3,1%
População Residente 2011	2 571		2,9%
Taxa Variação Pop. Resid. 2001-2011	-5%		
População Residente Jovem (0-24 anos) 2011	818	32%	3,7%
População Residente Jovem (25-64 anos) 2011	1 425	55%	2,9%
População Residente Idosa (>= 65 anos) 2011	328	13%	1,9%
Nº Famílias Clássicas 2001	853		3,0%
Nº Famílias Clássicas 2011	946		3,0%
Taxa Variação Fam. Cláss. 2001-2011	11%		
Pop. 65 anos a Residir Só 2011 *	67	20%	0,8%
Pop. Resid. Imigrante (Brasil Angola, C.Verde, S.Tomé, G.Bissau, Timor Leste;Macau) 2011	0		0,0%
* Valor estimado a partir da % Idosos Sós por subsecção do INE e Peso na CD no total Pop. Idosa			
ESCOLARIEDADE			
População Residente 2011	2 571	100%	
População Residente Não Sabe Ler/ Escrever 2011	130	5%	3,6%
População Residente Ensino 1º, 2º e 3º Ciclo 2011	1 623	63%	3,3%
População Residente Ensino Secundário 2011	262	10%	2,2%
População Residente Ensino Pós-Secundário 2011	8	0%	1,3%
População Residente Ensino Superior 2011	103	4%	1,0%
Pop. Resid. Sem Nível de Escolaridade Completo 2011*	445	17%	3,5%
(*) Pop.Resid./Nível Escolarid. Completo = Pop.Residente-(Não sabe ler/escrever+ensino básico+secundário+pós-secund.+superior)			
DESEMPREGO / EMPREGO			
População Residente 2011	2 571	100%	
População Residente Ativa 2011	1 080	42%	2,6%
População Residente Reformada /Pensionista 2011	425	17%	2,1%
População Residente Desempregada 2011	170		3,3%
Pop. Resid. Desempregada Procura 1º Emprego 2011	24		2,5%
Pop. Resid. Desempregada à Procura de Novo Emprego 2011	146		3,5%
Taxa Desemprego	16%		
População Residente Empregada 2011	910		2,5%
Pop. Resid. Empregada no Setor Primário 2011	22	2%	3,0%
Pop. Resid. Empregada no Setor Secundário 2011	299	33%	2,4%
Pop. Resid. Empregada no Setor Terciário 2011	589	65%	2,5%
EDIFICADO			
Nº Total Edifícios Clássicos 2001	391		1,4%
Nº Total Edifícios Clássicos 2011	461		1,4%
Taxa Variação Edifícios Cláss. 2001-2011	18%		
Nº Edifícios Antigos (Construídos até 1980) 2011	246	53%	1,5%
Nº Edifícios Degradados 2011 *	160	35%	2,5%
Nº Total Alojamentos 2001	1 376		3,2%
Nº Total Alojamentos 2011	1 495		3,1%
Taxa Variação Alojamentos 2001-2011	9%		
Nº Alojamentos Familiares Não Clássicos 2011	1	0,1%	3,4%
Nº Alojamentos Vagos 2011	262	18%	5,8%
Nº Alojamentos Sobrelotados 2011	154	10%	5,5%
(*) Cálculo estimado a partir da % de Edifícios com necessidades de reparação (Pequenas, Médias, Grandes e Muito degradados) do INE			

Fonte: Plano de Ação Integrado para as Comunidades Desfavorecidas. Viana do Castelo, Setembro de 2015.

Anexo 4 – Ensaio fotográfico

Darque corresponde a uma área urbana consolidada, no seio da qual podem também encontrar-se subáreas como bairros sociais e núcleos de construção precária, em que a diversidade e complexidade das problemáticas sociais presentes impõem uma lógica de intervenção social especialmente dinâmica e inovadora. Nesta área localizada a sul do rio, que constitui uma das “portas” de entrada na cidade e onde, nas últimas décadas, têm-se concentrado numerosos segmentos da população vianense (autóctone e recém-chegada), havendo um total de 461 edifícios clássicos (+17,9% face a 2001), correspondentes a 455 habitações e 6 espaços não habitacionais.

Parque habitacional – IHRU – Bairro do Fomento











Parque habitacional – Bairro Municipal do Lugar da Areia – *Bairro 3 de julho*









Anexo 5 – Grelha de observação

Designação do espaço habitacional: _____

Categorias de observação	Subcategorias de observação
Espaço habitacional	Caracterização física
	Modos de utilização e de apropriação do espaço físico
	Caracterização sociográfica dos indivíduos
	Práticas, sociabilidades e relações de vizinhança
Espaço envolvente	Caracterização física
	Modos de utilização e de apropriação do espaço físico
	Caracterização sociográfica dos indivíduos
	Práticas, sociabilidades e relações de vizinhança
Equipamentos existentes nas proximidades	Caracterização física
	Tipologia dos equipamentos
	Modos de utilização e de apropriação do espaço físico
	Práticas e sociabilidades
Serviços existentes nas proximidades	Caracterização física
	Tipologia dos serviços
	Modos de utilização e de apropriação do espaço físico
	Práticas e sociabilidades

Anexo 6 – Guião das histórias de vida

Atores sociais da comunidade – *O eu, a comunidade e o território*

Entrevistadora (E): Marta Rodrigues	
Dados do/a entrevistado/a (e)	
Nome	
Idade	
Profissão	
Local de residência	
Escolaridade	
Cargo/função atual/ligação com o Bairro	
Espaço habitacional atual	
Dados da entrevista	
Data	
Hora	
Local	
Duração	

1. **Trajetórias individuais/socioculturais:** indicadores estruturantes – contextos familiar, escolar, profissional e residencial

1.1. **Trajetória familiar**

1.1.1. Onde nasceu?

1.1.2. Qual o local de origem dos seus familiares?

1.1.3. Qual/quais a/as profissão/profissões dos seus pais? Porquê?

1.1.4. Com quem vive? Porquê?

1.2. **Trajetória escolar**

1.2.1. Qual a sua escolaridade? Porquê? [insucesso, abandono, baixas qualificações e carência de aspirações escolares ou estigmatização na escola]

1.2.2. Com que idade terminou a escolaridade? Porquê?

- 1.2.3. Está satisfeita com a sua escolaridade? Porquê?
- 1.2.4. Qual a importância da escola para si?
- 1.2.5. Tem filhos na escola?
- 1.2.6. Na sua família há situações de insucesso e abandono escolar, baixa escolaridade ou analfabetismo?

1.3. Trajetória profissional

- 1.3.1. Qual a sua profissão? Porquê?
- 1.3.2. Que profissões já teve? Porquê?
- 1.3.3. Na sua família há situações de desemprego? Porquê?

1.4. Trajetória residencial/geográfica

- 1.4.1. Em que locais já residiu? Sempre foi em habitações sociais?
- 1.4.2. Porque reside neste bairro social? Desde quando reside neste bairro social?
- 1.4.3. A habitação onde reside sempre foi assim ou houve mudanças? Porquê?
- 1.4.4. Onde vive há reuniões de moradores? [Sim – motivos, periodicidade, assiduidade dos moradores, capacidade de resolução dos problemas; Não – motivos da não ocorrência]
- 1.4.5. Acha que é um bom ou mau local para se viver? Porquê? Gostava que os seus filhos continuassem a viver aqui?

2. O eu para o outro – representações acerca dos processos diacrónico e sincrónico de exclusão social

- 2.1. Acha que viver onde vive prejudica a sua situação na sociedade? Acha que viver onde vive torna mais difícil conseguir mudar de vida? Porquê?
- 2.2. Acha que as pessoas de fora do bairro olham para si e agem de forma diferente em relação a si do que se não vivesse aqui? Porquê?
- 2.3. Acha que a pobreza e outros fatores de desfavorecimento no bairro são parecidas ou há muitas diferenças? Porquê?
- 2.4. Como se relaciona com as pessoas do bairro? Porquê?

- 2.5. Como se relaciona com as pessoas de fora do bairro? Porquê?
- 2.6. Sente que pertence e as outras pessoas do bairro pertencem à cidade de Viana do Castelo? Porquê?

3. O espaço habitacional e o espaço público – a comunidade e o espaço em relação

- 3.1. Existem conflitos no bairros e espaços envolventes? Quais os locais, atores envolvidos, frequência e motivos?
- 3.2. Existe vandalismo e agressividade no bairro e espaços envolventes? Quais os locais, atores envolvidos, frequência e motivos?
- 3.3. Sente-se segura a viver no bairro? Porquê?
- 3.4. Sente que pertence e identifica-se com os modos de viver do bairro? Porquê?
- 3.5. Como são ocupados os espaços envolventes do bairro e que atividades se desenvolvem? Porquê?
- 3.6. O espaço do bairro e os espaços envolventes são parecidos ou há muitas diferenças? Porquê?
- 3.7. O que pensa das escolas, serviços de saúde, serviços sociais e culturais, de lazer e espaços de comércio de Darque? Quais costuma frequentar mais? Porquê?
- 3.8. Como é o aspeto das habitações sociais e espaços envolventes: modos de conservação dos prédios, paredes, canalizações e pavimentos, configuração dos espaços públicos, jardins, limpeza, locais e responsáveis? Porquê?
- 3.9. O que mais gosta e o que menos gosta no local onde vive? Porquê?
- 3.10. Acha que tem condições dignas no bairro onde vive? Porquê?

4. A comunidade e as suas vivências, relações, práticas e convivialidades

- 4.1. Como ocupa o seu dia-a-dia? Porquê?
- 4.2. Sente-se integrada no bairro? Porquê?
- 4.3. Quais acha que são os principais valores dos moradores do bairro? Porquê?
- 4.4. Quais os principais costumes dos moradores do bairro? Porquê?
- 4.5. Quais as formas os moradores do bairro ocupam o seu dia-a-dia e quais os locais? Porquê?

- 4.6. Acha que há muitas diferenças entre os moradores do bairro em termos da sua cultura? Porquê?
- 4.7. Como são as relações entre vizinhos? Porquê?
- 4.8. Como acha que são as relações entre ciganos e não ciganos e indivíduos com outras diferenças socioculturais, acha que são pacíficas ou há conflito? Porquê?
- 4.9. Como se relacionam os moradores do bairro com pessoas que não vivem aqui? Porquê?
- 4.10. Acha que os relacionamentos são melhores os moradores do bairro, de fora do bairro ou da mesma forma com os moradores e não moradores do bairro? Porquê?
- 4.11. Como são as atividades coletivas dos moradores pessoas do bairro? Porquê?
- 4.12. Quais as associações de Darque que conhece?
- 4.13. Quais as associações existentes perto do bairro?
- 4.14. Em que associações participa? Porquê?
- 4.15. Qual a importância e a participação da comunidade? Porquê?
- 4.16. Os transportes em Darque são suficientes? Como se dirige à cidade? Porquê?
- 4.17. O que costuma fazer quando vai à cidade de Viana do Castelo?
- 4.18. O que mudou na sua vida desde que vive aqui? Há algo que não fazia e agora faz e o que é que fazia e agora não faz?

5. Comunidade e campo político em relação

- 5.1. Os moradores do bairro participam em associações e eventos sociais e cívicos [grupos desportivo, recreativos, religiosos e políticos e de lazer]? Porquê?
- 5.2. Como descreve o apoio político que é dado aos moradores do bairro por parte da Câmara de Viana do Castelo, da Junta de Freguesia de Darque e dos técnicos sociais? Porquê?
- 5.3. Conhece alguma política para os moradores do bairro? Acha que é/são eficaz/eficazes? Porquê?
- 5.4. Quais os apoios sociais que recebe?
- 5.5. Quais os principais problemas do bairro? Quais os responsáveis e as sugestões para mudar? Porquê?

6. Visão prospectiva – projetos futuros

- 6.1. Tem intenções de mudar de residência? E de sair de Darque? Porquê?
- 6.2. Está satisfeita com a situação de vida atual? Porquê?

Anexo 7 – Guiões das entrevistas semi-diretivas

Anexo 7.1. – Atores políticos autárquicos – *O poder local e a comunidade*

Entrevistadora (E): Marta Rodrigues	
Dados do/a entrevistado/a (e)	
Nome	
Idade	
Profissão	
Local de residência	
Escolaridade	
Cargo/função atual/ligação com o Bairro	
Dados da entrevista	
Data	
Hora	
Local	
Duração	

1. A comunidade

1.1. De que forma caracteriza as relações que se estabelecem entre os indivíduos que integram a Comunidade Desfavorecida de Darque? São maioritariamente pautadas por consenso ou conflito?

1.2. Considera que as relações sociais são mais favoráveis entre as pessoas da Comunidade Desfavorecida de Darque, que não integram a comunidade ou não destaca diferenças? Quais os motivos subjacentes?

1.3. Quais considera serem as principais autorrepresentações dos indivíduos em situações de desfavorecimento relativamente aos espaços que habitam e à sua condição? Que motivos pensa estarem subjacentes às mesmas?

1.4. Quais os principais recursos culturais e artísticos da Comunidade Desfavorecida de Darque?

1.5. Quais as principais práticas socioculturais da Comunidade Desfavorecida de Darque?

- 1.6. Quais os meios de socialização, modos de ocupação quotidiana e locais de preferência da Comunidade Desfavorecida de Darque?
- 1.7. Considera que as práticas socioculturais e as sociabilidades da *Comunidade Desfavorecida de Darque* são homogéneas ou heterogéneas?
- 1.8. Como se configuram as relações entre ciganos e não ciganos e entre indivíduos com outras diferenças socioculturais que integram a Comunidade Desfavorecida de Darque? Quais os principais fatores impulsionadores?
- 1.9. Ocorrem frequentemente desentendimentos tendo por base a apropriação dos espaços e as diferenças étnicas da Comunidade Desfavorecida de Darque? Quais os locais, atores envolvidos e motivos por detrás das ocorrências?
- 1.10. É frequente assistir-se a práticas delinquentes e reveladoras de agressividade por parte da Comunidade Desfavorecida de Darque? Quais os locais, atores envolvidos e motivos por detrás das ocorrências?
- 1.11. Considera que se vivencia um certo grau de insegurança? Quais os locais, atores envolvidos e motivos?
- 1.12. Quais as principais modalidades de participação e associação social e cívica da *Comunidade Desfavorecida de Darque* (integração em grupos desportivos, recreativos, religiosos e políticos) e quais os motivos que subjazem? Qual a importância do envolvimento da *Comunidade Desfavorecida de Darque* em associações e em que medida o associativismo contribui para o combate à exclusão social?
- 1.13. Considera que as situações de desfavorecimento da *Comunidade Desfavorecida de Darque* e a vivência em bairros e acampamento constituem elementos que provocam e ou agravam situações de pobreza e exclusão? De que forma?
- 1.14. Testemunhou ou tem conhecimento de experiências e exemplos de estigmatização relativamente a membros da comunidade desfavorecida em Darque, por parte de indivíduos não desfavorecidos em Darque?
- 1.15. No que se refere à mobilidade, considera que esta é favorável no âmbito da freguesia? Como são realizadas as idas à cidade por parte da *Comunidade Desfavorecida de Darque* e quais os motivos que aponta como condicionantes?

2. Caracterização do espaço físico da comunidade

- 2.1. Como caracteriza o aspeto geral dos espaços habitacional e público da Comunidade Desfavorecida de Darque, isto são, os modos de conservação dos prédios, paredes, canalizações e pavimentos, a configuração dos espaços públicos, jardins, limpeza, locais, e quais considera serem os responsáveis e os motivos subjacentes?
- 2.2. Quais as especificidades, potencialidades e limitações das escolas, serviços de saúde, serviços sociais e culturais, de lazer e espaços de comércio para a Comunidade Desfavorecida de Darque?
- 2.3. Existem mediadores e mediadores interculturais a desempenhar funções na área da habitação social da freguesia no que concerne ao acompanhamento das famílias? (Se sim: De que forma se processa esta mediação?)
- 2.4. Existem iniciativas que visam a sensibilização das famílias em situações de desfavorecimento para o bom uso do parque habitacional, nomeadamente direccionadas para a gestão dos condomínios?
- 2.5. Considera que os membros da *Comunidade Desfavorecida de Darque* se sentem integrados nos espaços que habitam e frequentam?

3. A comunidade no contexto de Viana do Castelo

- 3.1. Quais considera serem as principais representações relativamente aos indivíduos em situações de desfavorecimento relativamente aos espaços que habitam e à sua condição por parte do exterior?/Como se configura e manifesta a estigmatização e quais os motivos subjacentes? Que motivos pensa estarem subjacentes às mesmas?
- 3.2. Como caracteriza as relações dos indivíduos que integram a *Comunidade Desfavorecida de Darque* com os indivíduos que não a integram?
- 3.3. Qual a posição da *Comunidade Desfavorecida de Darque* no âmago da cidade de Viana do Castelo? Considera que a comunidade está bem integrada e que há uma assunção mútua (do interior e do exterior) da pertença do indivíduo, da comunidade e do espaço à cidade?
- 3.4. Testemunhou ou tem conhecimento de experiências e exemplos de estigmatização face à *Comunidade Desfavorecida de Darque*?

4. Campo político e comunidade em relação

4.1. De que forma caracteriza o apoio político à comunidade: qual o papel e ação política, técnica e institucional [da autarquia e da freguesia e respetivos técnicos que lidam diretamente com a Comunidade Desfavorecida de Darque]?

4.2. Quais as relações e reações da *Comunidade Desfavorecida de Darque* com e face às intervenções?

4.3. Testemunhou ou tem conhecimento de práticas de segregação, estigmatização e etnocentrismo dos técnicos face à *Comunidade Desfavorecida de Darque*?

4.4. Quais considera serem as atitudes que a *Comunidade Desfavorecida de Darque* tem relativamente aos órgãos políticos e à intervenção?

5. O PEDU (Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano) e a comunidade

5.1. Tendo em conta que os principais objetivos deste plano passam pela (1) requalificação do parque habitacional degradado e promoção do acesso à habitação, (2) requalificação e animação dos espaços públicos inseridos em zonas desfavorecidas, (3) promoção da reabilitação e reconversão dos equipamentos de utilização coletiva de vocação social, cultural e económica, (4) fomento da empregabilidade e combate o desemprego de longa duração, (5) combate ao insucesso escolar e integração dos jovens e (6) promoção da convivialidade intergeracional e o envelhecimento ativo, considera que estes objetivos têm sido concretizados? (Se não: O que há a fazer?)

5.2. Considera a eficazes as modalidades e os instrumentos de intervenção?

5.3. Considera que o programa, na sua globalidade, se revelou eficaz ou ineficaz?

6. Balanço da intervenção e da relação entre comunidade e os poderes políticos locais

6.1. De um modo geral, como caracteriza a intervenção e a relação com a Comunidade Desfavorecida de Darque?

6.2. Destacaria algum ponto acerca da *Comunidade Desfavorecida de Darque* que não abordou, mas que tem conhecimento e considera relevante neste âmbito?

Anexo 7.2. – Atores institucionais e técnicos locais (técnicos sociais, educativos* e outros com relação direta com a Comunidade Desfavorecida de Darque) – Os atores interventivos locais e a comunidade

Entrevistadora (E): Marta Rodrigues	
Dados do/a entrevistado/a (e)	
Nome	
Idade	
Profissão	
Local de residência	
Escolaridade	
Cargo/função atual/ligação com o Bairro	
Programa, escola a que pertence [Atores Educativos locais – Programa Escolhas, TEIP]	
Dados da entrevista	
Data	
Hora	
Local	
Duração	

1. A comunidade

1.1. De que forma caracteriza as relações que se estabelecem entre os indivíduos que integram a Comunidade Desfavorecida de Darque? São maioritariamente pautadas por consenso ou conflito?

1.2. Considera que as relações sociais são mais favoráveis entre as pessoas da Comunidade Desfavorecida de Darque, que não integram a comunidade ou não destaca diferenças? Quais os motivos subjacentes?

1.3. Quais considera serem as principais autorrepresentações dos indivíduos em situações de desfavorecimento relativamente aos espaços que habitam e à sua condição? Que motivos pensa estarem subjacentes às mesmas?

- 1.4. Quais os principais recursos culturais e artísticos da Comunidade Desfavorecida de Darque?
- 1.5. Quais as principais práticas socioculturais da Comunidade Desfavorecida de Darque?
- 1.6. Quais os meios de socialização, modos de ocupação quotidiana e locais de preferência da Comunidade Desfavorecida de Darque?
- 1.7. Considera que as práticas socioculturais e as sociabilidades da *Comunidade Desfavorecida de Darque* são homogêneas ou heterogêneas?
- 1.8. Como se configuram as relações entre ciganos e não ciganos e entre indivíduos com outras diferenças socioculturais que integram a *Comunidade Desfavorecida de Darque*? Quais os principais fatores impulsionadores?
- 1.9. Ocorrem frequentemente desentendimentos tendo por base a apropriação dos espaços e as diferenças étnicas da *Comunidade Desfavorecida de Darque*? Quais os locais, atores envolvidos e motivos por detrás das ocorrências?
- 1.10. É frequente assistir-se a práticas delinquentes e reveladoras de agressividade por parte da *Comunidade Desfavorecida de Darque*? Quais os locais, atores envolvidos e motivos por detrás das ocorrências?
- 1.11. Considera que se vivencia um certo grau de insegurança? Quais os locais, atores envolvidos e motivos?
- 1.12. Quais as principais modalidades de participação e associação social e cívica da *Comunidade Desfavorecida de Darque* (integração em grupos desportivos, recreativos, religiosos e políticos) e quais os motivos que subjazem? Qual a importância do envolvimento da *Comunidade Desfavorecida de Darque* em associações e em que medida o associativismo contribui para o combate à exclusão social?
- 1.13. Considera que as situações de desfavorecimento da *Comunidade Desfavorecida de Darque* e a vivência em bairros e acampamento constituem elementos que provocam e ou agravam situações de pobreza e exclusão? De que forma?
- 1.14. Testemunhou ou tem conhecimento de experiências e exemplos de estigmatização relativamente a membros da *comunidade desfavorecida em Darque*, por parte de indivíduos não desfavorecidos em Darque?

1.15. No que se refere à mobilidade, considera que esta é favorável no âmbito da freguesia? Como são realizadas as idas à cidade por parte da *Comunidade Desfavorecida de Darque* e quais os motivos que aponta como condicionantes?

2. Caracterização do espaço físico da comunidade

2.1. Como caracteriza o aspeto geral dos espaços habitacional e público da Comunidade Desfavorecida de Darque, isto são, os modos de conservação dos prédios, paredes, canalizações e pavimentos, a configuração dos espaços públicos, jardins, limpeza, locais, e quais considera serem os responsáveis e os motivos subjacentes?

2.2. Quais as especificidades, potencialidades e limitações das escolas, serviços de saúde, serviços sociais e culturais, de lazer e espaços de comércio para a Comunidade Desfavorecida de Darque?

2.3. Existem mediadores e mediadores interculturais a desempenhar funções na área da habitação social da freguesia no que concerne ao acompanhamento das famílias? (Se sim: De que forma se processa esta mediação?)

2.4. Existem iniciativas que visam a sensibilização das famílias em situações de desfavorecimento para o bom uso do parque habitacional, nomeadamente direccionadas para a gestão dos condomínios?

2.5. Considera que os membros da *Comunidade Desfavorecida de Darque* se sentem integrados nos espaços que habitam e frequentam?

3. A comunidade no contexto de Viana do Castelo

3.1. Quais considera serem as principais representações relativamente aos indivíduos em situações de desfavorecimento relativamente aos espaços que habitam e à sua condição por parte do exterior?/Como se configura e manifesta a estigmatização e quais os motivos subjacentes? Que motivos pensa estarem subjacentes às mesmas?

3.2. Como caracteriza as relações dos indivíduos que integram a *Comunidade Desfavorecida de Darque* com os indivíduos que não a integram?

3.3. Qual a posição da *Comunidade Desfavorecida de Darque* no âmago da cidade de Viana do Castelo? Considera que a comunidade está bem integrada e que há uma

assunção mútua (do interior e do exterior) da pertença do indivíduo, da comunidade e do espaço à cidade?

3.4. Testemunhou ou tem conhecimento de experiências e exemplos de estigmatização face à Comunidade Desfavorecida de Darque?

4. Campo político e comunidade em relação

4.1. De que forma caracteriza o apoio político à comunidade: qual o papel e ação política, técnica e institucional [da autarquia e da freguesia e respetivos técnicos que lidam diretamente com a Comunidade Desfavorecida de Darque]?

4.2. Quais as relações e reações da *Comunidade Desfavorecida de Darque* com e face às intervenções?

4.3. Testemunhou ou tem conhecimento de práticas de segregação, estigmatização e etnocentrismo dos técnicos face à *Comunidade Desfavorecida de Darque*?

4.4. Quais considera serem as atitudes que a *Comunidade Desfavorecida de Darque* tem relativamente aos órgãos políticos e à intervenção?

5. O PEDU (Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano) e a comunidade

5.1. Tendo em conta que os principais objetivos deste plano passam pela (1) requalificação do parque habitacional degradado e promoção do acesso à habitação, (2) requalificação e animação dos espaços públicos inseridos em zonas desfavorecidas, (3) promoção da reabilitação e reconversão dos equipamentos de utilização coletiva de vocação social, cultural e económica, (4) fomento da empregabilidade e combate o desemprego de longa duração, (5) combate ao insucesso escolar e integração dos jovens e (6) promoção da convivialidade intergeracional e o envelhecimento ativo, considera que estes objetivos têm sido concretizados? (Se não: O que há a fazer?)

5.2. Considera a eficazes as modalidades e os instrumentos de intervenção?

5.3. Considera que o programa, na sua globalidade, se revelou eficaz ou ineficaz?

6. **A escola*** *Atores Educativos*²¹ [Programa Escolhas, TEIP]

6.1. Destaque aquelas que considera serem as expectativas dos alunos desfavorecidos relativamente à escola.

6.2. As aspirações escolares e profissionais dos alunos desfavorecidos são dependentes ou independentes das suas expectativas?/Apesar das baixas expectativas em relação à escola as aspirações profissionais dos alunos correspondem às primeiras?

6.3. Delimite as principais condicionantes do insucesso e abandono escolar.

6.4. Quais as principais estratégias e procedimentos de combate ao insucesso e abandono escolares?

6.5. De que forma se potenciam os recursos culturais, artísticos e históricos do bairro e da comunidade em ambiente escolar?/Na escola, realizam-se trabalhos e reflexões acerca do bairro e da comunidade?

7. **Balanço da intervenção e da relação entre comunidade e os poderes políticos locais**

7.1. De um modo geral, como caracteriza a intervenção e a relação com a Comunidade Desfavorecida de Darque?

7.2. Destacaria algum ponto acerca da *Comunidade Desfavorecida de Darque* que não abordou, mas que tem conhecimento e considera relevante neste âmbito?

²¹ Para além dos pontos anteriores, abordar também os que se seguem a esta categoria de entrevistados.

Anexo 8 – B.I. dos atores socioinstitucionais entrevistados

Profissão/Função	Instituição/Projeto
Ator autárquico	Divisão da Ação Social de Viana do Castelo
Investigadora	Observatório das Comunidades Ciganas
Assistente Operacional 1	Programa Escolhas: <i>Dar-que Pensar</i>
Assistente Operacional 2	Programa Escolhas: <i>Dar-que Pensar</i>
Ator autárquico	Junta de Freguesia de Darque
Técnica Superior	Equipa de RSI de Darque
Professora	Escola EB23 Carteadado Mena